

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural**



**Dissertação**

**Memória da Militância Negra durante a Ditadura Militar no Brasil e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira (1971-1988)**

**Geanine Vargas Escobar**

**Pelotas, 2014.**

**GEANINE VARGAS ESCOBAR**

**Memória da Militância Negra durante a Ditadura Militar no Brasil e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira (1971-1988)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em memória Social e Patrimônio cultural.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Francisca Ferreira Michelin

Coorientador: Dr. Lúcio Menezes Ferreira

Pelotas, 2014.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

E74m Escobar, Geanine Vargas

Memória da militância negra durante a Ditadura Militar no Brasil e a luta antirracista através do acervo fotográfico de Oliveira Silveira (1971-1988) / Geanine Vargas Escobar ; Francisca Ferreira Michelin, orientadora ; Lúcio Menezes Ferreira, coorientador. — Pelotas, 2014.

141 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

1. Fotografia. 2. Negritude. 3. Patrimônio. 4. Memória. 5. Oliveira Silveira. I. Michelin, Francisca Ferreira, orient. II. Ferreira, Lúcio Menezes, coorient. III. Título.

CDD : 770.9

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Geanine Vargas Escobar

**Memória da Militância Negra durante a Ditadura Militar no Brasil e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira (1971-1988)**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em memória Social e Patrimônio cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 25 de fevereiro de 2014.

Banca examinadora:

.....  
Prof<sup>a</sup> Francisca Ferreira Michelin (Orientadora)  
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

.....  
Prof. Carolina Martins Etcheverry  
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

.....  
Prof. Pedro Paulo Funari  
Doutor em Arqueologia pela Universidade de S. Paulo - USP



*Oliveira Ferreira da Silveira e Geanine Vargas Escobar.  
Apresentação do Espetáculo Assuma Sua Negritude no Theatro Treze de Maio - Santa Maria,  
2007. Fonte: Acervo particular da autora.*

*Dedico essa dissertação ao Poeta da Consciência Negra, o Mestre Oliveira Ferreira da Silveira, pela sua luta incansável contra o racismo, pelo legado de histórias e memórias negras, pelos patrimônios materiais e imateriais negros que deixou para as comunidades negras do Brasil.*

## Agradecimentos

À Prof<sup>a</sup> Francisca Ferreira Michelin, minha orientadora, pelos ensinamentos, pela confiança e carinho.

Ao Prof. Lúcio Menezes, meu coorientador, pelas contribuições e incentivo à pesquisa.

À Prof<sup>a</sup> Carolina Etcheverry pelas contribuições no Exame de Qualificação.

Ao Prof. Diorge Konrad, pela acolhida calorosa e atenção que me deste como aluna especial na disciplina “*Ditadura Civil-Militar no Brasil*” no Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria UFSM.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, que contribuíram com esse trabalho através de seus ensinamentos.

À CAPES pela bolsa que auxiliou sobremaneira o desenvolvimento da pesquisa.

Aos meus entrevistados, pela confiança, disponibilidade e generosidade com que me receberam: Deivison Campos e Juarez Ribeiro.

À antiga secretária do mestrado Nanci Ribeiro Santos, pelo carinho e atenção sempre recebida.

À Naiara Rodrigues Silveira Lacerda e toda a “*família Oliveira Silveira*”, pela confiança e apoio no desenvolvimento dessa pesquisa.

À minha mãe Giane Escobar e pai Adelar Escobar, pelo incentivo, apoio financeiro e emocional.

À minha irmã Aline Escobar, pelo melhor abraço do mundo.

À minha esposa Andressa Duarte, pela paciência, pelas palavras motivadoras e amor incondicional.

Agradeço à toda minha família, sempre preocupada e atenciosa, nos nomes dos meus avós: Celanira Rodrigues Escobar, Jorge Natal da Silva Vargas e Jombelina da Silva Vargas.

Agradeço ao meu tio Giovane da Silva Vargas e ao meu primo Eduardo Vargas pelo carinho e apoio.

Agradeço ao meu padrinho do coração Paulo Daniel Simões (Panthera), à minha madrinha do coração Alcione Flores do Amaral e à minha madrinha de batismo Jandira Vargas pelo carinho e apoio.

Agradeço por ter encontrado uma família em Pelotas, formada por laços eternos de amor e amizade: Edegar Ribeiro Júnior, Luísa Maciel e Ana Paula da Rosa Leal.

Agradeço à pessoa generosa que me passou grande parte do material para eu estudar para a prova do mestrado: a fotógrafa Kátia Helena.

Agradeço ao ativista social e fotógrafo Eduino de Mattos, de Porto Alegre, que auxiliou na reprodução fotográfica de algumas imagens aqui apresentadas.

Agradeço pela convivência e aprendizado com os colegas de mestrado, em especial: Darlan De Mamann Marchi, meu amigo historiador, ator e uma das pessoas mais doces que conheço.

Agradeço às famílias afrocentradas que me receberam de braços abertos em Porto Alegre para a execução da pesquisa, as quais me passaram ensinamentos enegrecedores: Kyzzy Barcelos e Vladimir Rodrigues e seus filhos; Cristina Rodrigues e Evandoir Rodrigues e filhos; Suzana Ribeiro e Juarez Ribeiro e filho.

À Fernanda Silva pelo carinho e por me receber sempre de braços abertos em sua casa.

Às duas jovens negras militantes que me inspiram: Pamela Amaro e Camila Ribeiro, a primeira por ser uma revolucionária do samba e por me inspirar sempre e a segunda pelos compartilhamentos museológicos e abraços cheios de luz.

Aos amigos que me receberam em suas casas em Pelotas: Zé Everton, o professor de música mais dedicado que conheço e a atriz Taiane Fernandes, minha princesa dos *dreads* coloridos.

Agradeço a todos os amigos e amigas, pela força transmitida e por compreenderem minhas ausências, em especial: Cristiane Gomes, Wagner Mazzaro, Kalliandra Konrad, Luiza Nascimento, Jobsana Martins, Elisa Splet e Camila Medeiros.

Agradeço aos amigos que fiz no decorrer da pesquisa e que me confortaram com abraços e gargalhadas, em especial: Juan Sanches e Guiga Narcizo.

À minha turma 232 da época do colégio Sant'Anna, que há mais de dez anos me ensina o valor das amizades verdadeiras. Lembro aqui os momentos bons ao lado

do anjo que agora nos acompanha: Bruno Portella Fricks (*In memoriam*). Nunca nos esqueceremos da Tragédia da Kiss, lutaremos por justiça sempre.

Agradeço a todos os amigos, militantes da museologia social, em especial: Treyce Ellen Goulart, Jean Baptista e Tony Boita, com os quais aprendo todos os dias.

Agradeço às meninas e mulheres negras da JuNF - Juventude Negra Feminina de Santa Maria – RS, pela confiança e amizade. Pelas tardes e noites de discussão sobre negritude e pela conquista coletiva que alcançamos juntas: tornar a pauta do feminismo negro mais presente em todos os espaços, especialmente na cidade de Santa Maria.

Agradeço aos “radiocompanheiros” da Rádio Comunitária de Pelotas e aos amigos da Maria Bonita Comunicação, sempre dispostos a ajudar: Ediane Oliveira, Roger Lemes, José Luiz Moraes.

Agradeço o aprendizado adquirido junto às seguintes entidades:

ANdC – Associação Negra de Cultura de Porto Alegre; Coral do Cecune; Coletivo Negração – UFRGS; Coletivo Macanudos – FURG; Coletivo AFRONTA – UFSM; Museu Comunitário Treze de Maio; REPIM – Rede Estadual de Iniciativas Comunitárias e Museus Comunitários do RS; e a Rede LGBT de Memória e Museologia Social.

Agradeço aos pesquisadores negros que me incentivam sempre: jornalista Sátira Machado, antropólogo Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Junior, cientista social Amauri Mendes Pereira e o historiador Arilson Gomes.

Agradeço a todas as pessoas que me fizeram convites para ministrar as oficinas referentes ao Acervo Fotográfico Oliveira Silveira. Agradeço, em especial, a todos os participantes das oficinas, pelas trocas sobre militância negra, sobre fotografia e poesia negra. Guardarei sempre, os momentos de discussão, os sorrisos e os abraços apertados.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram ou me deram força para que esta pesquisa se concretizasse. Agradeço aos meus ancestrais: Pretos e Pretas Velhas, que me guiam protegem aonde vou. Obrigada a todos os Orixás! Asé!

## **A FOTO**

*Que é uma foto da pessoa morta  
para quem a conheceu  
em vida?  
Em geral coisa opaca e estática  
E pouco diz de quem foi.*

*Mas quando menos se espera  
Pode mudar-se em cor, em movimento,  
sorriso, voz, braços que vêm e cingem  
E nós ressuscitamos.*

*Oliveira Silveira. Porto Alegre, 1967.*

## Resumo

ESCOBAR, Geanine Vargas. **Memória da Militância Negra durante a Ditadura Militar no Brasil e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira (1971-1988)**. 2014. 141f. Dissertação – (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

O poeta Oliveira Silveira nasceu em 16 de agosto de 1941, no 6º Subdistrito de Rosário do Sul intitulado Touro-Passo, município situado na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul. Faleceu em 1º de janeiro de 2009 em Porto Alegre. Foi um estudioso da cultura negra. A atuação, no Movimento Negro, perpassou sua vida, durante a qual tanto vivenciou como registrou momentos decisivos de emancipação das comunidades negras no Rio Grande do Sul. Ao longo de sua atuação, gerou importante conjunto de fotografias que constituem um acervo intenso sobre a cultura e política negra. Esses registros embasam parte da história do movimento negro nacional. Esta pesquisa versa sobre o referido acervo e entende-o como sendo de grande interesse público por apresentar valor histórico para a memória da população negra brasileira. No estudo, foram desenvolvidas reflexões no que diz respeito à memória de um período repressivo, sobre disputas por espaço e idealizações políticas que propunham a inserção dos negros em uma sociedade que, por meio de uma política de estado, reconheceu ser racista, mas se declarou antirracista. Discute-se sobre a conservação das fotografias e sobre a divulgação do acervo a partir de oficinas sobre militância negra e a luta antirracista, conjeturando assim, métodos de aplicação para a Lei Federal 10.639.03, que torna obrigatório o ensino da África e da população negra brasileira nos currículos escolares. A partir desse acervo, é possível traçar uma narrativa sobre as histórias de lutas sociais vividas pelos grupos dos quais o poeta participou em plena ditadura. Desse modo, reconhece-se que essas imagens configuram-se como importante fonte para estudos étnicos e patrimoniais.

**Palavras-chave:** fotografia; negritude; patrimônio; memória; Oliveira Silveira

## Abstract

ESCOBAR, Geanine Vargas. **Memory of Black Militancy during the Military Dictatorship in Brazil and antiracist fight through the Photographic Collection of Oliveira Silveira (1971-1988)**. 2014. 141f. (Dissertation) (Master's Degree) – (Masters in Social Memory and Cultural Patrimony) - Postgraduate Program in Social Memory and Cultural Patrimony, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2014.

The poet Oliveira Silveira was born in August 16, 1941, in the 6th Subdistrict of Rosário do Sul titled Touro-Passo, municipality located on the western border of the state of Rio Grande do Sul. Passed away in January 1, 2009, in Porto Alegre. He was a studious of black culture. His acting, in the black movement, passed over his life, in which he much lived as registered decisive moments of emancipation of black communities in Rio Grande do Sul. Along his performance, generated an important set of photographs that are an intense collection about black culture and politics. These records justify part of the history of the national black movement. This research is about that acquis and understands it to be of great public interest by presenting historical value to the memory of the black population. In the study, reflections were developed with regard to the memory of a repressive period, disputes over political space and idealizations which proposed the inclusion of black people in a society that, through a policy of state, acknowledged to be a racist, but declared himself anti-racist. It discusses about the conservation of the photographs and the disclosure of the collection, from workshops on black militancy and anti-racist struggle, therefore conjecturing ways of implementation of the Federal Law 10.639.03, mandating the teaching of African and african-Brazilian in the school curriculum. From this collection, is possible to trace a narrative about the stories of struggles experienced by social groups of which the poet participated during the dictatorship. This way, it is recognized that these images are configured as an important source for ethnic and heritage studies.

**Key-words:** photography; negritude; patrimony; memory; Oliveira Silveira

## Lista da Figuras

Figura 1	O galpão onde Oliveira estudou pela primeira vez - Área rural de Rosário do Sul/RS; Década de 1950. Fonte: Acervo do Projeto RS Negro - Vídeo-Documentário “Sou”.....	32
Figura 2	Oliveira Silveira em Rosário do Sul, década de 1960. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira .....	33
Figura 3	Oliveira Silveira na sacada da antiga Casa do Estudante da UFRGS, década de 1960. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira .....	35
Figura 4	Residência do Poeta da Consciência Negra. Da E para D - Vladimir Rodrigues, Naiara Silveira Lacerda (filha única de Oliveira Silveira), Eliane Gonçalves e Geanine Escobar. Porto Alegre, fevereiro de 2012. Foto: Acervo da autora .....	39
Figura 5	Ficha de Diagnóstico de Estado de Conservação de Fotografias. Fonte: Ficha elaborada pela autora .....	40
Figura 6	Verso da Fotografia referente ao Lançamento do livro “Praça da Palavra” com a presença do escritor Décio Freitas e sua esposa Victória. Porto Alegre – 1976; Carimbo “Joel Angelos Fotografias” e legenda feita por Oliveira Silveira. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira .....	41
Figura 7	Frente da Fotografia referente ao Lançamento do livro “Praça da Palavra” com a presença do escritor Décio Freitas e sua esposa Victória Helena. Porto Alegre – 1976. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira .....	42
Figura 8	Editores da Imprensa Negra: Jornais A Liberdade e A Voz da Raça. Década de 1930. Fonte: Folder da 22ª Semana da Consciência Negra de Santa Maria – RS .....	55
Figuras 9	1º Ato Evocativo ao 20 de novembro, realizado em 1971 pelo Grupo Palmares, em Porto Alegre no Clube Náutico Marcílio Dias. Fonte: Acervo Oliveira Silveira .....	72
Figura 10	1º Ato Evocativo ao 20 de novembro, realizado em 1971 pelo Grupo Palmares, em Porto Alegre no Clube Náutico Marcílio Dias. Fonte: Acervo Oliveira Silveira .....	73

Figuras 11	Figura 11 – Sessão de autógrafo com Oliveira Silveira no lançamento do Livro “Praça da Palavra” de autoria de Oliveira Silveira, na Casa de Cultura Mario Quintana, 1976. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira .....	76
Figuras 12 e 13	Figura 12 – Sessão de autógrafo com Oliveira Silveira no lançamento do Livro “Praça da Palavra” de autoria de Oliveira Silveira, na Casa de Cultura Mario Quintana, 1976. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira .....	77
Figura 14	Presença do jornalista, tradutor e poeta Mário Quintana no lançamento do Livro “Praça da Palavra” de autoria de Oliveira Silveira, na Casa de Cultura Mario Quintana, 1976. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira .....	78
Figura 15	Retrato de grupo e o cabelo “black power” em evidencia no lançamento do Livro Praça da Palavra na Casa de Cultura Mario Quintana, 1976. Fonte: Acervo Fotografico Oliveira Silveira .....	78
Figuras 16	Apresentação artística de Oliveira Silveira no Lançamento do seu Livro “Pelo Escuro” – Poemas Afro-Gaúchos (1968-1977). Porto Alegre, 1977. Fonte: Acervo Fotografico Oliveira Silveira ...	80
Figura 17	Lançamento do Livro “Pelo Escuro” de autoria de Oliveira Silveira – Poemas Afro-Gaúchos (1968-1977). Porto Alegre, 1977. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira .....	81
Figura 18	Lançamento do Livro “Pelo Escuro” de autoria de Oliveira Silveira – Poemas Afro-Gaúchos (1968-1977). Porto Alegre, 1977. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira .....	81
Figuras 19	IV Congresso do MNU – Encerramento. Oliveira Silveira falando pelo MNU do Rio Grande do Sul. Taboão da Serra. São Paulo, 3 a 5 de junho de 1983. Fonte: Acervo Fotografico Oliveira Silveira .....	82
Figura 20	IV Congresso do MNU – Encerramento. Oliveira Silveira falando pelo MNU do Rio Grande do Sul. Taboão da Serra. São Paulo, 3 a 5 de junho de 1983. Fonte: Acervo Fotografico Oliveira Silveira .....	83
Figura 21	Análise das fotografias do Movimento Negro (1970-1980) e das poesias com a temática da história e cultura negra. Fonte: Acervo particular da autora .....	85
Figuras 22 e 23	Conversa acerca do conceito de literatura negra, realização de leituras e interpretação de poesias negras. Fonte: Acervo particular da autora .....	86

Figura 24	Encerramento da Oficina: <i>“Memória da Militância Negra e a Luta antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”</i> . I COPENE SUL – I Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul (RS, SC, PR) - Lei 10639/03: “Dez anos rompendo fronteiras territoriais, identitárias, culturais, sociais, acadêmicas e políticas no âmbito das relações étnico-raciais na região sul” – ABPN. Fonte: Acervo particular da autora .....	87
Figuras 25 e 26	Apresentação do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira e momento de compartilhamento de poesias negras. Fonte: Acervo particular da autora .....	88
Figuras 27	Conversa sobre os conceitos de patrimônio material e imaterial e apresentação de vida e da obra de Oliveira Silveira. Fonte: Acervo particular da autora .....	89
Figura 28	Encerramento do 1º Dia do Ofcurso: <i>“Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”</i> . VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU - agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA. Fonte: Acervo particular da autora .....	89
Figuras 29	Divisão dos grupos de trabalho para discussão sobre militância negra e fotografia. Fonte: Acervo particular da autora. Figuras 30 - Leitura e reflexão sobre poesia negra. Fonte: Acervo particular da autora .....	90
Figuras 30	Leitura e reflexão sobre poesia negra. Fonte: Acervo particular da autora .....	90
Figura 31	Roda de poesia negra. Fonte: Acervo particular da autora .....	91
Figura 32	Confecção de cartazes com a utilização das poesias trabalhadas anteriormente e com as fotografias do acervo. Fonte: Acervo particular da autora .....	91
Figuras 33	Encerramento do 2º Dia do Ofcurso: <i>“Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”</i> . VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU - agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA. Fonte: Acervo particular da autora .....	92
Figura 34	Análise das fotografias do Movimento Negro e roda de conversa sobre histórias de organizações negras brasileiras das décadas de 1970-1980. Fonte: Acervo particular da autora .....	93

Figura 35	Análise das fotografias do Movimento Negro e roda de conversa sobre histórias de organizações negras brasileiras das décadas de 1970-1980. Fonte: Acervo particular da autora .....	93
Figuras 36	Roda de poesia negra. Fonte: Acervo particular da autora .....	94
Figuras 37	Confecção de cartazes com a utilização das poesias trabalhadas anteriormente e com as fotografias do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira. Fonte: Acervo particular da autora .....	94
Figura 38	Encerramento da Oficina: “Negritude Positivada: A Militância Negra através da Fotografia e Poesia de Oliveira Silveira” no 2º Seminário de Copesquisa em Arte: “Desejo e Reesistência” - outubro de 2013, na Universidade Federal de Santa Maria - RS. Fonte: Acervo particular da autora .....	95
Figura 39 e 40	Figuras 39 e 40 - Conversa sobre Negritude Positivada e Apresentação do trabalho executado no Acervo Fotográfico Oliveira Silveira. Fonte: Acervo particular da autora .....	96
Figuras 41	Conversa sobre fotografia de militância negra e patrimônio cultural negro. Fonte: Acervo particular da autora .....	97
Figura 42	Encerramento da Oficina: <i>“Negritude Positivada através da fotografia e da poesia: O Negro e o Poder”</i> na Escola Municipal de Educação CAIC.25ª Semana Municipal da Consciência Negra de Santa Maria – RS: “Negra Sim, Negro Sim!”. Fonte: Acervo particular da autora .....	97
Figura 43	Depoimento de participante do Ofcurso: <i>“Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”</i> . VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU - agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA. Fonte: Acervo particular da autora .....	100
Figura 44	Depoimento da estudante Ingrid Illner, estudante de museologia da UNIRIO sobre o Ofcurso: <i>“Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”</i> . VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU - agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA. Fonte: Acervo particular da autora .....	100

- Figura 45 Depoimento da estudante Tamara Aurélio, estudante de museologia da UFRB sobre o Ofcurso: *“Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”*. VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU - agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA. Fonte: Acervo particular da autora ..... 101
- Figura 46 Análise de três fotografias do AFOS com a poema Encontrei minhas Origens de autoria de Oliveira Silveira. Davi dos Santos, participante da oficina: *“Memória da Militância Negra e a Luta antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”* - I COPENE SUL – I Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul, 2013. Fonte: Acervo particular da autora ..... 102

## Lista de Tabelas

<b>Tabela 1</b>	Quadro da representação da população negra na fotografia - Primeira fase (1840-1890). Fonte: Tabela elaborada pela autora .....	52
<b>Tabela 2</b>	Quadro da representação da população negra na fotografia - Segunda Fase (1890-1937). Fonte: Tabela elaborada pela autora .....	54
<b>Tabela 3</b>	Quadro da representação da população negra na fotografia - Terceira Fase (1945-1964). Fonte: Tabela elaborada pela autora .....	57
<b>Tabela 4</b>	Quadro da representação da população negra na fotografia - Quarta fase (1971-1988). Fonte: Tabela elaborada pela autora .....	58
<b>Tabela 5</b>	Memória da Militância Negra Durante a Ditadura Militar (1971-1987) .....	69
<b>Tabela 6</b>	Auge das Conquistas da Militância Negra na Democratização Brasileira – 1988 .....	70

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

AOS	Acervo Oliveira Silveira
AFOS	Acervo Fotográfico Oliveira Silveira
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História
DEOPS	Departamento de Ordem Política e Social
FNB	Frente Negra Brasileira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
O. S.	Oliveira Silveira
Ongs	Organizações Não Governamentais
MAFRO	Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia - Salvador
MNU	Movimento Negro Unificado
MTM	Museu Treze de Maio
P&B	Preto e Branco
PPG	Programa de Pós-Graduação
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UHC	União dos Homens de Cor
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas da Promoção da Igualdade Racial do Governo Federal

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>1. CONSIDERAÇÕES SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL NEGRO E O ACERVO FOTOGRÁFICO OLIVEIRA SILVEIRA .....</b>	<b>29</b>
1.1. O Poeta da Consciência Negra Oliveira Silveira .....	29
1.2. O Legado deixado por Oliveira Silveira .....	38
1.3. Por que Patrimônio Cultural Negro? .....	43
<b>2. FOTOGRAFIA, MILITÂNCIA NEGRA E A DITADURA MILITAR NO BRASIL .....</b>	<b>50</b>
2.1. A Representação da População Negra na Fotografia documental em Quatro Fases .....	50
2.2. Lutas Sociais Negras durante a Ditadura .....	59
2.3 Negritude e a Ditadura Militar: 1971 à 1988 .....	65
<b>3. A FOTOGRAFIA DOCUMENTAL, MILITÂNCIA NEGRA E OS USOS DA IMAGEM .....</b>	<b>71</b>
3.1. A Negritude Positivada no Acervo Fotográfico Oliveira Silveira .....	71
3.2. Divulgação e preservação do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira através de Oficinas .....	84
3.3. A Fotografia e a Poesia Negra como Suporte para a Luta Antirracista .....	98
<b>4. Considerações finais .....</b>	<b>104</b>
Referências .....	107
Apêndices .....	115
Anexos .....	125

## INTRODUÇÃO

Ao iniciar este texto, apresenta-se a profissão escolhida pela autora e como se deu o processo de aproximação com o acervo em questão, para que se possa compreender os motivos que a levaram a pesquisar sobre acervos fotográficos de cultura negra. Explica-se, também, brevemente, como a pesquisadora que realizou este trabalho teve acesso ao Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira.

Em 2004, aos quatorze anos, a autora conheceu Oliveira Silveira, recebeu poesias recortadas de jornais e livros direto das mãos do poeta, mas, até então, não entendia o valor desse gesto e desse material. Levada desde muito cedo a reuniões do Movimento Negro pela mãe, teve oportunidade de acompanhar as discussões sobre os direitos dos negros no Brasil, que vieram a culminar, logo após, por exemplo, na aprovação e medidas para implementação da Lei 10.639 que se problematizará no decorrer do texto. E foi a partir da poesia negra, escrita pelo poeta, que a pesquisadora teve maior interesse em estudar sobre cultura negra. Na escola ou na abertura cultural de eventos referentes a políticas públicas para as comunidades negras e, principalmente, no monólogo “Assuma Sua Negritude”<sup>1</sup>, espetáculo premiado em Santa Maria pelo Theatro Treze de Maio, em 2007, e dirigido pela própria autora, eram declamadas as poesias de Oliveira Silveira.

O referido espetáculo foi divulgado em cartazes, folhetos e jornais locais. Tudo isso se somou ao despertar de uma “Consciência Negra”, que foi a mola motivadora para que a autora se engajasse às causas sociais negras, comprometendo-se também na academia com essa temática e afirmando-se como

---

<sup>1</sup> Inicialmente o Assuma Sua Negritude era uma apresentação teatral que, até então, não pensava na elaboração de atividades como oficinas e palestras sobre cultura negra. Contudo, o grupo, naquele momento, composto por Geanine Escobar, Daniel Simões dos Santos (Panthera Negra) e Dirlei Freitas, sentiu a necessidade de levar às escolas e instituições interessadas algo mais que uma apresentação teatral. Assim, deu-se início às pesquisas mais aprofundadas sobre as poesias declamadas e os seus significados. O Projeto Assuma Sua Negritude passou a desenvolver oficinas, minicursos, palestras de capacitação de gestores da cultura, professores e alunos para a aplicação da Lei 10.639 e o espetáculo teatral. (ESCOBAR, 2013, p. 71). Disponível em: <[http://www.academia.edu/7651313/PR%C3%81TICAS\\_COMUNIT%C3%81RIAS\\_E\\_EDUCATIVAS\\_EM\\_MEM%C3%93RIA\\_E\\_MUSEOLOGIA\\_SOCIAL](http://www.academia.edu/7651313/PR%C3%81TICAS_COMUNIT%C3%81RIAS_E_EDUCATIVAS_EM_MEM%C3%93RIA_E_MUSEOLOGIA_SOCIAL)>. Acessado em .

mulher negra, pesquisadora e militante do Movimento Negro.

Com formação na área técnica de Bacharelado em Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis (2008-2011) pela UFPel e como acadêmica, sempre procurou fazer parte de projetos que tivessem relação com o trabalho de conservação de acervos fotográficos, além de se voluntariar em pesquisas com acervos oriundos da cultura africana e afro-brasileira. Destacando-se o estágio<sup>2</sup> não remunerado no MAFRO – Museu Afro-Brasileiro UFBA/Salvador no ano de 2011<sup>3</sup>. Foi à convite do Prof. Dr. Marcelo Nascimento da Cunha, Museólogo e Coordenador do MAFRO na época, que a autora, integrou a equipe do Museu para o tratamento da nova coleção pertencente ao antigo Museu Estácio de Lima, do Departamento de Polícia Técnica da Bahia.

Deste modo, após participar de palestras e projetos que tinham como objetivo o trabalho com segmentos históricos da trajetória dos negros no Brasil, a autora decidiu elaborar o pré-projeto de mestrado, o qual unia conservação, fotografia e cultura negra. Logo após o processo de seleção, foi aprovada no PPG Memória e Patrimônio! Desse modo, a primeira iniciativa da pesquisadora foi procurar a família do poeta para conversar informalmente e expor o projeto sobre o acervo. E teve uma grata surpresa: Oliveira Silveira guardava reportagens de jornal, *flyers*, dentre outros impressos que saiam na mídia sobre as apresentações da autora, que homenageava o poeta interpretando suas poesias<sup>4</sup>.

Naiara Rodrigues Silveira, filha única do poeta, enfatizou que durante essa pesquisa de pós-graduação, a autora teria todo o apoio da *família Oliveira Silveira*,

---

<sup>2</sup> O objetivo geral do estágio, que ocorreu no período de 06 janeiro a 18 fevereiro de 2011, completando a carga horária total de 250 horas, foi colocar em prática as teorias da Conservação e Restauração, especialmente da conservação preventiva discutidas em sala de aula, no Curso de Conservação e Restauro – Ufpel e aplicar o conhecimento adquirido à Nova Coleção pertencente ao Antigo Museu Estácio de Lima, do Departamento de Polícia Técnica da Bahia incorporada ao MAFRO. Geanine foi orientada pela Mestre em Conservação e Restauro Rosário Marcelino que veio para o Brasil através de um programa financiado pelo Ministério da Cultura Português para estágios no estrangeiro na área das artes, intitulado INOV-art; pela Museóloga do MAFRO Maria Emília Neves, pelo Coordenador do MAFRO, Professor Dr. Marcelo Cunha e pelo Historiador e Mestre em Estudos Étnicos e Africanos Juipurema Sarraf Sandes.

<sup>3</sup> *Acadêmica da UFPel-RS e Colaboradora do Museu Treze de Maio realizou estágio no Museu Afro-Brasileiro da UFBA – Salvador/BA.* Disponível em: <<http://museutrezedemaio.com.br/2011/02/academica-da-ufpel-rs-e-colaboradora-do-museu-treze-de-maio-realizou-estagio-no-museu-afro-brasileiro-da-ufba-salvadorba/>>. Acessado em 18.01.2014.

<sup>4</sup> O Projeto Assuma sua Negritude dissemina o conceito de patrimônio cultural afro-brasileiro através de palestras e intervenções teatrais, fazendo desta maneira uma homenagem ao Poeta da Consciência Negra: Oliveira Ferreira da Silveira (1941-2009). Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/AssumaSuaNegritude>>. Acessado em: 08.01.2014.

pois seu pai tinha um carinho especial pela mesma. A partir desse instante, as portas da casa do poeta se abriram para a pesquisa.

Juntamente com a orientadora Francisca Michelin, conversou-se sobre o trabalho de distanciamento da afetividade com amigo e mestre Oliveira Silveira e a proximidade do objeto de pesquisa, ou seja, o acervo que deveria ser analisado com o olhar acadêmico e científico. Contudo, é importante ressaltar que o acesso ao acervo e à família de Oliveira Silveira só foi possível pelo histórico afetivo da autora com o poeta, o que facilitou sobremaneira a identificação imediata da família com a pesquisadora, ainda que não se conhecessem antes do primeiro contato para conversar sobre o projeto.

A partir das leituras indicadas e dos debates feitos em aula com os colegas, aproveitou-se cada disciplina: Metodologia de Pesquisa, Seminário Fotografia e Memória, Seminário Políticas Públicas de Patrimônio, Memória e Identidade e Patrimônio e Estratégias de Conservação. Portanto, nesse trabalho, estão incluídos parte dos trabalhos finais e dos próprios temas discutidos em algumas aulas. A partir da participação em eventos, também foi possível ampliar as visões e conhecimentos sobre temáticas relacionadas à fotografia, cultura negra, movimento negro, movimentos sociais, museologia social e conservação.

É importante salientar, igualmente, a experiência da autora como agente cultural comunitária, entendendo que o seu contato com a museologia social, no Museu Treze de Maio<sup>5</sup> de Santa Maria, desde o ano de 2003, influenciou na metodologia utilizada neste trabalho. A autora é colaboradora voluntária dessa instituição há mais de dez anos e integra, desde o ano de 2012, a Rede dos Pontos e Iniciativas Comunitárias em Memória e Museologia Social – Rio Grande de Sul – REPIM – RS<sup>6</sup>. Assim, as páginas que seguem partem das pesquisas efetuadas durante o os vinte e quatro meses do curso de mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

---

<sup>5</sup> Histórico do Museu Comunitário Treze de maio de Santa Maria. Disponível em: <<http://museutrezedemaio.blogspot.com.br/p/breve-historico.html>>. Acessado em 18.01.2014.

<sup>6</sup> Rede dos Pontos de Memória e Iniciativas Comunitárias em Memória e Museologia Social do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://redepontors.blogspot.com.br/>>. Acessado em 18.01.2014.

## A Pesquisa

O objetivo dessa pesquisa é abordar uma parte da militância negra no período da Ditadura Militar por meio da fotografia, com foco no Acervo Fotográfico Oliveira Silveira, analisando possibilidades de preservação da memória e história negra do país. Também propõe apresentar metodologias de trabalho para o uso didático dessas imagens, tendo em vista a influência direta das mesmas na luta antirracista. O critério de seleção se deu a partir da escolha da família do poeta, juntamente com a pesquisadora, a qual observou evidências de memórias da militância negra inseridas no recorte cronológico contido no acervo. Do conjunto analisado, fazem parte trinta e uma fotografias preto e branco. Contudo, nesse trabalho, utilizaram-se dezesseis imagens que datam o início dos anos 1970 e o final da década de 1980, respectivamente o início do movimento negro moderno<sup>7</sup> e o centenário da Abolição da Escravatura, que culmina com o processo de redemocratização brasileira em 1988. Nesse sentido, procura-se compreender como os grupos e as organizações negras que o poeta fazia parte, apresentam-se nas fotografias em âmbito estético e ideológico. Ao mesmo tempo, analisa-se o discurso sustentado pelo regime militar acerca do “mito da democracia racial”.

É preciso advertir que não se vislumbra, nesse estudo, fazer uma revisão histórica e aprofundada sobre o período de regime militar no Brasil a partir da inclusão da comunidade<sup>8</sup> negra ou dos militantes negros, nem tão pouco formar uma narrativa biográfica da militância de Oliveira Silveira durante a ditadura. No entanto, a base dessa pesquisa é o Acervo do poeta Oliveira Silveira, por esse motivo parte da sua vida será descrita, tendo em vista um melhor entendimento da forma como foram captadas as imagens registradas.

---

<sup>7</sup> Entende-se aqui moderno como aquele movimento negro surgido no período de declínio do regime militar a partir dos anos 1970, “associa-se a um movimento mais amplo de reorganização dos movimentos sociais e de politização da sociedade e do cotidiano” (Figueiredo&Cheibud, 1986-87; Fontaine, 1985; Gonzales, 1985 apud Pinho, 2010, p. 371).

<sup>8</sup> A Rede de Pontos de Memória e Iniciativas Comunitárias do Rio Grande do Sul (REPIM-RS) entende, por comunidades grupo ou grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade social, pessoas unidas por vínculos históricos relacionados a aspectos territoriais, étnicos, culturais e/ou de gênero, em especial quando movidas ou organizadas em prol da defesa e promoção do Direito à Memória e à História, bem como a outros tópicos dos Direitos Humanos e Culturais. (Carta das Missões, 2012). Disponível em: <<http://redepontors.blogspot.com.br/p/carta-das-missoes.html>>. Acessado em 07.02.2013.

## **Políticas públicas, ações afirmativas e fotografia**

Este trabalho se justifica por abordar a luta negra através da fotografia, de forma a impulsionar as discussões referentes ao papel da fotografia documental no reconhecimento e valorização da luta social negra no Brasil. Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre as políticas públicas e ações afirmativas contidas no Capítulo II do Estatuto da Igualdade Racial<sup>9</sup>, Lei 12.288/2010 do Governo Federal que garante direitos fundamentais à população negra, como educação, cultura e promoção da igualdade racial. Destaca-se o Art. 19, no qual se lê:

A população afro-brasileira tem direito a participar de atividades educacionais, culturais, (...) adequadas a seus interesses e condições, garantindo sua contribuição para o patrimônio cultural de sua comunidade e da sociedade brasileira.

O Brasil é a segunda maior nação negra do mundo fora do Continente africano e a realidade da maior parte dessa população, mesmo após 126 anos do processo escravocrata, ainda é de extrema desigualdade racial, social, econômica e cultural. Nesse sentido, o Estatuto da Igualdade Racial especifica que as comunidades negras do país têm direito fundamental de fazer parte de ações culturais e educacionais que sejam do interesse dessa população, pois isso garante sua contribuição no desenvolvimento e preservação dos seus patrimônios culturais negros. Além de aumentar a autoestima e autoafirmação desse público, essa medida, faz parte das Ações Afirmativas, que são conjunto de políticas públicas adotadas com o objetivo de promover a ascensão de grupos socialmente minoritários, como as comunidades negras.

A Conferência de Durban, contra racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata, ocorrida em Durban, na África do Sul, em 2001 foi o que propiciou o início do processo de discussão e implementação de políticas de ação afirmativa no Brasil e foi também balizador na criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, em 2003. A partir disso, diversas medidas de ação afirmativa foram implementadas com o intuito de reparar a

---

<sup>9</sup> Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm)>. Acessado em 01.03.2013.

histórica desigualdade racial que persiste na sociedade brasileira. Algumas destas ações vieram a influenciar diretamente o aumento percentual da autodeclaração como negro (preto e pardo) nos censos nacionais e regionalizados brasileiros<sup>10</sup>.

Em síntese, a ação afirmativa tem como objetivo combater as desigualdades sociais resultantes de processos de discriminação negativa, dirigida a setores vulneráveis e desprivilegiados da sociedade. No pensamento de Heloisa Helena Gonçalves da Costa (2008), “sem a formação de conteúdos e de consciência cultural, a população sofre da mais grave doença: a insalubridade cultural”. Isso gera algumas consequências:

Uma sociedade sem saúde cultural está fadada a morrer de falência múltipla dos órgãos, das instituições e dos seres humanos. Tal como se vê atualmente, no desenfreado e acelerado processo de urbanização sem planejamento, com ênfase na escala humana, as cidades estão passando rapidamente de metrópoles a megalópoles. Os cidadãos, sem exceção, são normóticos e reféns da equivocada noção de poder, na qual a atribuição de valor do patrimônio material e imaterial passa muito longe da identidade construída em diálogo e da memória como companheira indispensável à construção da História. (COSTA, 2008, p.129).

Portanto, neste trabalho, defende-se a ideia de que a população negra necessita de acesso à cultura, à memória e à história do povo negro com viés positivo, pois se sabe que de fato, tanto nas mídias de massa quanto nos espaços de ensino, isso não acontece ou quando acontece, incide sobre momentos pontuais e sem uma reflexão aprofundada dos motivos de se trabalhar com a valorização de todas as culturas, inclusive da cultura negra para uma afetiva promoção da diversidade. Portanto, traz-se aqui o debate sobre a negritude positivada que se estabelece através da fotografia e a visibilidade de uma parte da história da população negra que apresenta as lutas sociais negras em movimentos coletivos.

Busca-se registrar um pouco dessa memória e história de ativismo negro, apontando um caminho de leitura que se constitui num diversificado material didático para professores, alunos, público acadêmico, pesquisadores e interessados na temática da militância negra através da fotografia, podendo auxiliar na

---

<sup>10</sup> Algumas ações são: - A Criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), com *status* ministerial e do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial / CNPIR (Lei 10.678); - Inclusão do estudo da história e da cultura afro-brasileira no currículo do ensino básico (Lei 10.639); - Editais que viabilizam a realização de dezenas de projetos voltados para a valorização, promoção e difusão da cultura negra em todo o território nacional.

implementação da Lei 10.639<sup>11</sup>, de janeiro de 2003, a qual determina a obrigatoriedade do ensino da história dos africanos e dos afro-brasileiros no currículo oficial das escolas de ensino fundamental e médio do país.

Procura-se ainda, caminhar juntamente com as políticas públicas de memória sobre a Ditadura Militar (1964-1985), que, nos últimos anos, obtiveram um avanço significativo por meio da legislação e movimentos sociais. Destacam-se as ações para a abertura dos arquivos desse período de ditadura por meio da Lei nº 12.527/2011 e da criação da Comissão Nacional da Verdade amparada pela Lei 12.528/2011. Também se destaca o manifesto exposto na Petição Pública intitulada: “Abaixo-assinado Comissão Nacional da Verdade: Incluir Verdade Histórica, Estado – População Negra”<sup>12</sup>. Essa petição foi organizada pela “Articulação de ONGs de Mulheres Negras”, a qual exige que se inclua, na Comissão Nacional da Verdade, a verdade histórica sobre a violação dos direitos humanos da população negra.

## **Metodologia**

Os métodos empregados, no presente estudo, foram: revisão bibliográfica; utilização de fontes orais, através de entrevistas fechadas, prevendo o distanciamento do pesquisador, que cumpre a função de obter as respostas sem discussão sobre elas, especificamente sobre a militância negra durante a Ditadura Militar (DUARTE; BARROS, p. 66-67, 2005).

Nessa etapa, foram contatados os principais entrevistados para o trabalho: Naiara Silveira, filha do poeta; Deivison Campos, jornalista e pesquisador do movimento negro no Rio Grande do Sul e Juarez Ribeiro, amigo e companheiro de militância de Oliveira Silveira. O intuito foi coletar dados que auxiliassem na interpretação do contexto histórico das fotografias, tendo em vista informações complementares, sem obter a história oral como base para a pesquisa.

---

<sup>11</sup> Lei 10.639 de janeiro de 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis /2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis /2003/L10.639.htm)>. Acessado em 10.06.2012

<sup>12</sup> Petição Pública: Abaixo-assinado Comissão Nacional da Verdade: Incluir Verdade Histórica Estado – População Negra. Disponível em: <<http://www.peticaopublica.com.br/PeticaoVer.aspx?pi=P2011N12586>>. Acessado em 07.03.2013.

Para o trabalho empírico, utilizaram-se os fundamentos da pesquisa-ação, que tem como objetivo central não apenas coletar dados, mas também contribuir com o avanço do grupo investigado. O pesquisador precisa atuar como um agente de transformação social. Neste sentido, foi a partir da experiência informal da autora com a poesia negra, com a museologia social e com sua experiência acadêmica voltada para o patrimônio cultural e a memória social, que se elaboraram as oficinas sobre o Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.

De acordo com Duarte e Barros (2005, p. 143), “não é novidade para ninguém que, em geral, o conhecimento gerado através de pesquisas, retorna exclusivamente à comunidade científica, aos institutos de pesquisa, ou as instituições que os contrataram”. Além disso, na pesquisa-ação o pesquisador não se pode apenas “utilizar” grupos étnicos ou determinadas organizações como “laboratório para pesquisas acadêmicas ou mercadológicas” (DUARTE; BARROS, 2005, p. 143).

Segundo os autores Jorge Duarte e Antônio Barros (2005), é difícil realizar uma pesquisa que tem como pressupostos a triangulação: teóricos e suas metodologias, estudos de documentos, (neste caso fotografias documentais) bem como a confluência de outras técnicas, envolvendo a capacidade do pesquisador de transformar o “objeto” em “sujeito”. Sendo assim, esta pesquisa procura romper com os padrões vigentes. A frente explicar-se-á como se deu a metodologia das oficinas e a interação dos participantes.

O trabalho se divide em três capítulos<sup>13</sup>: dois de cunho teórico e o terceiro e último voltado para as atividades empíricas. O objetivo do II capítulo, que dá início a essa dissertação, é contextualizar o recorte temporal que concerne à pesquisa, além de refletir sobre histórias dos movimentos sociais negros do Brasil e as representações da população negra na história da fotografia.

Foram utilizados, como subsídio para os apontamentos acerca da diáspora negra e movimentos negros: Petrônio Domingues (2007) e (2010), Verena Albert; Amílcar Araújo Pereira (2007 e 2005), Paul Gilroy (2001), Maria Rita Py Dutra (2007), Stuart Hall (2011, 2006 e 2003), Paulo Paim (2006), Eric Hobsbawm (1997),

---

<sup>13</sup> É importante destacar que a Universidade Federal de Pelotas - UFPel, inicia seu primeiro Capítulo com o número dois. Por isso, apesar do trabalho apresentar quatro capítulos, a quantidade correta da divisão dessa dissertação é três capítulos.

Oliveira Silveira (2005 e 2012), Emanuel Araújo (2006), Geoff Dyer (2008), Luis Silva – Cuti (2012), Conceição Evaristo e Denise Silva (2011) e Décio Freitas (1978).

Já no III capítulo, a discussão se dará em torno da militância negra durante a Ditadura Militar, da fotografia documental, assim como a conservação de acervos fotográficos. Portanto, foram empregados os autores: Jonatas Conceição Silva (2004), Joel Candau (2010), Deivison Campos (2006), Daniel Aarão Reis Filho (2004), Osmundo Pinho (2010), Aimé Césaire (2010) e Shuma Shumaher; Vital Brazil (2007).

No IV capítulo é o momento de maior reflexão sobre a teoria e as práticas de ações culturais que visam à difusão da cultura, neste caso, a cultura negra. Utilizar-se-ão, como principais aportes teóricos, os autores: Marco Aurélio Luz (2011), Helena Singer (2011), Lilia Abadia (2010), Leonardo Castriota (2009), Erwin Panofsky (1979), Jayme Spinelli Junior (1997), Clara Camacho (2007), Pierre Nora (1993), Michael Robert Alves de Lima (1994) e Maria Cecília Londres Fonseca (2008).

É importante ressaltar que este trabalho passou por mudanças significativas desde a sua concepção até o presente momento. No projeto inicial, a proposta era a sistematização do acervo fotográfico de Oliveira Silveira. A partir da catalogação do acervo, formar-se-ia um banco de dados, já que, desta forma, os exemplares originais estariam preservados e conservados, facilitando seu acesso aos pesquisadores e à comunidade em geral. Contudo, no decorrer das análises, observou-se que parte do acervo fotográfico necessitava de maior atenção, pois se tratavam de fotografias nunca antes divulgadas e de importante valor histórico-cultural. Em decorrência disso, reformulou-se a pesquisa para tentar responder a algumas perguntas referentes à militância negra no período da ditadura, compreendendo que grande parte das fotografias datava do período de 1970-1980. Com essa mudança de perspectiva, continuou-se as análises prevendo a salvaguarda do acervo em questão, porém com foco somente nas fotografias selecionadas. Do mesmo modo, também foi elaborado um cronograma no qual se objetivou ofertar gratuitamente oficinas voltadas para divulgação do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.

## **1. CONSIDERAÇÕES SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL NEGRO E O ACERVO FOTOGRAFICO OLIVEIRA SILVEIRA**

### **1.1 O Poeta da Consciência Negra Oliveira Silveira**

Oliveira Silveira reuniu durante a sua vida informações textuais e imagéticas que auxiliaram e auxiliam na comprovação de lutas sociais negras. Mas quem foi esse personagem que marcou a história do movimento negro no Brasil? Por que ele ficou conhecido como o Poeta da Consciência Negra?

Oliveira Silveira nasceu em 16 de agosto de 1941 no 6º Subdistrito de Rosário do Sul, Touro-Passo, município situado na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul. Graduou-se em Letras – Português e Francês com as respectivas Literaturas – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalhou na docência de português e literatura no ensino médio. Sua vida adulta e sua carreira deram-se na cidade de Porto Alegre, onde obteve sua formação e constituiu família. Ficou conhecido, por protagonizar uma literatura afro-gaúcha. Suas palavras enaltecem a população negra, especialmente os negros gaúchos, deixando registrado por meio da poesia, o desejo de que outras gerações tomem conhecimento, por exemplo, de palavras de origem africana, utilizadas com frequência no vocabulário rio-grandense.

Segundo Conceição Evaristo e Denise Silva (2011), essa vontade de registrar histórias, vivências e tradições negras está intimamente ligada à Diáspora Negra, que ultrapassa o grande movimento de negros originários da África que vieram para o “Novo Mundo” via escravidão. As autoras refletem sobre “essa visão da diáspora como experiência não voluntária e, portanto, traumática, que implica um sentido de perda, resultado da inabilidade de retorno a terra de origem” (2011, p. 169). Ao mesmo tempo, conforme Paul Gilroy (2001), “o dinâmico trabalho de memória que é estabelecido e moralizado na edificação da intercultura da diáspora construiu a coletividade e legou tanto um política como uma hermenêutica aos seus membros contemporâneos” (2001, p. 17).

O autor se refere à cultura que acaba por sofrer com alargamentos e renegociações. O. S. faz parte dessa fusão entre diferentes tradições culturais, especialmente quando lembra de suas origens:

“Filho de Felisberto Martins Silveira, branco brasileiro de pais uruguaios, e de Anair Ferreira da Silveira, negra brasileira de cor preta, de pai e mãe negros gaúchos. Sobrinho de Adauto Ferreira. Pai de Naiara, avô de Thales e Elias (Tudo gente dos Ferreira)”. (SILVEIRA, 2008).

Assim apresenta-se O. S. em sua última obra publicada, “Bandone do Caverá”, no ano de 2008, que acaba por identificar o poeta como um sujeito diaspórico, híbrido, conforme Stuart Hall (2003).

Conceição Evaristo e Denise Silva aferem:

Dessa tensão resulta o sujeito diaspórico, híbrido, que não se refere a uma composição racial mista da população, mas a um processo de tradução cultural, que nunca se completa, já que está em constante negociação, e cuja experiência perturba modelos fixos de identidade cultural.” (2011, p. 169).

Logo, Conceição Evaristo e Denise Silva (2011), pensam no hibridismo como um processo de negociação e indagam sobre “o que a experiência da diáspora causa a modelos fixos de identidade cultural” (2011, p. 169). Nesse sentido, é possível entender a condição diaspórica como deformadora da ideia de nação, porque questiona as formas de nacionalismo monolítico e homogêneo.

Em “*Da Diáspora – Identidades e mediações culturais*”, Hall afirma que “a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto e não uma essência ou substância e ser examinada” (2003, p. 15-16). Isto é, “a identidade, o sujeito a costura” (2003, p. 12). O autor alerta que o sujeito, previamente vivido, como tendo uma identidade única e estável, torna-se fragmentado, com uma única composição e identidades variadas, contraditórias ou não resolvidas.

Apoiando-se nesse pensamento, é possível afirmar que O. S. foi o que Hall entende por sujeito pós-moderno, ou seja, um sujeito identificado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente:

A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados, ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987 apud Hall 2006, p. 13). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. (HALL, 2006, p. 13).

Essa costura de posição e contexto analisada por Hall é perceptível na vida e obra de O. S. Compreende-se esse fato a partir de Amaro Silveira, irmão de O. S., que afirma que embora o poeta tivesse muito carinho com seu pai, este procurou saber mais sobre a parte negra da família. E assim fez, pois muito cedo lhe interessava, principalmente, a oralidade da cultura negra dos pampas. O.S. relata sobre a influência da sua terra natal na sua obra:

A literatura surgiu em minha vida na época em que ainda morava em Rosário. Minha infância foi marcada pela poesia popular, quadrinhas e versos de polca entoados durante os bailes campeiros. Ritmos típicos do meio rural gaúcho [...]. Também me lembro dos "causos" contados pelos mais velhos na cozinha, ao redor do fogareiro. Essas narrativas são um substrato da minha literatura. (SILVEIRA, 2001, p. 2)<sup>14</sup>

Este depoimento contextualiza a primeira fotografia deste trabalho (Figura 1). Carregada de memórias, apresenta pouca nitidez e parece desaparecer a medida que se olha. Não se tem informações sobre o fotógrafo que fez esse registro, mas essa e as demais fotografias apresentadas são indiscutivelmente um meio de conhecimento do passado vivido por O. S., porém não une em seu conteúdo o conhecimento da totalidade dele. De tal modo, compreende-se a imagem do Galpão conforme Walker Evans, em "O Instante Contínuo" (DYER, 2008), no qual o autor faz uma reflexão sobre a fotografia, entendendo que a preservação da nossa memória "daquele lugar", constitui um registro mais confiável do que uma pintura. Tendo em vista que dependendo do lugar que se encontra, a interpretação da memória de uma mesma fotografia pode ser outra.

O poeta estudou na Serra do Caverá, até a 5ª série e logo foi para Rosário se preparar para o chamado exame de admissão ao Ginásio com direito a formatura e solenidade, pois era o maior curso da cidade. Nessa nova etapa ele teve o apoio da família, que compreendia a importância desta passagem, em especial a vontade

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada em janeiro de 2001 na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre. Repórter e fotos: Jader Nicolau Jr. Assessoria: Nina Porto. Edição: Milton César Nicolau. Disponível em: <oliveirasilveira.blogspot.com>. Acessado em 15.07.11.

que o poeta tinha de trilhar um caminho através do estudo. Suely Silveira, irmã de Oliveira Silveira, lembra a época do “coleginho”<sup>15</sup>, onde ela e os irmãos estudavam:

Oliveira lia demais, sempre gostou. E de dizer poesia também ele gostava. Estudava até de madrugada. Meu pai às vezes brigava com ele: “- Ele vai incurtar a vista!” Ele dizia assim. Mas não tinha jeito, o Oliveira não ia dormir cedo escrevendo.<sup>16</sup>



Figura 1 – O galpão onde Oliveira estudou pela primeira vez - Área rural de Rosário do Sul/RS; Década de 1950. Fonte: Acervo do Projeto RS Negro - Vídeo-Documentário “Sou”.

Segundo, Alsom Silva, amigo e colega de Ginásio de O. S., após o Ginásio havia outra encruzilhada: permanecer em Rosário e parar de estudar, voltar quem sabe para o interior ou quem sabe seguir outro curso fora dali. Diante da dúvida, Alsom destaca que o sentimento era um só: “Temos que ir! E temos que tentar buscar os nossos caminhos através do estudo”.<sup>17</sup> Logo em seguida, completando o curso Ginásial, O. S. deixa sua terra, buscando a Capital.

---

<sup>15</sup> Termo utilizado por Suely Silveira para destacar a simplicidade do espaço onde as crianças e seus irmãos estudavam, em Touro-Passo, interior de Rosário do Sul/RS. Fonte: Entrevista feita com Suely Silveira, irmã de Oliveira Silveira, para o Vídeo-documentário “SOU”, 2010.

<sup>16</sup> Fonte: Entrevista feita com Suely Silveira, irmã de Oliveira Silveira, para o Vídeo-documentário “SOU”, 2010.

<sup>17</sup> Fonte: Entrevista feita com Alsom Silva, amigo e colega de Ginásio de Oliveira Silveira, para o Vídeo-documentário “SOU”, 2010.

Na fotografia acima, Oliveira Silveira pilchado<sup>18</sup>, com a cuia<sup>19</sup> na mão, aparentemente numa situação cotidiana, parece querer entrelaçar a memória de fatos do passado com os conhecimentos sobre negritude do presente. Existe, uma espécie de eclosão de vontades memoriais evidentes, assim como a vontade de registrar parte da cultura negra gaúcha, vivida por O. S. e sua família no interior do Rio Grande do Sul.



Figura 2 - Oliveira Silveira em Rosário do Sul, década de 1960.  
Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.

<sup>18</sup> Pilcha é a indumentária gaúcha tradicional, utilizada por homens e mulheres de todas as idades. O CTG disciplina o seu uso e no estado do Rio Grande do Sul é, por lei, traje de honra e de uso preferencial inclusive em atos oficiais públicos. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cuia>. Acessado em 03.07.2012.

<sup>19</sup> Cua é o nome dado ao fruto da cuieira. O termo, de origem tupi, tem várias acepções no Brasil, derivadas do uso dado a este fruto. É muito utilizada para fazer chimarrão e tererê. A cua é produzida a partir do porongo, sendo que é cuidadosamente escolhida por sua forma, e pode ser ricamente lavrada e ornada em ouro, prata e outros metais. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/cuia/>>. Acessado em 03.07.2012.

De acordo com o que pontua Zila Bernrd, O. S. faz uma dupla afirmação identitária através da sua poesia: como negro e como gaúcho. É perceptível essa dupla afirmação na fotografia também. Pode-se exemplificar essa ligação a partir do depoimento de Priscila Pereira, estudante da UFRGS e integrante do Coletivo Negração<sup>20</sup>, que participou da Oficina: “Memória da Militância Negra e a Luta antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira” no I Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul – julho de 2013. Segundo Priscila, a referida fotografia (figura 2) traz à tona um “novo gaúcho”, que remete a uma reflexão sobre o “mito do gaúcho”, que supervaloriza a figura do homem branco guerreiro, é possível “desconstruir para construir” uma imagem positiva do negro:

O homem negro pilchado bebendo o chimarrão na foto e a poesia “Negro no Sul” deveriam estar nos livros didáticos de história do Rio Grande do Sul para mudar o estereótipo do gaúcho. Agora Oliveira Silveira é a própria representação do herói gaúcho!<sup>21</sup>

O evento teve como temática os dez anos da Lei Federal 10.639/03, “rompendo fronteiras territoriais, identitárias, culturais, sociais, acadêmicas e políticas no âmbito das relações étnico-raciais na região sul”, o que explica a participante afirmar que o poema lido por ela, “Negro no Sul” de autoria de O. S. e a imagem deveriam estar em livros didáticos do estado do RS.

A partir do depoimento, registrado por Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira (2007), em “Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC”, o poeta conta um pouco mais sobre sua vida:

Eu me formei em letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1965 e comecei a me dar conta de que não convivia muito com a comunidade negra. Passei a tentar conhecer mais pessoas negras. [...] Uma das primeiras definições que eu fiz, à medida que comecei a me reconhecer como negro foi formar uma família negra, com uma mulher

<sup>20</sup> Negração é um coletivo de jovens negros na UFRGS, que possui grandes perspectivas e muita vontade de lutar pelas pautas da negritude, dentro e fora da universidade. O marco de sua criação é 20 de setembro de 2012 onde junto ao tradicional desfile tradicionalista que acontece em Porto Alegre – RS, foi organizado um protesto reivindicando uma errata – Povo que não tem virtude acaba por escravizar - ao hino racista do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://coletivonegracao.blogspot.com.br/>>. Acessado em 04.08.2013.

<sup>21</sup> Priscila Pereira participante da Oficina: “Memória da Militância Negra e a Luta antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”. I COPENE SUL – I Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul (RS, SC, PR) - Lei 10639/03: “Dez anos rompendo fronteiras territoriais, identitárias, culturais, sociais, acadêmicas e políticas no âmbito das relações étnico-raciais na região sul” – ABPN.

negra. E aí acabei conhecendo a minha esposa e casamos um tempo depois. Nos conhecemos na Universidade. Casamos e tivemos uma filha. (ALBERTI; ARAÚJO, 2007 ,p. 131).

Quando O. S. procura a convivência com outros negros, assim como uma companheira negra, denota uma busca de identificação consigo mesmo, isto é, a celebração móvel (HALL, 2003). Pode-se dizer que essa iniciativa faz parte do processo de busca de identidades negras, que identifica “o sujeito diaspórico”.

Na imagem abaixo (figura 3), na qual O. S. está na sacada da antiga Casa do Estudante da UFRGS, entende-se o livro nas suas mãos como um ato simbólico. Tendo em vista a dificuldade que um jovem negro do interior do Rio Grande do Sul, criado na campanha, tinha (e ainda tem) de ingressar na universidade pública.



Figura 3 - Oliveira Silveira na sacada da antiga Casa do Estudante da UFRGS, década de 1960.  
Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira

“A fotografia pode parecer insignificante, se comparado a luta diária que muitos tinham que travar. Mas, para boa parte, aquele registro individual ou em família era “alento”, ou a “prova” visual, para eles mesmos e para amigos e parentes distantes, de que sua luta estava valendo a pena”. (KOUTSOUKOS, 2009, p. 81-82).

Compreende-se essa fotografia a representação de uma conquista de espaço do negro no ensino superior, numa universidade federal na década de 1960: motivo de orgulho para a família negra rural, em especial para o pai e a mãe de Oliveira Silveira que, na sua infância, não mediram esforços para proporcionarem educação para os filhos. Este registro também marca um período de transição: entre a vida de estudante e a carreira de professor, escritor e poeta de O. S.

Segundo Ronald Augusto, organizador da recentemente obra publicada “*Oliveira Silveira: obra reunida (2012)*”, o poeta possui doze obras individuais. O. S. fez parte da luta por emancipação cultural e política das comunidades negras do Brasil, especialmente do Rio Grande do Sul. Ativista do Movimento Negro, foi um dos maiores idealizadores do “20 de Novembro” como Dia Nacional da Consciência Negra<sup>22</sup>. Foi o idealizador do Movimento Clubista e ficou popularmente conhecido como “o poeta da Consciência Negra”<sup>23</sup>. No documentário denominado “SOU”<sup>24</sup>, em que é abordada a identidade negra gaúcha de forma histórica e poética, a partir da trajetória de vida e da obra de O. S. é possível acompanhar uma fala do poeta que remete a importância do estudo da cultura negra:

---

<sup>22</sup> Diversas casas legislativas estaduais e municipais tem reconhecido o valor simbólico e histórico da data, fazendo valer através de proposições legislativas, o dia 20 de novembro como data símbolo alusivo à consciência negra no Brasil. Importa observar nos textos das leis, a riqueza política e cultural deste símbolo que ultrapassa os muros da história oficial, se revelando como uma das grandes datas nacionais no Brasil, lembrando o líder maior da luta pela libertação dos negros escravizados em nosso País, Zumbi dos Palmares. O projeto de lei 6.097 de 2002, de autoria do nobre Deputado Wilson Santos, declara o dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, feriado nacional. SANTOS, 2003, p. 1.

<sup>23</sup> Reconhecido, ainda em vida, pelo seu trabalho como escritor, poeta e um dos principais ícones da idealização do Dia Nacional da Consciência Negra, Oliveira Silveira ficou carinhosamente conhecido como o Poeta da Consciência Negra.

<sup>24</sup> O vídeo-documentário “SOU” é um registro histórico-poético sobre a identidade afro-gaúcha, tendo como base a vida e obra do poeta gaúcho Oliveira Silveira (1941-2009). A produção é de Bureau de Cinema e Artes Visuais. O vídeo integra o Kit RS Negro, que é parte do *Projeto RS Negro: educando para a diversidade*. O Kit é disponibilizado para as escolas gaúchas a fim de cumprir a Lei 10.639. Tal lei estipula a inclusão da história e da cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede nacional de ensino. Disponível em: <<http://vimeo.com/17150152>>. Acessado em 15.07.11.

“Não é possível recuperar tudo, o importante é procurar conhecer ao máximo a cultura negra, trabalhando na perspectiva de conhecer o passado, conhecer a cultura em todos os seus meandros, porém utilizando a atuação no presente e com perspectivas de futuro”.<sup>25</sup>

O. S. parte do pressuposto de que não é possível recuperar tudo a respeito da memória negra, mas aponta a importância de valorizar o que se tem no presente, para que isso possa fazer parte do futuro, principalmente, de outros negros.

Naiara Silveira<sup>26</sup>, filha de O. S., explica que a preocupação de seu pai era a de registrar a história do negro a partir do que existe, das histórias pessoais, por exemplo. Ele estava em busca da sua própria identidade, do querer se conhecer, nunca com a intenção de ser “o militante”, “o herói” ou “o exemplo” para alguém. Embora, tenha adquirido seguidores e companheiros de militância ao longo de sua vida. Oliveira Silveira<sup>27</sup> faleceu no Dia Mundial da Paz, em 1º de janeiro de 2009, vitimado pelo câncer<sup>28</sup>.

Dessa forma, procurou-se contextualizar o tema da pesquisa, trazendo como base a vida e obra de O. S.. No decorrer desse trabalho será possível identificar algumas vivências de “Poeta da Consciência Negra” refletidas nas imagens aqui apresentadas.

---

<sup>25</sup> Entrevista concedida à Zila Bernd, pesquisadora em Literatura, para o vídeo-documentário “SOU”. Inverno/ 2010. Fonte: Disponível em: <<http://vimeo.com/17150152>>. Acessado em 15.07.11.

<sup>26</sup> Entrevista feita com Naiara Silveira concedida à Geanine Vargas Escobar. Porto Alegre, 16 de agosto de 2012.

<sup>27</sup> Oliveira Silveira, presente no 1º Encontro Nacional de Clubes e Sociedades Negras ocorrido em Santa Maria – RS, 2006. <<http://www.clubessociaisnegros.com.br/fotos/1%C2%B0-encontro-nacional-de-clubes-e-sociedades-negras/>>. Acessado em 20. 01. 2014.

<sup>28</sup> ESCOBAR, 2009, p. 61.

## 1.2. O Legado deixado por Oliveira Silveira

Quando se pensa em legado, compreende-se um tipo de herança simbólica, algo que é deixado para um coletivo, como saberes e fazeres até mesmo um conjunto de bens culturais materiais. Logo, acredita-se que o conjunto de fotografias deixado por O. S. é um legado para as comunidades negras, tendo em vista que o ato de fotografar ou ser fotografado era muito distante da grande parcela da população negra no Brasil.

Após a abolição da escravatura, a maior parte da população negra, não tinha condições financeiras para ter ou manter o hábito do registro fotográfico de si e de seus familiares. E esse é o principal motivo pelo qual são tão poucas as famílias negras que possuem grandes acervos particulares contendo fotos antigas de pais, avós, bisavós. A maioria das famílias negras possui no máximo uma ou duas fotos de seus avós e em precário estado de conservação.

Até a década de 1970, a fotografia não fazia parte do cotidiano de negros e negras. Não era corriqueiro ir a estúdios fotográficos ou contratar fotógrafos particulares para registrar momentos importantes, também não havia o ato de comprar câmeras fotográficas, por exemplo. É provável que somente algumas comunidades negras, em especial as que frequentavam Associações e Clubes Sociais Negros, tenham se envolvido de uma forma singular com a fotografia.

No entanto, ainda era uma realidade diferente da maioria dos negros do país. Será possível perceber que, sobretudo ativistas das causas negras, que conseguiram ao longo de suas vidas, guardar imagens de seus antepassados e fotografar momentos que consideravam importantes entre amigos e familiares, ainda são escassos.

Ao acompanharmos as análises fotográficas feitas a partir do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira - AFOS, notaremos que, nestas imagens houve inclusive a preocupação do poeta em escrever informações no verso da fotografia, para que no futuro soubessem do que se tratava aquele momento. Deste modo, ao longo do texto destacaremos a importância da materialidade das fotografias selecionadas e seus significados para as comunidades negras.

O AFOS compõe o Acervo Oliveira Silveira (AOS) que se encontra em Porto Alegre/RS, onde o poeta residia e hoje pertence à *família de Oliveira Silveira*. Após sua morte, integrantes de sua família e alguns amigos reuniram-se para o início do levantamento do acervo que, em sua totalidade, reúne cerca de vinte mil itens: documentos, cartas, telegramas, livros, instrumentos musicais, cartazes, troféus e um vasto conjunto de fotografias. (Figura 4).



Figura 4 - Residência do Poeta da Consciência Negra. Da E para D - Vladimir Rodrigues, Naiara Silveira Lacerda (filha única de Oliveira Silveira), Eliane Gonçalves e Geanine Escobar. Porto Alegre, fevereiro de 2012. Foto: Acervo da autora.

A equipe voluntária foi composta por: Vladimir Rodrigues, bacharel em direito e músico; Naiara Silveira, filha de O.S., pedagoga; Eliane Maria Severo Gonçalves, bibliotecária; Maria Cristina Santos, bióloga, professora e produtora cultural; Evandoir Carvalho dos Santos, contador e produtor cultural; José Antônio dos Santos, historiador; Sílvia Prado, psicóloga; Vera Lúcia Lopes, bacharel em direito e atriz; bem como Jorge Fróes, professor e escritor. Deste modo, desde 2009, essa equipe trabalha no inventário, na limpeza, na organização e na catalogação do legado deixado por O.S. O acervo ainda se encontra em fase de

organização e apenas aos membros dessa equipe é permitido o acesso a ele. Sendo assim, somente após a finalização do tratamento técnico e de segurança, o AOS - Acervo de Oliveira Silveira estará acessível a pesquisadores e à comunidade em geral<sup>29</sup>.

Foram observadas as características técnicas, isto é, a iconografia das fotografias, as quais auxiliam na interpretação do conteúdo intrínseco que precisa tornar-se explícito para que a percepção desse conteúdo seja articulada e comunicável (PANOFSKY, 1979). A análise iconográfica compreende o diagnóstico do estado de conservação. Essa engloba a medição para averiguar as dimensões, a tipologia, o suporte da foto, a data, o ano e o fotógrafo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL	
FICHA DE DIAGNÓSTICO DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE FOTOGRAFIAS	
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
Nº da Ficha: 09	
Designação: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira	
Coleção: Fotografias de Militância Negra	
Autor: Desconhecido	
Data/Década: 1971	
Dimensões: 13x18	
Data do Diagnóstico: 30/08/2012	
Técnico responsável: Geanine Escobar	
Descrição: 1º Ato Evocativo ao 20 de novembro, realizado em 1971 pelo Grupo Palmares, em Porto Alegre no Clube Náutico Marçilio Dias.	
<b>AVALIAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO</b>	
Estado Geral da Conservação:	Ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> X Regular <input type="checkbox"/> Ruim <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/>
Depósito superficial de matéria <input checked="" type="checkbox"/>	Destacamento da emulsão <input type="checkbox"/>
Ataque biológico <input type="checkbox"/>	Descolorações <input checked="" type="checkbox"/>
Vincos e dobras <input type="checkbox"/>	Rasgões <input type="checkbox"/>
<b>ALTERAÇÕES CROMÁTICAS</b>	
Escurecimento <input type="checkbox"/>	Branqueamento <input checked="" type="checkbox"/> Amarelimento <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/>
Observações: Oliveira Silveira encontra-se ao lado esquerdo da foto, de camisa listrada.	

Figura 5 - Ficha de Diagnóstico de Estado de Conservação de Fotografias.  
Fonte: Ficha elaborada pela autora.

<sup>29</sup> Segundo a família do poeta, o acesso continuará restrito até que o acervo esteja devidamente organizado e garantido a salvaguarda.

A primeira ação da autora então foi fazer o diagnóstico do estado de conservação das fotografias do Acervo de Oliveira Silveira. Para a realização dessa etapa, elaborou-se uma “Ficha de Diagnóstico de Estado de Conservação de Fotografias” (Figura 5).

E constatou-se que todas as fotografias selecionadas se encontravam em bom estado de conservação. Não apresentavam manchas na emulsão, rasgos ou partes faltantes, estavam apenas um pouco amareladas em função do processo de envelhecimento. O AFOS ainda se encontra na casa de Oliveira Silveira, não havendo até então espaço físico adequado para guarda e acondicionamento dele.

Cabe salientar que o método de organização e guarda destas fotografias distancia-se de orientações externas ou normas, todavia O. S. conseguiu manter seu acervo protegido de intempéries e ataques biológicos<sup>30</sup>. Também foi possível identificar inscrições no verso de algumas fotografias (Figura 6), o que auxiliou sobremaneira na identificação das imagens, possibilitando saber as datas, os eventos ocorridos e as pessoas que faziam parte de algumas imagens.

Todas as fotografias são P&B e algumas possuem carimbo do estúdio fotográfico “Joel Angelos” de Porto Alegre.

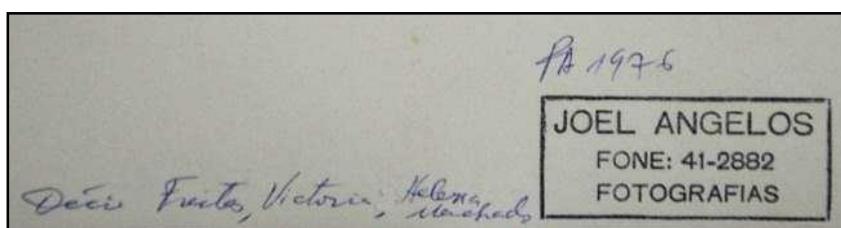


Figura 6 – Verso da Fotografia referente ao Lançamento do livro “Praça da Palavra” com a presença do escritor Décio Freitas e sua esposa Victória. Porto Alegre – 1976; Carimbo “Joel Angelos Fotografias” e legenda feita por Oliveira Silveira.

Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira

<sup>30</sup> Os acervos documentais podem sofrer o ataque de diversos tipos de agentes de degradação, dentre os quais podemos destacar os biológicos, que podem ser os micro-organismos, insetos ou roedores. Fonte: Blog do Arquivo Histórico de Porto Alegre. Disponível em: <<http://ahpoa.blogspot.com.br/2012/10/os-riscos-causados-pelos-agentes.html>>. Acessado em: 15.01.2014.

De acordo com Camacho (2007), está provado que as boas práticas de conservação preventiva conduzem a uma maior longevidade das coleções e acredita-se que a forma de tratamento utilizada por O. S. foi responsável por permitir que não se tenha a necessidade de intervenções curativas onerosas. Nesse contexto, é também interessante pensar nas normas escritas que definem e orientam os princípios e as prioridades da conservação preventiva:

Todas aquelas medidas e ações que tenham como objetivo evitar ou minimizar futuras deteriorações ou perdas. Elas são realizadas no contexto ou na área circundante ao bem, ou mais frequentemente em um grupo de bens, seja qual for sua época ou condições. Estas medidas e ações são indiretas – não interferem nos materiais e nas estruturas dos bens. Não modificam sua aparência. Registro, armazenamento, manuseio, embalagem e transporte, segurança, controle das condições ambientais (luz, umidade, poluição atmosférica e controle de pragas), planejamento de emergência, treinamento de pessoal, sensibilização do público, aprovação legal. (CAMACHO, 2007, p. 05).

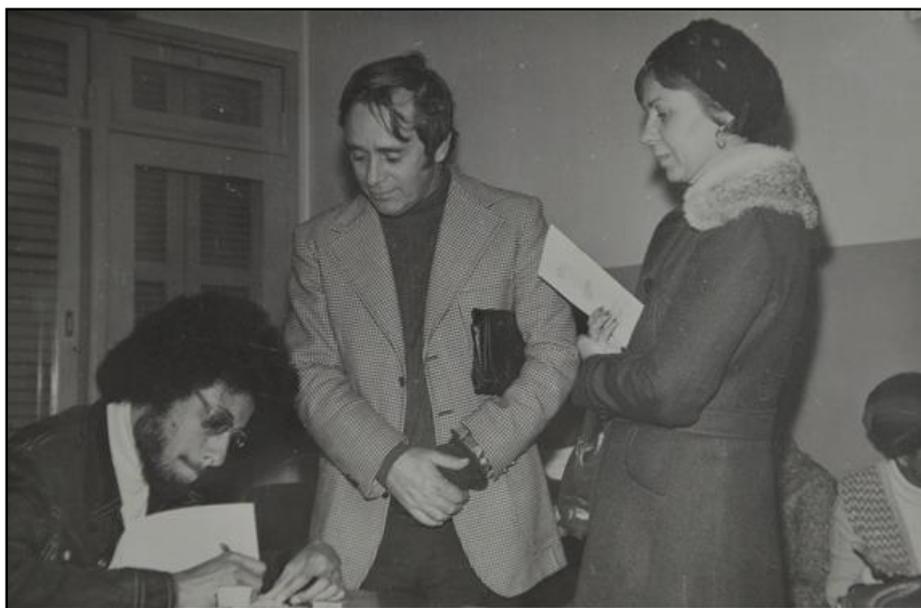


Figura 7 – Frente da Fotografia referente ao Lançamento do livro “Praça da Palavra” com a presença do escritor Décio Freitas e sua esposa Victória Helena. Porto Alegre – 1976.

Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira

Tal definição foi elaborada pela ampla rede profissional internacional do Comitê de Conservação do ICOM-CC, que constatou a necessidade de uma terminologia clara e coerente, que facilitasse a comunicação entre os conservadores-restauradores, na XVª Conferência Triannual, em Nova Delli, no ano de 2008.

Sendo assim, compreende-se que conservar os bens culturais é desenvolver uma consciência do conhecimento e do aprimoramento dos principais agentes da deterioração para o adequado diagnóstico das maiores necessidades do acervo, bem como o aprimoramento da responsabilidade legal e social.

Deste modo, entende-se, no presente trabalho, *a priori*, a busca por regular as ações que possam ajudar a evitar a degradação dos bens culturais a partir da conservação preventiva, consoante ao grau dos conhecimentos técnicos em presença e a utilização de materiais de boa qualidade, específicos para conservação de fotografias.

Cabe salientar, que a única fotografia do acervo, divulgada até hoje, é a imagem do ato em comemoração a morte de Zumbi do Palmares, de 1971. Porém, nas poucas vezes em que circulou, estava com uma resolução muito precária. Por isso, é possível afirmar que este é o primeiro trabalho acadêmico sobre as fotografias que integram o AOS.

Outra parte essencial dessa pesquisa foi a análise iconológica, que é basicamente “uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da fotografia, em vez de ficar limitada ao exame estático preliminar” (PANOFSKY, 1979, p. 54). Trata-se do registro escrito, da contextualização da historicidade, que passam a formar uma parte primordial da documentação sobre o acervo.

### 1.3. Por que Patrimônio Cultural Negro?

*“Falsificaram os livros de história, / trocaram os heróis (...) botaram fogo nos documentos / do tráfico e do crime/ e então ficamos sendo os que não vieram (...) Ficamos sendo estas ruínas / em auto-reconstrução”  
Oliveira Silveira (2009,p. 81).*

Na citação acima, escrita por Oliveira Silveira em um de seus poemas, observar-se um tom denunciativo, que traz informações relevantes acerca das memórias propositalmente esquecidas no Brasil ao longo dos séculos.

Esse pequeno trecho no qual o autor afirma que “falsificam os livros de história” e “botaram fogo nos documentos”, exemplifica fatos que aconteceram e que foram decisivos para o projetado esquecimento ou a excessiva folclorização dos patrimônios culturais negros.

A legislação brasileira aponta a raiz multicultural da sociedade, estabelecendo como patrimônio cultural, os bens materiais e imateriais dos diferentes grupos considerados “formadores da sociedade brasileira”. Mas que grupos são esses? Pois em nenhum momento são especificados quais são esses grupos “formadores da sociedade brasileira”. Esse é um ponto importante de ser pensado, pois o Brasil possui uma raiz multicultural, no entanto essa realidade não foi suficiente para destacar e valorizar de forma igual todas etnias e culturas presentes no país. Pelo contrário, principalmente as culturas negras e indígenas passaram por inúmeros processos de aniquilação histórica e cultural, sobretudo no período pós-abolicionista, no qual ocorreu a vinda dos imigrantes europeus e a tentativa de branqueamento do país.

O Estado Nacional possibilitou aos imigrantes italianos e alemães, uma nova vida, com direito a terra, a escolaridade, aos setores industriais, além de acesso a universidade e demais instituições de ensino. Estes grupos, embora tenham sido censurados de falar suas línguas de origem em determinado período que o Brasil procurou formar um conceito de nacionalidade, não foram impedidos de manter suas tradições, músicas e hábitos culturais. Diferentemente dos negros e indígenas que tiveram suas tradições e rituais inclusive criminalizados.

Após a abolição, o Estado, por meio da força policial defendeu interesses de uma elite hegemônica que se valia da branquitude e auxiliou na destruição e descaracterização de qualquer manifestação negra da forma mais violenta possível. Os capoeiristas negros eram presos, as Casas de Matriz africana foram destruídas e fechadas. Imagens de orixás, tambores e vestimentas eram confiscados pela polícia civil. Nesse sentido, os patrimônios culturais que sempre receberam atenção governamental e verba pública para serem salvaguardados foram os patrimônios das culturas eurocêntricas. Deste modo, foi fixado no imaginário da sociedade brasileira aquilo que poderia ser considerado patrimônio cultural e o que não poderia ser. Esses pré-conceitos são originários dos séculos XVIII e XIX, nos quais

somente os monumentos, casarões imperiais, telas de barões e outras expressões não negras tinham direito de manterem-se vivas para as futuras gerações.

Nesse sentido, cabe descrever parte do contexto nacional da década de 1930, que na visão modernista, era bastante vinculado à eurocentrização e foi nessa conjuntura que Mário de Andrade e Aloísio Magalhães buscaram mapear o “Brasil profundo”. Neste período, foram identificadas inúmeras manifestações negras e indígenas, mas a ideologia política de “integração nacional” as denominou: “populares”.

A divulgação dessas “novas raízes nacionais” como exóticas reforçou o racismo “à brasileira”, deixando as memórias da população negra e indígena ainda mais esquecidas. Sendo assim, a ascensão desses patrimônios de origem “não europeia” esteve sempre na contramão. As histórias e tradições que possuíam e possuem identidades étnicas e culturais específicas, a partir de uma política de Estado, passaram a ser difundidas como “mestiças” ou “tipicamente brasileiras”. Acontecimento que até hoje gera problemas no reconhecimento de iniciativas culturais negras, uma vez que os patrimônios fundamentalmente ‘negros brasileiros’ são apontados geralmente como ‘populares’ ou ‘afro-brasileiros’.

Dentre as decorrências dessa dissolução dos patrimônios negros na cultura popular, está o não reconhecimento das lutas sociais e culturais dos negros(as). Em resumo, as manifestações afrodescendentes ou afro-brasileiras no país, podem facilmente ser vistas como não negras, pois uma pessoa branca pode ser afrodescendente. Cuti (2012), adverte que, do ponto de vista científico, a humanidade tem origem no continente africano, que todos os seres humanos são afrodescendentes e, em efeito, todos os brasileiros são afro-brasileiros, mas ressalta que, do ponto de vista social, esse pensamento não procede. O prefixo “afro”, segundo o autor, não representa, em sua semântica, a pessoa humana como ocorre com a palavra “negro”. Em relação a isso, ele afirma que:

[...] Essa diz, de pronto, sobre o fenótipo: pele escura, cabelo crespo, nariz largo e lábios carnudos e história social. Variações nesses itens são infinitas. ‘Afro’ não necessariamente incorpora tal fenótipo, sobre o qual incide a insânia branca do racismo. Branca porque é dos brancos. Um ‘afro’ pode ser branco. Há milhões deles. No ‘afro’ o fenótipo negro se dilui. É por isso que o jogo semântico-ideológico se tem estabelecido e o sutil combate à palavra negro vem se operando, pois ela não encobre o racismo e, além disso, lembra reivindicação antirracista. (CUTI, 2012. p. 4).

Corroborando com esse pensamento, seria complexo discutir sobre um patrimônio que atua no sentido de denúncia contra a discriminação racial utilizando-se o prefixo “afro”. Na interpretação da nomenclatura “afro” não estão apenas as pessoas negras, mas também as pessoas brancas afro-brasileiros, as quais não vivem na pele, a mesma discriminação.

“O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade incolor: ele é preto. Está, pois, encurralado na autenticidade: insultado, avassalado, reergue-se apanha a palavra ‘preto’ que lhe atiraram qual uma pedra, reivindica-se negro, perante o branco, na altivez. A unidade final, que aproximará a todos os oprimidos no mesmo combate, deve ser precedida nas colônias por isso que eu chamaria momento da separação ou da negatividade: este racismo anti-racista é o único caminho capaz de levar a abolição das diferenças de raça”. (SARTRE, 1968b, p. 94 apud PINHO, 2010, p. 413).

De tal modo, o uso da palavra “negro” positivada pelo influxo do ativismo negro, atua no sentido de promover a superação do racismo e reforçar a identidade vilipendiada secularmente. “Abandoná-la é solapar as conquistas já feitas nesse sentido” (CUTI, 2012, p. 22). Ao analisar esse contexto e perceber as diferenças entre essas palavras, é possível afirmar que este trabalho se propõe a discutir sobre fotografias referentes não à luta afro, mas a uma memória de imagens da luta negra. Dessa maneira, torna-se relevante dar ênfase o termo negro juntamente a palavra patrimônio, como meio de reconhecimento aos grupos negros que preservam seus patrimônios. Sendo assim, esta pesquisa debruça-se sobre um acervo fotográfico constituído por grupos negros. Assim, esse trabalho classifica-se como uma pesquisa sobre um patrimônio cultural negro.

A constituição do imaginário de uma população é feita especialmente pela produção cultural. Nesta, as formas mais eficazes encontram-se no campo das artes, porque manipulam não apenas os aspectos racionais das relações humanas, mas também os emocionais. O imaginário racista da população brasileira vem sendo alimentado há séculos por uma arte que, no tocante às relações inter-raciais, é alienada. Ela é responsável por não enfrentar o fantasma do racismo, que de fantasma só tem a técnica do disfarce, pois é muito prático. (CUTI, 2012, p. 14).

Segundo Cuti (2012), o fato de toda a produção que apresenta o Brasil como um país de pura harmonia racial, como se estivéssemos num país cuja diferença fenotípica nada representasse, acaba sendo prejudicial, pois coloca em prática a técnica do silêncio, ou seja, a reprodução de uma memória de esquecimento e negação das diferenças raciais. Isso colabora sobremaneira para a ideia que se constrói, dentro e fora do Brasil, sobre o conceito de patrimônio cultural que separa as populações que são detentoras de patrimônios históricos e culturais e as populações que não possuem nada, nem o direito à memória.

Leonardo Castriota, na obra *Patrimônio Cultural – Conceitos, Políticas, Instrumentos*, cita a dialética lembrar-esquecer que remete ao esquecimento projetado de certos aspectos históricos do Brasil e o espaço privilegiado que sempre foi destinado a alguns pequenos grupos.

A preservação do patrimônio é um campo que tem ganhado proeminência na cena atual. É interessante perceber, no entanto, como esse campo se articula de forma diferente nos diversos contextos nacionais. Implementadas tradicionalmente pelos estados, as políticas de preservação trabalham com a dialética lembrar-esquecer: para se criar uma memória nacional privilegiam-se certos aspectos em detrimento de outros, iluminam-se certos momentos da história, enquanto outros permanecem na obscuridade. (CASTRIOTA, 2009, p. 65).

Com essa reflexão, lembra-se do absoluto descaso aos inumeráveis acervos mantidos pelas comunidades negras e que permanecem totalmente desconhecidos pela maior parte dos brasileiros.

O valor da cultura negra, que tanto enriquece o patrimônio cultural brasileiro, ainda é praticamente desconhecido pela sociedade oficial. Sua riquíssima visão sagrada do mundo, com suas formas específicas de comunicação, sua dimensão estética peculiar, seus conhecimentos científicos de medicina, de matemática, de botânica, seu saber filosófico, psicológico e pedagógico sofrem a ação de recalçamento do estereótipo e a ele resistem e reagem. (LUZ, 2011, p. 25).

Os patrimônios culturais são divididos em duas categorias, bens materiais e bens imateriais, que acabam por facilitar a identificação dos bens culturais e dos variados saberes e fazeres. A noção de cultura e patrimônio é definida no Art. 216 da Constituição de 1988, no qual se dita que os bens de natureza material e imaterial são portadores de identidade e memória dos diferentes grupos formadores

da sociedade brasileira. O patrimônio cultural, no contexto atual, visa ao desenvolvimento e à difusão de conhecimento e educação para todos, devendo independer de cor e credos. Ele existe para as comunidades, as cidades, o país que engloba. Logo, do patrimônio cultural fazem parte:

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (CASTRO;FONSECA, 2008, p.14).

Embora muitas vezes seja evidenciado pela bibliografia hegemônica e principalmente por órgãos governamentais que a maior parte das manifestações negras são “imateriais”, “intangíveis”, ou basicamente perpetradas por tradições orais, as pesquisas contra hegemônicas comprovam que os patrimônios materiais negros, contidos no item IV, são inumeráveis.

E para que os patrimônios materiais e imateriais negros saem da obscuridade, é necessário desconstruir com o que já está posto. É necessário contestar esses momentos iluminados da história do país e os momentos nunca antes mencionados, nos quais encontram-se as memórias sociais negras. É evidente que essa desconstrução gera confusão e reações conservadoras. Pois, até pouco tempo, aparentemente não existiam tantos patrimônios negros no país. Mas algumas pessoas talvez se perguntem aonde estão os patrimônios materiais negros brasileiros? Abaixo, alguns exemplos:

- Documentos e fotografias do MNU, o Movimento Negro Unificado;
- Jornais e folhetins da Imprensa Negra;
- Atas e carteirinhas de antigos sócios dos Clubes Sociais Negros;
- Berimbaus utilizados por grandes Mestres de capoeira;
- Utensílios antigos utilizados no interior dos Quilombos rurais e urbanos;
- Imagens antigas de Orixás em gesso ou madeira;
- Vestimentas de Mães e Pais de Santo que foram historicamente importantes para determinada Casa de Religião de Matriz Africana.

Diante desses exemplos, se compreende que não é possível separar os bens culturais considerados imateriais da sua materialidade. Assim como se compreende que não se podem separar os indivíduos ou comunidades que possuem patrimônios culturais daqueles que não possuem, tendo em vista que todos os grupos, principalmente aqueles historicamente excluídos, possuem patrimônios que auxiliam na constituição de suas memórias, sejam esses indivíduos brancos, indígenas ou negros.

Nesse sentido, Castriota destaca que, de fato, nunca se falou tanto sobre preservação do patrimônio e da memória, nunca tantos estiveram envolvidos em atividades ligadas a ele, nunca se forjaram tantos instrumentos para lidar com as preexistências culturais (CASTRIOTA, 2009, p. 11). Para ele:

Patrimônio cultural é uma noção que tem se modificado e ampliado ao longo dos séculos, sendo atualmente muito mais abrangente do que nos primórdios do século XX, quando edifícios e marcos históricos, a exemplo dos monumentos urbanos, eram protegidos e passavam a fazer parte da memória oficial, em detrimento de outras formas de expressão patrimonial até então não reconhecidas como tal. Nesse sentido, a Declaração de Caracas, oriunda da reunião de 1992, na qual especialistas nas mais variadas disciplinas se encontraram para debater o patrimônio latino-americano sob os auspícios da Organização dos Estados Americanos (OEA) e da UNESCO, preconizou que 'o patrimônio cultural de uma nação, região ou de uma comunidade é composto de todas as expressões materiais e espirituais que o constituem, incluindo o meio ambiente' (UNESCO, 1992). pág 90 e 91 (COSTA, 2012, p. 90-91)

Deste modo, essa pesquisa entende o acervo de Oliveira Silveira como uma expressão material e espiritual das comunidades negras. E ainda que, de maneira geral, órgãos responsáveis pela voz da população negra no Governo demonstrem tomar, como um dado concreto, a nomenclatura patrimônio afro-brasileiro perante 51,7% da população brasileira que se autodeclara negra (preto e pardo), conforme o Censo IBGE 2010, acredita-se que é necessário propor mudanças conceituais, que podem ser benéficas a população que tem a cor escura e uma origem histórico-social específica que não se encaixa na palavra afro e sim na palavra negro. Por isso também se entende o AFOS como um patrimônio negro.

## **2. FOTOGRAFIA DOCUMENTAL, MILITÂNCIA NEGRA E A DITADURA MILITAR NO BRASIL**

### **2.1 A Representação da População Negra na Fotografia documental em Quatro Fases**

“O discurso patrimonial se funda com frequência sobre o apelo à sobrevivência de uma tradição, de uma identidade local, regional ou nacional” (CANDAU, 2010). Seguindo esse pensamento, entende-se o Acervo Fotográfico Oliveira Silveira como um patrimônio negro que faz parte de uma identidade local, pois tem sua origem em cidades do Rio Grande do Sul e nacional, tendo em vista as imagens em que se observa a presença de O. S. em eventos nacionais do Movimento Negro.

Observa-se então, que a representatividade desse acervo é de âmbito nacional, uma vez que aborda, de forma imagética parte de uma memória sobre o ativismo negro numa perspectiva abrangente em termos de articulações entre movimentos negros. Além disso, vê-se que o AFOS, desvincula-se das imagens negativas e estigmatizadas historicamente atribuídas à população negra. Sua narrativa segue a linha da emancipação cultural e política dos movimentos negros brasileiros.

As fotografias documentais transmitem informações, promovem prazer estético e conseqüentemente atuam como formadoras de opinião (HORN, 2010). Nesse sentido, decidiu-se trazer quatro momentos nos quais a população negra está presente - forçadamente ou por escolha - na história da fotografia documental . Assim é possível observar e refletir sobre as diferenças do contexto histórico das imagens que antecipam o período estudado nessa pesquisa. Para tanto, elucida-se

a origem das fotografias que ilustram as quatro tabelas<sup>31</sup> que serão mostradas a seguir.

Na primeira tabela (1840-1890), foi utilizada a obra “Mulheres Negras do Brasil” de Shuma Shumaher; Vital Brazil (2007); na segunda tabela (1890-1937), utilizou-se o “Catálogo do Museu Afro Brasil” de São Paulo, organização de Emanuel Araújo (2006); na terceira tabela (1945-1964), utilizou-se a dissertação de Mestrado intitulada “Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial” de Giane Escobar (2010); e, por último (1971-1988) escolheu-se uma fotografia do MNU, o Movimento Negro Unificado, encontrada na página da “web Correio Nagô”<sup>32</sup>.

A 1ª fase da representação do negro na fotografia encaixa-se no denominado período oitocentista. Tem recursiva relação ao trabalho subalterno dos negros escravizados e aos “tipos” de feições africanas, que não condiziam com o padrão de beleza eurocêntrico, estabelecido na época e que perdura, em parte, até hoje. Os retratos encomendados previam sempre o lucro dos senhores de escravos e talvez essa tenha sido a fase mais dolorosa, já que a partir da supervalorização da “supremacia branca”, se mantinha mais forte a inferiorização da população negra.

Compreende-se nesse período (1840 – 1988), uma “exploração fotográfica” maior entre as mulheres negras, pois elas serviam tanto como expositor para as mulheres brancas ostentarem seu poder aquisitivo através da exibição de suas joias, colares e pulseiras, quanto para serem alugadas como amas de leite, por exemplo. Os jornais divulgavam fotografias de mulheres negras que estavam amamentando como amas de leite e junto as suas fotografias havia informações como essa: “negra saudável e sem filho” (ARAUJO, 2006). Além disso, fotos de meninas negras eram encomendadas para confecção de cartões postais que incitavam à prostituição.

---

<sup>31</sup> A referência principal para a elaboração das quatro tabelas intituladas: “Quadro da representação da população negra na fotografia em quatro fases (1840 - 1988)” foi o “Quadro comparativo da trajetória do movimento negro na República”, de Petrônio Domingues. DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Tempo* [on-line]. vol.12, n.23, 2007. p. 117-119.

<sup>32</sup> Correio Nagô. Disponível em: <<http://correionago.com.br/portal/movimento-negro-perde-maurilia-queiroga/>>. Acessado em 04.02.2014.

<b>O negro na fotografia em quatro fases (1840 – 1988)</b>		<b>Enfrentamento e solução para o racismo</b>	<b>Métodos de lutas</b>
<p><b>Primeira fase (1840-1890)</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Período escravocrata:</li> <li>- retratos dos trabalhos subalternos exercidos pela mão de obra escrava negra;</li> <li>- aluguel de amas de leite;</li> <li>- registro do fenótipo exótico dos negros africanos;</li> <li>- mulheres negras serviam de expositor para as sinhás brancas exibirem suas joias, colares, pulseiras;</li> <li>- fotos de meninas negras eram encomendadas, visando com a prostituição, mais um lucro para o senhor.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação de entidades abolicionistas, em defesa dos “homens de cor”, irmandades religiosas “dos pretos”, literatura.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resistência ao cativo, quilombismo, luta armada contra a escravidão, abortos para não gerar escravos, estratégias de sobrevivência.</li> <li>- <i>Dia de reflexão e/ou protesto</i> - Assinatura da Lei Áurea, em 1888.</li> </ul>

Tabela 1 – Quadro da representação da população negra na fotografia - Primeira fase (1840-1890).  
Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Após a abolição, os negros passaram por um estágio de transição drástica em relação ao processo de identidade e memória, pois o legado do cativo era a herança mais recente. “Não eram apenas fardos que arrastariam inexoravelmente ou de que poderiam se desfazer na primeira esquina da liberdade. Estavam marcados nos corpos e nas mentes – nunca em termos biológicos, mas por expectativas políticas” (GOMES, 2005, p.12).

Construíram no Brasil, livros sobre livros, a réplica da peste europeia que propalou a patologia do branco superior. Esse dejetos cai em cima da gente desde a infância, em suas formas mais sutis. Uma verdadeira dopagem da consciência de todos os brasileiros. Assim a imagem de nós negros, na maior parte da literatura – ou na própria cultura negra<sup>33</sup> - brasileira está feita segundo os cânones racistas do século XIX, que negavam a nós as características essencialmente humanas. (Cuti: Panorama da Arte Negra em São Paulo SP, 1981). (Silva, 2004, p. 111-112):

Conforme cita o autor, a imagem da população negra, seja no âmbito da literatura, da cultura ou da própria existência do negro na sociedade, era exaustivamente desumanizada.

<sup>33</sup> *Grifo da autora.*

Inúmeras foram as tentativas dos próprios negros para desconstrução dessa realidade. As raras imagens positivas de ascensão social e intelectual negra na 2ª Fase da representação do negro na fotografia (1890-1937) demonstram essas estratégias que buscavam uma identidade negra positivada. Mesmo que as táticas ainda estivessem num contexto branco, a preocupação era com o sentimento mínimo de dignidade e de (re)construção de uma história negra de resistência ao sistema imposto.

Na “não bastava ser livre, era preciso parecer livre” (KOUTSOUKOS, 2009, p. 79). Segundo Sandra Sofia Machado Koutsoukos (2009), no artigo “O valor da aparência”, nesse período, “em geral copiava-se o modo de vestir, pentear e posar” da moda europeia vigente. A autora afirma que:

Para abrir caminho naquela sociedade exigente, competitiva e racista e se fazerem aceitos ou, ao menos tolerados, precisavam construir a sua imagem a partir de comportamentos tomados ‘emprestados’ dos ditos brancos. (Koutsoukos, 2009, p. 79).

E salienta, que, embora “se inspirassem na sociedade branca para compor sua nova imagem social” (KOUTSOUKOS, p. 82), não se tratava de “aculturação”, mas sim da busca pela negritude positivada, isto é, busca por uma imagem positiva e elevadora da autoestima das pessoas negras. Essa foi mais uma estratégia de aceitação, ascensão e sobrevivência negra na segunda metade do século XIX.

Nessa época, os recentes estúdios fotográficos, espalhados pelas cidades, eram responsáveis por documentar o empenho dos negros forros em apagar o passado recente e disseminar uma nova imagem ligada à liberdade, distinção e riqueza, principalmente.

Logo, nessa 2ª fase, as cenas eram construídas em estúdios e os retratos desempenhavam o papel de explicitar através da imagem “a posição que a pessoa ocupava, ou que pretendia demonstrar que ocupava” (KOUTSOUKOS, 2009, p. 79). É notável a presença maior de homens negros em aparições de retratos individuais e outras vezes como figura central, rodeados pela esposa e filhos, denotando considerável importância na fotografia.

E embora as mulheres negras não ocupassem “o papel principal” nessas fotografias, é importante ressaltar que diferente da 1ª Fase, marcada por humilhação, separação de grupos africanos da mesma região e das famílias negras, especialmente o afastamento das “mães pretas de seus filhos negros”, até então não existiam registros de famílias negras em circunstâncias de união, afetividade e liberdade.

Sendo assim, a 2ª fase pode ser considerada de busca por identidades negras diaspóricas e por uma construção de memórias positivas das famílias negras brasileiras.

<b>O negro na fotografia em quatro fases (1840 – 1988)</b>		<b>Enfrentamento e solução para o racismo</b>	<b>Métodos de lutas</b>
<p><b>Segunda Fase (1890-1937)</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Período Pós-abolicionista:</li> <li>- enfrentamento da sociedade racista e competitiva;</li> <li>- necessidade de se construir uma imagem positiva do negro;</li> <li>- predominância de homens negros em destaque;</li> <li>- cenas construídas em estúdio. “Não basta ser livre, é preciso parecer livre.”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criação de agremiações negras, palestras, atos públicos “cívicos” e publicação de jornais, discurso “pela moral e pelos bons costumes”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pela via educacional e moral, nos marcos do capitalismo ou da sociedade burguesa;</li> <li>- <i>Dia de reflexão e/ou protesto</i></li> <li>- Assinatura da Lei Áurea, em 1888.</li> </ul>

Tabela 2 – Quadro da representação da população negra na fotografia - Segunda Fase (1890-1937)

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Mesmo quando o valor dos retratos “era vil”, na década de 1890, o custo continuava quase inacessível para a maior parte da população negra. Porém, conforme Sandra Sofia Machado Koutsoukos (2009), o retrato era como um cartão de visita e embora pudesse significar a privação de itens importantes para a sobrevivência, tornava-se um investimento. De tal modo, a fotografia podia funcionar como um “passaporte” legitimando a nova condição social das famílias negras, casais negros, mulheres negras e homens negros forros.

Mas o momento que marca a (re)afirmação das origens e valores negros é a 3ª fase da representação do negro na fotografia (1945-1964). É nesse momento, que a população negra, maioria em quase todos os estados brasileiros, sente a necessidade de criar práticas e rituais que a identifique como protagonista. É nessa fase que surgem os jornais de uma agitada imprensa alternativa, formada por negros que se voltavam para “a luta em defesa de suas questões” (DOMINGUES, 2009, p. 96) e reivindicavam políticas reparatórias através da imprensa negra (Figura 8).



Figura 8 – Editores da Imprensa Negra: Jornais A Liberdade e A Voz da Raça. Década de 1930.  
Fonte: Folder da 22ª Semana da Consciência Negra de Santa Maria – RS.

Petrônio Domingues (2009) analisa a história da Imprensa Negra em duas fases no artigo *Consciência de Cor* e faz um recorte temporal de 1889 - 1930. O autor explica que no primeiro momento os jornais se detinham a divulgar a vida social – festas, aniversários, batizados, noivados, debutantes, casamentos e falecimentos – dos homens e mulheres da comunidade negra. E que, especialmente, a partir da década de 1920, inicia-se um momento caracterizada pela busca da identidade negra compartilhada e por reivindicações de caráter político.

Para Sátira Machado (2009), em “Clubes Negros e Imprensa Negra: Elo para a Mobilidade Afro-Gaúcha”, a imprensa negra gaúcha passou a cumprir um importante papel no registro da historiografia da população negra, uma vez que os meios de comunicação eram e são incluídos nos processos de socialização dos CLUBES SOCIAIS NEGROS. Conforme a autora, a imprensa negra, as associações e os clubes sociais negros “eram formas organizativas que devem ser compreendidas como um espaço dinâmico, atuante e centros difusores das ideias e ideais da população negra” (MACHADO, 2009, p. 02).

No Rio Grande do Sul, a Imprensa Negra é legitimada com periódicos como: O Exemplo (Porto Alegre, 1892-1930), A Cruzada (Pelotas, 1905), A Navalha (Santana do Livramento, 1931), A Revolta (Bagé, 1925), A Hora (Rio Grande, 1917-1934), A Alvorada (Pelotas, 1907- 1910; 1930 – 1937; 1946 – 1957), O Ébano (1962). (SANTOS, 2003). Na década de 70, foi lançada a revista gaúcha Tição<sup>1</sup>, publicação que tinha como principal pauta o debate sobre a discriminação racial no Brasil. Em 1987, o Centro Ecumênico de Cultura Negra (Cecune) passou a executar projetos sociais, principalmente de cunho comunicacional, promovendo mostras de cinema e vídeo com a temática negra, em Porto Alegre. O Cecune promoveu ainda a edição do Jornal Como é (1995 – 1998), a publicação da Revista Conexão Negra (2003) e, atualmente, mantém o website Nação Z. (MACHADO, 2009. p. 02).

A circulação dos jornais e revistas da imprensa negra era extremamente restrita e sua distribuição era feita principalmente nos eventos sociais dos CLUBES SOCIAIS NEGROS ou eram vendidos pelos editores em suas próprias casas (DOMINGUES, 2009, p. 96-97). Cabe enfatizar que na grande maioria das vezes muitos exemplares eram distribuídos gratuitamente, pois “o ideal prevalecia sobre o lucro” (DOMINGUES, 2009, p. 97). Nessa 3ª fase, o intuito é buscar acima de tudo, o sentimento de pertencimento a uma identidade negra positiva. No decorrer desse período, que pode ser identificado também como estratégico na luta pela resistência contra o sistema opressor, observa-se uma efervescência de organizações negras.

Formou-se no Brasil uma “elite negra”, que não precisava mais juntar dinheiro e abdicar de itens básicos de sobrevivência para ir ao estúdio. Essa “elite negra”, agora possuía poder aquisitivo para contratar fotógrafos. Esses se locomoviam até os espaços de integração e sociabilidade negra para registrar a convivência no interior das associações e clubes sociais negros. E é nesse momento que há predominância de fotografias de grupos.

Nas imagens da coletividade negra predominam o requinte e a elegância com que se apresentavam as mulheres negras e os homens negros. Roupas masculinas bem ajustadas, gravatas com nó complicado, sapatos bem lustrados. As mulheres com vestidos bem alinhados, joias e sapatos sofisticados. Desse modo, a 3ª fase aponta para o enquadramento do(a) negro(a) na sociedade burguesa, pelas regras de boas maneiras e bons costumes dentro dos espaços de sociabilidade negra.

<b>O negro na fotografia em quatro fases (1840 – 1988)</b>		<b>Enfrentamento e solução para o racismo</b>	<b>Métodos de lutas</b>
<p><b>Terceira Fase (1945-1964)</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Período do Auge das elites negras;</li> <li>- fotografia dentro de espaços de sociabilidade negra: famílias negras, casamentos de casais negros, debutantes negras, rainhas e princesas negras;</li> <li>- retratos de festividades e reuniões nos Clubes Sociais Negros.</li> </ul>	<p>-</p> <p>Teatro negro, imprensa negra, eventos acadêmicos” e ações visando à sensibilização da elite branca para problemas específicos enfrentados pelos negros no país.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pela via educacional e cultural, eliminando o complexo de inferioridade do negro e educando racialmente o branco, nos marcos do capitalismo ou sociedade burguesa;</li> <li>- reflexões sobre negritude;</li> <li>- <i>Dia de reflexão e/ou protesto</i> - Assinatura da Lei Áurea, em 1888.</li> </ul>

Tabela 3 – Quadro da representação da população negra na fotografia - Terceira Fase (1945-1964)  
Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Já a 4ª fase da representação do negro na fotografia, aqui estipulada entre 1971 a 1988, possui um discurso diferente, que emerge contra os conceitos hegemônicos brancos de moldes da sociedade. Na 4ª fase a população negra está em plena a Ditadura Militar, período em que se intensifica a luta dos movimentos negros em todo o país.

A partir da década de 1970, os negros não estão mais somente em espaços negros, pelo contrário, estão em todos os lugares que lhes foram negados durante séculos, tais como ambientes culturais não negros e as universidades públicas. Sendo a rua o maior exemplo de tomada de espaço.

É a primeira vez que organizações negras aparecem em reivindicações públicas, com discurso explícito contra o racismo. É a primeira vez que o movimento de mulheres negras ganha voz. E é a primeira vez que o cabelo negro natural, o famoso “*Black Power*”, é evidenciado como um ato político contra o sistema hegemônico branco.

<b>O negro na fotografia em quatro fases (1840 – 1988)</b>		<b>Enfrentamento e solução para o racismo</b>	<b>Métodos de lutas</b>
<p><b>Quarta fase (1971-1988)</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Período de reivindicações explícitas contra o racismo:</li> <li>- fotos na rua e em espaços culturais diversos;</li> <li>- Mulheres negras militantes se destacam;</li> <li>- fotografia de atos públicos e eventos promovidos pelo movimento negro: Congressos, Encontros, Seminários, Festivais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manifestações públicas, formação de comitês de base, busca por políticas públicas específicas para a comunidade negra com interferência na constituição brasileira;</li> <li>- Formação de um movimento negro nacional.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pela via política (“negro no poder!”), nos marcos de uma sociedade socialista, a única que seria capaz de eliminar todas as formas de opressão, inclusive a racial;</li> <li>- <i>20 de Novembro como Dia Nacional da Consciência Negra - Rememoração da morte de Zumbi dos Palmares.</i></li> </ul>

Tabela 4 – Quadro da representação da população negra na fotografia - Quarta fase (1971-1988).  
Fonte: Tabela elaborada pela autora.

E é sobre essa última fase que esse trabalho se debruça. No capítulo seguinte, busca-se contextualizar esse ápice de lutas sociais negras brasileiras no período de maior censura do Brasil.

## 2.2. Lutas Sociais Negras durante a Ditadura

Deivison Campos (2006, p. 8) comenta que as pesquisas no interior das universidades, em sua maior parte, privilegiam temas relativos ao período escravista, período relevante, todavia, conforme esse autor, isso ocorre e se justifica pela não ocorrência de outros estudos voltados a participações do negro na História do Brasil. Nesse sentido, Campos entende que temáticas contemporâneas, como as organizações do movimento social negro, têm sido deixadas em segundo plano, pelo fato desses grupos defenderem modificações importantes na organização da sociedade brasileira, principalmente nas relações raciais.

O autor ainda comenta que “o aumento de estudos realizados a partir desse enfoque seria o reconhecimento da existência de uma discriminação estrutural no país, contrariando o senso comum de vivermos numa democracia racial”. (CAMPOS, 2006, p. 9). Com base nessa reflexão, é plausível afirmar que as fotografias de Oliveira Silveira contrariaram o senso comum de uma época e enfrentam o “mito da democracia racial” em voga no período da Ditadura, pois foi a partir das discussões do Movimento Negro Unificado que “o paraíso racial”, a “fábula das três raças” e a mestiçagem, tão divulgados dentro e fora do Brasil como símbolo da nação, foram rebatidos.

Em março de 1964, ocorre um impacto do contexto internacional no desenvolvimento do processo histórico brasileiro. Nessa época, desencadearam-se, em todo o país, amplos movimentos sociais populares pela reforma agrária, pela contenção da remessa de lucros, por modificações nacionalistas e por uma nova estrutura educacional (MELLO, 1985, p. 53): Estudantes estudantes; artistas; numerosos setores das classes médias urbanas engrossara (essa frase parece solta). Também no âmbito parlamentar, estrutura-se uma frente nacionalista que faz crescer a pressão no sentido das reformas de camponeses; trabalhadores urbanos – do setor público em empresas estatais; de estudantes; Iguamente, ocorreram greves econômicas e políticas, manifestações, comícios, invasões de terra. Em suma, “nunca se vira algo semelhante na história republicana brasileira” (REIS FILHO, 2004).

E, embora o “golpe militar de 1964 tenha representado uma derrota, ainda que temporária, da luta política dos negros” (DOMINGUES, 2007, p. 32), os movimentos negros, principalmente o MNU, não se calaram.

Houve a desarticulação de organizações e forças que discutiam o “preconceito de cor” no país. Como consequência, “o Movimento Negro organizado entrou em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criarem um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil”. De acordo com Lélia Gonzalez, a repressão desmobilizou as lideranças negras, lançando-as numa espécie de semiclandestinidadade. A discussão pública da questão racial foi praticamente banida dos assuntos.

Ao longo do processo de lutas, os movimentos que reivindicavam reformas de base adquiriram um evidente cunho nacionalista, tendo em vista a importância conferida ao estado e ao lugar central que ele ocuparia nas propostas de reorganização da sociedade e da economia. As tramitações giravam em torno de movimentos revolucionários, porém as direitas, derrotadas em agosto de 1961, cedo se rearticularam. Em decorrência disso, os partidos conservadores começaram a se organizar.

Outro tema que merece atenção é a igreja, a qual, de forma ampla, derivou para ações em prol da direita. Segundo Reis Filho (2008), essa Instituição adotou posições de resistência às reformas e aos movimentos que a defendiam. Logo depois da vitória do Golpe Militar, em 1964, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB abençoou, com sua autoridade, os vitoriosos. Mesmo assim, cabe ressaltar que muitos padres e bispos sofreram perseguições e também foram mortos por serem coniventes com ações revolucionárias.

Quando, em abril de 1964, os militares derrubaram o presidente João Goulart e ocuparam o poder, na verdade estavam dando sequência a uma longa tradição intervencionista que remonta aos séculos anteriores da nossa história. Ainda antes da Proclamação da República e durante a época escravista registraram-se inúmeros episódios de participação dos militares na repressão contra lutas populares. (MELLO, 1985, p. 53).

A Ditadura Militar mostrou-se uma intervenção salvadora no início, visto que defendia a democracia e a civilização cristã: “contra o comunismo ateu, a baderna e a corrupção” (REIS FILHO, 2004). Para o fortalecimento dessas afirmações, foram

criados grandes meios propagandísticos e educacionais, o que fazia parte da educação moral e cívica. Porém, aos poucos, por dificuldades econômicas e em função da rígida política monetarista, os militares perderam a legitimidade e a popularidade. Com a direção política fragilizada, o poder estava desgastado e, sem conseguir manter todas as forças que haviam participado do golpe, eles recorreram à força bruta em 1965. Nesse mesmo ano, deram um golpe dentro do golpe: o Ato Institucional nº 5.

Os “anos de chumbo” coincidiram com a retomada do ciclo de desenvolvimento econômico do país. Este período, 1973, ficou conhecido como “o milagre brasileiro”, o que gerou contentamento e euforia em grande parte da sociedade brasileira. Progressivamente, a ditadura foi se tornando impopular, já que a versão de que ela podia salvar, ou construir uma democracia foi se mostrando insustentável (REIS FILHO, 2004, p. 39). A sociedade passa cada vez mais a aderir valores democráticos e versões de esquerda aparecem com mais intensidade:

Os movimentos sociais, tanto urbanos quanto rurais, estavam em efervescência. A produção intelectual, artística e a ação dos grupos da sociedade civil estavam articulados no sentido de buscarem alternativas ao modelo de desenvolvimento capitalista dentro dos marcos do populismo com nítidas orientações nacionalistas, não descartadas as perspectivas de luta pela instauração de práticas socialistas. (GONÇALVES, 2006, p. 4).

A formação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que, depois, passou a se intitular apenas Movimento Negro Unificado (MNU), contestava a ideia de que se vivia uma democracia racial brasileira, pensamento que os militares adotaram na década de 1970. Assim, os negros contestavam “o mito da democracia racial”. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 281).

Começa-se a falar de antepassados, de ancestrais, e os negros que não cultivam essa origem africana seriam alienados, pessoas que desconheciam suas origens, que não saberiam seu valor, que viveriam o mito da democracia racial. Para o MNU, um negro, para ser cidadão, precisa, antes de tudo, reinventar sua raça. A ideia de raça passa a ser parte do discurso corrente, aceito e absorvido de certo modo pela sociedade brasileira, o que não se explica senão pelas mudanças que ocorreram também na cena internacional, que tornaram esse discurso bastante poderoso internamente. Mas o fato é que se introduz de novo a ideia de raça no discurso sobre a nacionalidade brasileira.” (PINHO; SANSONE, 2008, p. 76)

Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (2005, p. 02), os autores destacam que, no período de 1970 e 1980, existiu uma efervescência, em todo o Brasil, de “formações de entidades negras, jornais, revistas e grupos de teatro formados por negros. Além dos centros de cultura negra e blocos culturais negros”. Em relação a esse movimento cultural negro, Nelma Monteiro (2012) declara:

Os Movimentos Negros das décadas de 1970 e 1980, ao colocarem em suas agendas as denúncias de racismo institucional, de racismo à moda brasileira e da farsa da democracia racial, demarcaram um campo de força política imprescindível na conquista por direitos civis, políticos e materiais.

34

Nesse período, a existência de racismo foi duramente rechaçada pela propaganda do governo, os militares tentavam mostrar que no Brasil reinava a perfeita harmonia racial. No entanto, a formação do MNUCDR, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que, depois, passou a se intitular apenas Movimento Negro Unificado (MNU), contestava a ideia de que se vivia uma democracia racial brasileira.

Conforme Juarez Ribeiro<sup>35</sup>, “estes grupos acabavam exercendo práticas de denúncia contra a discriminação racial de forma estratégica”. Essa última característica tem relação com a arte-política às estratégias de luta negra. Assim, acredita-se que essa poderia ser a linha de ação militante de Oliveira Silveira e alguns grupos dos quais fazia parte nessa época. Veremos esse tema mais a frente na parte sobre a representação do negro no AFOS.

Segundo o estudo do autor Araão Reis Filho (2004), lideranças e forças diversas do período da Ditadura Militar, podem dividir-se em três categorias: “Direitas”, “Centristas” e “Esquerdas”. O autor emprega as nomenclaturas sempre no plural por entender que em cada termo existem grupos: dos mais moderados aos mais radicais. Nesse momento, a reflexão tem por objetivo entender em qual categoria O. S. e a totalidade do seu acervo fotográfico estão inseridos.

---

<sup>34</sup> Gazeta On-line, 21/08/2012. Movimento de lutas e conquistas Pesquisadora descreve a trajetória de resistência dos negros no país. Disponível em: <[http://gazetaonline.globo.com/ conteudo/2012/08/voce\\_ag/pensar/368-movimento-de-lutas-e-conquistas.html](http://gazetaonline.globo.com/ conteudo/2012/08/voce_ag/pensar/368-movimento-de-lutas-e-conquistas.html)>. Acessado em: 10.03.2013.

<sup>35</sup>Entrevista com Juarez, concedida à Geanine Vargas Escobar. Santa Maria, 2011.

Os “Direitas” são as forças conservadoras, alérgicas às mudanças e dispostas a manter o estado atual das coisas, seja em que momento for; já os “Centristas” são as tendências da moderação e conciliação, podem se inclinar favoravelmente às reformas, desde que dentro da lei e da ordem, ou podem apoiar soluções de força para deter as reformas; por fim, os “Esquerdas” são aqueles favoráveis às mudanças em nome da justiça e do progresso social.

Nesse sentido, é notório que a luta de O. S. caminhava com visões dos “esquerdistas”, pois buscava o progresso social da população negra, sobretudo, e confrontava os militares quanto às questões de defesa da identidade negra. Porém, ficaram evidentes as pôr aspas, quando Deivison Campos pontua que o Grupo Palmares agia dentro dos limites permitidos pela ditadura. Os integrantes do grupo conciliavam a licença na polícia federal para reuniões, atos públicos e lutavam estrategicamente para uma transformação política e cultural no Brasil.

A esquerda organizada e o pensamento marxista, segundo Osmundo Pinho (2010), organizavam-se para impedir a organização autônoma da população negra, a assunção da negritude e a retomada da linha evolutiva africana, interrompida pela escravidão. Isto é, nas ideologias citadas, não se tinha o intuito de tratar problemas ou conflitos específicos, como a busca de identidades negras positivas, que eram (e são) a base para a tomada de consciência negra e posteriormente luta social. Isso justifica alguns resultados de pesquisas dos autores Verena Alberti e Amílcar Araujo Pereira (2005) que observaram que o mito da democracia racial foi, e é até hoje, um dos maiores desafios enfrentados pelo movimento negro no Brasil. Seguem os autores:

O grande desafio do movimento negro brasileiro, especialmente a partir da década de 1970, foi enfrentar o ‘mito da democracia racial’, que ganhou força principalmente após a publicação do clássico *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933. Segundo esse mito, as relações de raça no Brasil seriam harmoniosas e a miscigenação seria a contribuição brasileira à civilização do planeta. Seguindo essa linha de pensamento, como não haveria preconceito de raça no Brasil, o atraso social do negro dever-se-ia exclusivamente à escravidão (e não ao racismo). Completa esse argumento o fato de as Constituições brasileiras elaboradas a partir da abolição da escravidão nunca terem diferenciado os cidadãos por raça ou cor, ao contrário do que acontecia nos EUA e na África do Sul. Como lutar contra o racismo se o racismo ‘não existia’? (ALBERTI, 2005. p. 1).

Para desespero dos militares golpistas, a partir dos anos 1980, houve a redemocratização do país. Assim, os movimentos sociais que reivindicavam as reformas de base, derrotados no campo dos enfrentamentos sociais históricos, puderam ressurgir vitoriosos, nas batalhas de memória, especialmente o Movimento Negro.

É válido lembrar que foi a partir desse movimento negro nacional que muitas conquistas em prol dos direitos humanos foram alcançadas/comemoradas por outros grupos historicamente marginalizados, tais como: os movimentos indígenas, de mulheres negras, das pessoas com deficiência, dos idosos, dos LGBT. Com o fortalecimento das idéias de pertencimento e identidade demarcadas pela busca da afirmação positivada da história e da cultura negra, sempre negadas pelo “discurso colonialista”, nota-se o avanço e a organização de outros movimentos sociais, que tomam esses mesmos objetivos como base.

Destacam-se um evento importante desse período. Trata-se do Primeiro Encontro Estadual “O Negro e a Constituinte”, ocorrido em 1986, em Brasília. Dele, participaram Convenções de 16 estados, com o total de 63 entidades presentes. Foram elaborados documentos referentes aos direitos básicos de cidadania: condições de vida e saúde, violência policial, mulheres negras, criança e adolescente, educação, cultura, trabalho, questões da terra e relações internacionais.

Desse modo, o presente capítulo procurou trazer representações da população negra na fotografia anteriores ao recorte cronológico dessa pesquisa, com o intuito de contextualizar a construção e reconstruções da identidade negra expressa nas imagens. Sistematizou-se algumas conquistas dos movimentos negros na época de maior repressão e censura do país, além de refletir sobre o motivo pelo qual os movimentos sociais negros brasileiros foram precursores no debate referente ao denominado “mito da democracia racial”, exposto em âmbito acadêmico, intelectual e institucional. A seguir será apresentado o conceito de Negritude (CÉSAIRE, 2010) e se passa a refletir sobre o “conjunto de valores do mundo negro” e sua ligação com o período da Ditadura Militar.

### 2.3 Negritude e a Ditadura Militar: 1971 à 1988

A negritude, ou em termos mais gerais, a construção da identidade negra como uma identidade cultural e histórica materializada na raça e na cultura, “é um momento necessário e incontornável para apresentação do negro como um ser humano diante do homem branco”. (PINHO, 2010, p. 413). Trata-se da assimilação da cultura negra com novas interpretações.

O termo "Negritude" aparece pela primeira vez escrito por Aimé Césaire, em 1938, no seu livro de poemas, *"Cahier d'un retour au pays natal"*; está intimamente associado ao trabalho reivindicativo de um grupo de estudantes africanos em Paris, nos princípios da década de 30, de que se destacam como principais responsáveis e dinamizadores: Léopold Sédar Senghor (1906) senegalês, Aimé Césaire (1913), martinicano, e Leon Damas (1912), ganês. Estes autores da "Negritude" legaram-nos uma obra literária da máxima importância; mas foi Senghor que, com a Presidência do seu País (Senegal) e uma larga aceitação Ocidental (política literária e académica) contribuiu decisivamente para a divulgação da Negritude. É a Senghor que são atribuídas as primeiras tentativas de definição do conceito de Negritude: *"Conjunto dos valores culturais do mundo negro"*.<sup>36</sup>

Deste modo, o conceito e principalmente as ações que englobavam a “Negritude” no período da Ditadura Militar, não conglomeravam somente o samba ou a religiosidade de matriz africana, que já haviam sido folcloricamente reconhecidos como pertencentes da cultura brasileira e essa realidade trazia incômodo à classe hegemônica e branca do país. Compreendendo que as manifestações negras assumem um conjunto de valores negros que não “obedecem” ao que a sociedade afirma ser habitual “de negro”, acabava por desestruturar aqueles que não toleravam a existência de uma cultura essencialmente negra, que poderia aparecer de variadas formas e que não se enquadrava na dita “cultura brasileira”.

Conforme Aimé Césaire (2010), essa negritude não é passiva, não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento. “Ela não é nem da ordem do patético nem do choramingo” (CÉSAIRE, 2010, p. 105). Segundo o autor, essa “Negritude” resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito.

---

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://www.prof2000.pt/users/hjco/alternativas01/pag00009.htm>>. Acesso em: 02.01.2013.

Os negros e negras exibiam esteticamente um pensamento político que, por conta da globalização, entre outros fatores, recebia influência da música negra estadunidense e idealizações dos Panteras Negras, maior organização negra revolucionária que já existiu.

O senegalês Léopold Sédar Senghor, discursa sobre a necessidade de reconhecer os valores específicos desenvolvidos pelos povos de pele preta e ensina-lhes a amar a África de culturas milenares. Recupera-se aí, categoricamente, a “existência de um passado especificadamente negro”. Um passado marcado ora pela glória, ora pelo trágico. Recuperar o passado negro: única maneira daqueles que foram marcados com ferro quente da infame escravidão racial, se encontrarem ontologicamente. (CÉSAIRE, 2010, p. 10).

Essa “recuperação do passado” passa pela “descolonização intelectual como etapa da emancipação racial e conseqüente transformação da sociedade como um todo” afirma Pinho (2010). Assim, era necessário o estudo intelectual contra-hegemônico para desestabilizar a ação, especialmente acadêmica, dos intelectuais dominantes que sustentavam a ideologia ou ideologias raciais/sociais (PINHO, 2010, p. 45)

Compreende-se que o estudo intelectual leva a tomada de consciência negra, que é a forma abstrata de identificação racial coletiva, como uma crítica ao *status quo* colonial, neocolonial ou pós-colonial. No qual para libertar-se de si, o negro precisa antes afirmar sua negritude (PINHO, 2010, p. 413). Para Steve Biko (1971), consciência negra é em essência:

a percepção pelo homem negro da necessidade de juntar forças com seus irmãos em torno da causa de sua atuação – a negritude de sua pele – e de agir como um grupo, a fim de se libertarem das correntes que os prendem em uma servidão perpétua. Procura provar que é mentira considerar o negro uma aberração do “normal”, que é ser branco. [...] Procura infundir na comunidade negra um novo orgulho de si mesma, de seus esforços, seus sistemas de valores, sua cultura, religião e maneira de ver a vida. (BIKO, 1971, p. 01).

O. S. segue essa linha de pensamento e ressalta em entrevista com Zila Bernd<sup>37</sup>, no documentário “SOU” que a busca do negro pela “Consciência Negra”, é a busca a respeito de si mesmo. Destaca-se que a ascensão dos movimentos

<sup>37</sup> Entrevista com Oliveira Silveira concedida à Zila Bernd, pesquisadora em Literatura, para o vídeo-documentário “SOU”, 2010.

negros no final da década de 1970 esteve ligada ao período conhecido por - abertura política lenta e gradual - conduzido pelos os militares como respostas às lutas de resistência (KOSSILINGUE, 2007). Logo, as fotografias analisadas nessa pesquisa fazem parte de um momento de transição política e ao mesmo tempo de uma intensa vigilância aos movimentos negros.

“Apenas a partir de 1978, surgirá um ator político, o Movimento Negro Unificado (MNU), a golpear esse discurso nacional de maneira mais contundente. Ainda que a crítica da “democracia racial”, o denunciá-la como mito, date de 1964, a repressão política impediu qualquer reação organizada. Por que o MNU irá golpear de forma tão contundente a “democracia racial”? Porque ele vai reintroduzir a idéia de raça, vai reivindicar a origem africana para identificar os negros. (PINHO, 2010, p. 173).

Para melhor compreensão desse momento transcreve-se quase na íntegra o pequeno texto sobre “o 20 de novembro”, deixado como legado, por Oliveira Silveira:

“1971-1978 – Fase da virada histórica de novos rumos, de nova motivação. Grupo Palmares (RS); CECAN – Centro de Cultura e Arte Negra e Grupo de Teatro Evolução (SP); Ilê Aiyê (BA); ipcn – Instituto de Pesquisa e Cultura Negra e Grupo André Rebouças (RJ); Literatura Negra (Oswaldo de Camargo); Imprensa Negra (A Árvore das Palavras, Sinba, Boletim do IPCN) [...] 1978-1988 – Fase de articulação nacional, protestos reindinicações, agitação política, artística, cultural. Instituições oficiais (assessorias, conselhos). Identifica-se a criação da semana do negro, Memorial Zumbi. Correntes confecional (GRUCON – Grupo de Consciencia Negra a APNs – Agentes da Pastoral Negros) e político partidária (grupos em partidos), a par da corrente ou filão-base que é o movimento negro propriamente dito. Antologias literárias, congressos, os Perfis da Literatura Negra, encontros, os negros na Bienal Nestlé de Literatura. MNUCDR e o nome Dia Nacional da Consciência Negra para o Vinte de Novembro, Revista Tição nº 1, seção “Afro-Latino-América” na revista Versus, Feconezu – Festival Comunitário Negro Zumbi, Cadernos Negros nº 1 (Quilombhoje assume a série mais adiante), livros de Abelardo Rodrigues, Cuti, José Carlos Limeira e Éle Semog são fatos que marcam bem o início desta fase, num ano ‘pleno de acontecimentos culturais sob o signo do negrismo’, como observa Oswaldo Camargo (1988, p. 99). Jornegro da Feabesp, também abre esta fase do movimento, encerrada no centenário da abolição. [...] 1988 em diante – Fase de conquista, a partir do espaço no texto da Constituição para o grupo étnico afro-brasileiro, remanescentes de quilombo e legitimação de suas terras, institucionalização, ONGs, Fundação Cultura Palmares. “Puxada de tapete” neoliberal atingido em cheio a comunidade negra. Os parlamentares, secretários de Estados e ministros negros. A cobrança da dívida social: reparações, políticas públicas de ação afirmativa buscando o concreto, o pálpavel, em tempos de crise aguda. Literatura negra brasileira traduzida e estudada no exterior (Alemanha e Estados Unidos). Obras culturais importantes como: *A mão*

*afro-brasileira* (Emanoel Araújo, organizador) e *Negro brasileiro negro* (organização de Joel Rufino dos Santos). Produção acadêmica - Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (Recife e São Carlos, SP, na UFSCar); eventos e publicações na área educacional. O Vinte de Novembro sempre celebrado em semanas, eventos ao longo do mês de novembro, sendo até adotado como feriado em algumas cidades importantes, mas com a idéia de feriado nacional, etc”.

Essa breve descrição, resume parte da organização da população negra em âmbito nacional no recorte temporal desta pesquisa (1971-1988) e lembra uma afirmação feita por Steve Biko: “Não se pode subestimar a importância da solidariedade dos negros com relação aos vários segmentos da comunidade negra.

No passado, existiram muitas insinuações de que uma unidade entre negros não era viável porque eles se desprezam um ao outro” (BIKO, 1971, p. 4). Trata-se da ideia senso comum de que “os negros não se organizam”.

O objetivo de mostrar, por meio da fotografia, militantes da causa negra presentes em discussões quanto às reformas de base, reivindicando direitos das comunidades negras, organizando eventos acadêmicos e produzindo bibliografia sobre história, economia e política negra, é evidente: “estabelecer uma memória histórica do ativismo negro, exaltando as personalidades individuais e ao mesmo tempo colocando-as no contexto dos movimentos coletivos”. (ABADIA, 2010, p. 87).

Além disso, preciso lembrar que o Brasil, a partir de uma “política de branqueamento”, sempre procurou reforçar o eurocentrismo e a supervalorização da branquitude (SOVIK, 2009) afetando diretamente na baixa autoestima de grande parte da população negra brasileira e conseqüentemente a sua falta de consciência negra. Esse fato, fez com que muitos negros e negras não vislumbrassem uma vida melhor, pautada na luta negra. Mas, a partir de retomadas históricas como as descritas nas Tabelas 5 e 6, pode-se observar que houve superação e reivindicação sempre, contrariando todo o discurso senso comum que rechaça conquistas negras coletivas contínuas ao longo dos séculos.

Tabela 5 – Memória da Militância Negra Durante a Ditadura Militar (1971-1987).

ANO	MEMÓRIA DA MILITANCIA NEGRA DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL (1971 - 1987)
1971	Criação do Grupo Palmares em Porto Alegre.
1972	Criação do Centro de Cultura e Arte Negra – CECAN- em São Paulo.
1973	Fundação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), na faculdade Candido Mendes, no Rio de Janeiro. Em 1978, começou a ser publicada a revista <i>Estudos Afro-Asiáticos do CEAA</i> .
1974	Fundação da Sociedade Cultura Bloco Afro Ilê Aiyê, no bairro Curuzu, em Salvador. Criação da Sociedade de Intercâmbio Brasil-África. Fundação da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB) em Salvador.
1975	Fundação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) na cidade do Rio de Janeiro. Fundação do Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR), na Universidade Federal Fluminense (UFF), EM Niterói (RJ). Fundação do Centro de Estudos Brasil-África (CEBA) em São Gonçalo (RJ). Fundação do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA) em São Paulo. Fundação da Associação Casa de Arte e Cultura Afro-Brasileira (ACACAB) em São Paulo.
1976	Fundação do Núcleo Cultura Afro-Brasileiro em Salvador.
1977	Realização do 2º Festival Mundial de Artes Negras e Africanas, em Lagos, na Nigéria.
1978	Em 7 de julho, o Ato Público Contra o Racismo, em frente ao Teatro Municipal de São Paulo, marcou o início do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), posteriormente Movimento Negro Unificado (MNU). Em 23 de julho, realização de reunião em São Paulo, para elaboração dos Estatutos e da Carta de Princípios do MNU. Entre 9 e 10 de setembro, realização de Assembleia do MNU na sede do IPCN, no Rio de Janeiro, para definição dos estatutos da entidade. Em 4 de novembro, realização de assembleia do MNU em Salvador, no Instituto Cultura Brasil-Alemanha (ICBA). Na ocasião, aprovou-se a designação “Dia Nacional da Consciência Negra” para o dia 20 de novembro. Realização do 1º Festival Comunitário Negro Zumbi (FECONEZU) em cidades do interior de São Paulo. Fundação dos Periódicos <i>Jornegro</i> , <i>Árvore das Palavras</i> e <i>Cadernos Negros</i> , em São Paulo, e do jornal <i>Tiçõ</i> , em Porto Alegre.
1979	Em 23 de março, fundação do Bloco Afro Malê Debalê, em Salvador. Em 19 de setembro, fundação do Centro de Cultura Negra (CNN) do Maranhão.
1980	Realização do 1º Encontro Memorial Zumbi em Alagoas.
1981	Realização do 1º Encontro de Negros do Norte e Nordeste em Recife.
1982	Realização do 2º Encontro de Negros do Norte e Nordeste em João Pessoa.
1983	De 2 a 4 de junho, realização do 3º Encontro de Negros do Norte e Nordeste, em São Luís. Em 18 de novembro, realização da “Marcha Contra o Racismo”, da Candelária à Cinelândia, no Rio de Janeiro. Foi a primeira marcha do movimento negro contemporâneo com a frase “Zumbi está Vivo” como palavras de ordem estampada em todos os cartazes. Fundação do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras, no Rio de Janeiro, por Lélia Gonzáles e outras. Fundação do Centro de Estudos da Cultura Negra (CECUN) em Vitória. Realização do 1º Encontro Estadual de Negros do RJ em Nova Iguaçu (RJ).
1984	Em março, fundação do Bloco Afro Akomabu em São Luís. De 12 a 14 de outubro, realização do 1º Encontro de Cultura Negra em Uberaba (MG). Fundação do Núcleo Cultural Niger Okan em Salvador (BA). Formação do Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo.
1986	Em maio, fundação da União dos Negros de Aracaju (UNA). Em agosto, realização do 1º Encontro de Comunidades Negras Rurais do Maranhão, promovido pelo CCN, com o tema “O Negro e a Constituição Brasileira”. Nos dias 8 e 9 de novembro, realização do 2º Encontro Estadual de Negros do Rio de Janeiro em Nova Iguaçu (RJ). A Serra da Barriga, na qual se localizava o Quilombo dos Palmares, no atual estado de Alagoas, foi inscrita no Livro de Tombamento Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do Instituto do Patrimônio Histórico-Artístico Nacional (IPHAN). Na cidade de São Paulo, o prefeito Jânio Quadros (1986-1989) criou o Conselho Municipal do Negro que, na administração de Luiza Erundina (1989-1993), foi transformado em Coordenadoria Especial do Negro (CONE).
1987	Nos dias 19 e 20 de setembro, realização do 1º Encontro Estadual do Negro do Espírito Santo em Vitória. De 10 a 12 de outubro, realização do 1º Encontro de Negros do Sul-Sudeste na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Criação da Casa Dandara em Belo Horizonte. Realização do 1º Encontro de Negros do PT em Brasília. Fundação do jornal <i>Maioria Falante</i> no Rio de Janeiro. Começo do funcionamento, no INPC, no Rio de Janeiro, do programa SOS Racismo Direitos Humanos e Cívicos, o primeiro do gênero no país.

Fonte: Tabela elaborada com base na obra “*Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC*”, de Verena Albert e Amílcar Araujo Pereira, 2007, p. 476-480.

**Tabela 6 – Auge das Conquistas da Militância Negra na Democratização Brasileira - 1988.**

ANO	AUGE DAS CONQUISTAS DA MILITÂNCIA NEGRA NA DEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA - 1988
1988	<p>Em 30 de abril, fundação do Geledés – Instituto da Mulher Negra em São Paulo.</p> <p>Em abril, iniciou-se o Projeto Vida de Negro, no Maranhão, apoiado pelo CCN e pela Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH).</p> <p>Em 11 de maio, realização da Marcha contra a Farsa da Abolição, na Candelária – Avenida Presidente Vargas- no Rio de Janeiro.</p> <p>Em 14 de julho, fundação da União de Negros pela Igualdade (Unegro) em Salvador.</p> <p>Em 22 de agosto, criação da Fundação Cultural Palmares, entidade pública vinculada ao Ministério da Cultura, pela Lei nº 7.668.</p> <p>Em 5 de outubro, a Constituição Federal estabeleceu que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (Art. 5, XLII)<sup>38</sup>; e que “aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias).</p> <p>De 6 a 8 de novembro, realização do 1º Encontro Estadual da Mulher Negra no RJ.</p> <p>Em dezembro, realização do 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras, em Valença (RJ). Fundação do Conselho de Entidades Negras do Interior do Estado do RJ (CENIERJ) e a Realização do 2º Encontro de Comunidades Negras Rurais do Maranhão.</p>

Fonte: Tabela elaborada com base na obra “*Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC*”, de Verena Albert e Amílcar Araujo Pereira, 2007, p. 476-480.

A partir dessa sistematização pode-se refletir sobre o silenciamento em torno das grandes transformações culturais e políticas dos movimentos negros. Notou-se que o progresso da nação brasileira idealizada pelos militares e pelas elites do país foi diretamente afetado pelo Movimento Negro, pois esse foi o grupo responsável por protagonizar reivindicações específicas para as comunidades negras principalmente no período da Ditadura, o que foi um marco na história das lutas sociais no país. Embora não se tenha esse reconhecimento.

Nesse sentido, o próximo e último capítulo visa unir o que foi debatido conforme a linha teórico-reflexiva desse trabalho juntamente com os seguimentos da pesquisa-ação. No terceiro capítulo estão as ações concretas que visaram a difusão da história e cultura negra a partir das fotografias analisadas. Buscar-se-á evidenciar os usos do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira para luta antirracista e os possíveis métodos de aplicação da Lei 10.639/03, mencionada na introdução dessa dissertação.

<sup>38</sup> Entre as situações abarcadas pela Lei que criminaliza as práticas de racismo, encontram-se discriminações ocorridas no mercado de trabalho, em escolas, em serviços públicos, em clubes esportivos e em estabelecimentos comerciais. A lei vem sendo usada também em casos de discriminação religiosa. (CARREIRA, 2013).

### 3. A FOTOGRAFIA DOCUMENTAL, A MILITÂNCIA NEGRA E OS USOS DA IMAGEM

#### 3.1. A Negritude Positivada no Acervo Fotográfico Oliveira Silveira

Em consonância com as informações trazidas até o momento, encontra-se aqui o objetivo principal do trabalho, o qual tem como meta, analisar as fotografias que fazem parte do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira, compreender a negritude positivada através das imagens registradas, além de refletir sobre as possíveis “verdades” que as pessoas que integram as fotografias gostariam de transmitir.

Seguindo o pensamento de Nora (1993), essas imagens guardam a necessidade de uma memória que não existe mais. Todavia, podem reivindicar um passado e a busca por reconhecimento, nesse caso, da representação dos movimentos sociais negros na história da fotografia. As análises cairão sobre os seguintes eventos:

- “1º Ato Evocativo ao 20 de novembro em 1971”;
- “Lançamento do Livro Praça da Palavra em 1976”;
- “Lançamento do Livro Pelo Escuro em 1977”;
- IV Congresso do MNU em 1983”.

Para dar início às leituras das imagens, selecionaram-se duas fotografias que são responsáveis por demarcar um novo começo de luta para os movimentos negros do país. Trata-se do 1º do Ato Evocativo ao 20 de novembro, realizado em 1971 pelo Grupo Palmares, em Porto Alegre no Clube Social Negro Náutico Marcílio Dias. Na figura 9, os participantes da reunião do “1º Ato” apresentam expressões sérias e reunidos em formato de círculo, denotam estar num evento de grande importância. O que se destaca, sem dúvida nessa e nas próximas imagens, é o desenho arredondado e o volume do cabelo natural de alguns integrantes negros.



Figura 9 - 1º Ato Evocativo ao 20 de novembro, realizado em 1971 pelo Grupo Palmares, em Porto Alegre no Clube Náutico Marcílio Dias. Fonte: Acervo Oliveira Silveira.

Na figura 10, é possível notar que O. S. está fazendo um gesto com a mão esquerda e mesmo que de forma sutil, alguns dos presentes estão com o olhar voltado para o poeta. Provavelmente tenha sido ideia do próprio O. S. registrar essa reunião, pois se tratava do início de um novo ciclo de discussões em torno da busca por identidades negras positivadas em âmbito nacional. Talvez fosse consenso do Grupo Palmares que esta reunião “de gatos pingados”, como menciona O. S. a seguir, pudesse ser de interesse dos demais negros brasileiros. Era preciso que todos soubessem que “essa mobilização negra aconteceu” em plena Ditadura.

Jônatas Conceição da Silva<sup>39</sup>, autor do livro “Vozes Quilombolas – uma poética brasileira” destaca: “A partir de 1971, quando o Grupo Palmares de Porto Alegre, liderado por O. S., celebra o 1º Ato Evocativo ao Vinte de Novembro, estabelece para o Brasil uma nova maneira de se contar a luta brasileira por liberdade” (2004, p.123).

<sup>39</sup> Professor, escritor e diretor do maior Bloco de cultural negro da América Latina, o Ilê Aiyê, na época da publicação do livro (2004).

Sendo assim, as fotografias documentais apresentadas aqui fazem parte de um marco importante para a militância negra.



Figura 10 - 1º Ato Evocativo ao 20 de novembro, realizado em 1971 pelo Grupo Palmares, em Porto Alegre no Clube Náutico Marcílio Dias. Fonte: Acervo Oliveira Silveira.

Conforme Araújo Reis Filho (2004), é na segunda metade dos anos 1970 que as organizações de esquerda, enfraquecidas pelas mortes de seus principais dirigentes, pelas prisões e exílios, tendem a se reorganizar. Pouco antes dessa reorganização, em 1971, um pequeno grupo de quatro jovens negros de Porto Alegre decide pesquisar sobre cultura e história da população negra, confrontando o sistema ditador da época que negava a existência da discriminação racial: o Grupo Palmares. Segundo Deivison Campos (2006), o Grupo Palmares, de Porto Alegre, foi organizado por quatro jovens negros universitários em 1971, (Oliveira Silveira, Antônio Carlos Cortes, Ilmo Silva e Vilmar Nunes). O grupo surge com a proposta de uma revisão da história do Brasil para desvelar a “tradição de resistência”, a fim de se recuperar a autoestima étnica e, com isso, tirar a maioria dos negros do imobilismo político e da acomodação social aos espaços concedidos por uma sociedade. Na concepção do grupo, esses espaços eram desiguais. (CAMPOS,

2006, p. 09). Na primeira reunião do Grupo Palmares, O. S. conta que participaram apenas quatro integrantes, entretanto não demorou muito e logo o grupo começou a crescer:

Nessa primeira reunião, éramos quatro pessoas: Antônio Carlos Cortes, estudante de Direito na época, Ilmo da Silva, que era funcionário público e Vilmar Nunes – acho que também era funcionário público. Tinha mais uma pessoa, um outro amigo, que não quis se integrar. Já nas reuniões seguintes, nós convidamos outras pessoas que não quiseram aderir. Mas aderiu uma estudante, Nara Helena Medeiros Soares, falecida já. Cerca de dois meses depois, ingressou outra componente chamada Anita Leocádia Prestes Abad. Então, essas seis pessoas são consideradas as iniciadoras do grupo Palmares, as fundadoras, digamos assim. E o Grupo se reuniu nessa primeira oportunidade, no dia 20 de julho de 1971. Se não é essa data, é em torno dela. Adotamos essa data porque nos esquecemos de registrar. (...) Na reunião seguinte, que foi onde moravam Antônio Carlos Cortes e seus pais, aqui na rua da Praia, já foi dado o nome 'Palmares', justamente porque reconhecíamos ou entendíamos que Palmares era a passagem mais importante da história do negro no Brasil. E também, logo em seguida, passamos a estabelecer um programa de trabalho para aquele ano. Seriam três atos: uma homenagem a Luiz Gama, em agosto, que acabou acontecendo no início de setembro; uma a José do Patrocínio, em 9 ou 10 de outubro no aniversário de nascimento; e a homenagem de Palmares, que seria realizada em 20 de novembro de 1971. (ALBERTI, 2005. p. 134).

O Grupo Palmares cumpriu o calendário organizado para aquele ano, realizando, então, em novembro, o 1º Ato Evocativo de celebração do 20 de novembro, no Clube Náutico Marcílio Dias.

Um jornal noticiou como sendo uma atividade de teatro: 'Zumbi, a homenagem dos negros do teatro'. Como o teatro era muito visado pelo governo militar, nós fomos chamados a registrar a programação para obter a liberação da censura na sede da Polícia Federal. Fomos lá, conseguimos a liberação e realizamos o ato, que não era uma atividade teatral. Nós íamos contar a história de Palmares e defender a data de 20 de novembro, como fizemos. Então passamos a marcar essa data a partir de 1971. (ALBERTI, 2005. p. 134).

Observa-se que O. S. menciona que não era uma atividade teatral, o grupo foi liberado pela polícia federal porque faria uma apresentação "lúdica". Era "a homenagem dos negros do teatro" e não "um evento político-cultural dos militantes negros do Grupo Palmares". Conforme Karin Sant' Anna Kossling (2007, p. 251) historicamente o regime militar apenas introduziu novos conceitos para ideias já existentes no meio policial e descobre em suas análises na documentação do DEOPS que é justamente no final da década de 1970 e início da década de 1980

que se observa uma intensa vigilância aos movimentos negros. A autora relata em sua dissertação de mestrado intitulada “As Lutas Anti-racistas de Afro-descendentes sob vigilância do DEOPS \ SP (1964-1983)”, que quando os movimentos negros começam a questionar a opressão e o autoritarismo, especialmente com mobilizações que promoviam o debate sobre a diáspora negra e racismo, eram vistos com receio e então se encaixavam no rol das entidades “subversivas” segundo as instituições repressoras do regime. No entanto, o período, de acordo com O. S. não fazia com que o grupo se reconhecesse como subversivo:

O que a ditadura e a maior parte da população não imaginavam era que aquela reunião de gatos pingados negros e, entre eles, um ou dois brancos, seria a inauguração de uma data evocativa e de luta, nascidinha para fazer história. E que história! Não o chamávamos ainda de ‘Dia Nacional da Consciência Negra’. O feliz nome seria dado, sete anos depois, numa assembleia do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCRD), pelo ativista Paulo Roberto dos Santos.<sup>40</sup>

É importante observar que esse tipo de mobilização estratégica, embora na visão de alguns militantes do MNU, inclusive do Grupo Palmares fosse “menos politizada” ou mais “culturalista”, também era visada pela censura do Regime Militar.

Do contrário, O. S., juntamente ao Grupo Palmares não teriam sido chamados a registrar a programação do 1º Ato para obter a liberação da censura na sede da Polícia Federal. Encontra-se aqui uma das maiores estratégias de O. S. e dos grupos dos quais fazia parte no período de regime militar: a busca pela consolidação de uma identidade negra nacional pela via cultural-histórica, sem um discurso explícito contra a ditadura militar. Em entrevista concedida à autora desta pesquisa, Deivison Campos (2013) comenta:

Acredito, pelas conversas com o Oliveira, que as idealizações culturais sempre pautaram sua militância. No entanto, dentro de uma perspectiva afro, cultura e política são indissociáveis. Dessa forma, estive com sua arte e iniciativas sempre atuando politicamente, mesmo que não confrontasse de forma consciente a conjuntura. Como diz Maria Paula de Araújo, em Utopia Fragmentada, o grupo agia dentro dos limites permitidos pelo regime. Por isso, por exemplo, tiraram licença na Polícia Federal para a realização do primeiro ato evocativo do 20 de Novembro. Ao mesmo tempo, pelo fato de defenderem um discurso identitário afro se contrapunham ao

---

<sup>40</sup> Entrevista realizada com Oliveira Silveira para o blog Capim Letrado. O negro de alma negra: Uma entrevista com Oliveira Silveira. Entrevistadora: Fernanda Pompeu - escritora e companheira de viagem do Geledés. Publicado 20 Novembro 2009. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/atlantico-negro/movimentos-lideres-ensadores/afrobrasileiros/oliveira-silveira/3443-o-negro-de-alma-negra-uma-entrevista-com-oliveira-silveira>>. Acessado em 07.08.2011.

discurso de identidade e cultura nacional defendido pelos militares. (Deivison Campos, 2013)<sup>41</sup>.

Nas fotos do “Lançamento de Livro Praça da Palavra em 1976” (Figuras 11 e 12), é possível acompanhar a movimentação de algumas pessoas, em sua maioria negras, a espera de um autógrafo do poeta.<sup>42</sup>



Figura 11 – Sessão de autógrafo com Oliveira Silveira no lançamento do Livro “Praça da Palavra” de autoria de Oliveira Silveira, na Casa de Cultura Mario Quintana, 1976. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.

---

<sup>41</sup> Entrevista com Deivison Campos, concedida à Geanine Vargas Escobar. Pelotas, 2013.

<sup>42</sup> É interessante destacar um fato marcante nos livros lançados por O. S.: eram grampeados na lombada, não havia acabamento com brochura ou capa dura; não havia editora, a edição era “do autor”. O poeta confeccionava seus livros de forma artesanal. Desse modo a estrutura física dos exemplares era simples. O. S. não contava com patrocínios. Contava somente com a ajuda de amigos, às vezes. No entanto, é notável o comprometimento mútuo entre Oliveira Silveira e as pessoas negras e não negras que compartilhavam valores de que se sentiam partícipes. Além do reconhecimento que o “literato negro” ganhou como um talento extraordinário da época. Dito isso, vislumbra-se que esta pesquisa inspire outras possibilidades de aprofundamento de olhares fotográficos, políticos, patrimoniais e de negritude.



Figura 12 – Sessão de autógrafa com Oliveira Silveira no lançamento do Livro “Praça da Palavra” de autoria de Oliveira Silveira, na Casa de Cultura Mario Quintana, 1976. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.

Nota-se até mesmo a presença de pessoas notórias internacionalmente, como o jornalista, tradutor e poeta Mário Quintana (Figura 13) e o historiador Décio Freitas (ver Figura 5).

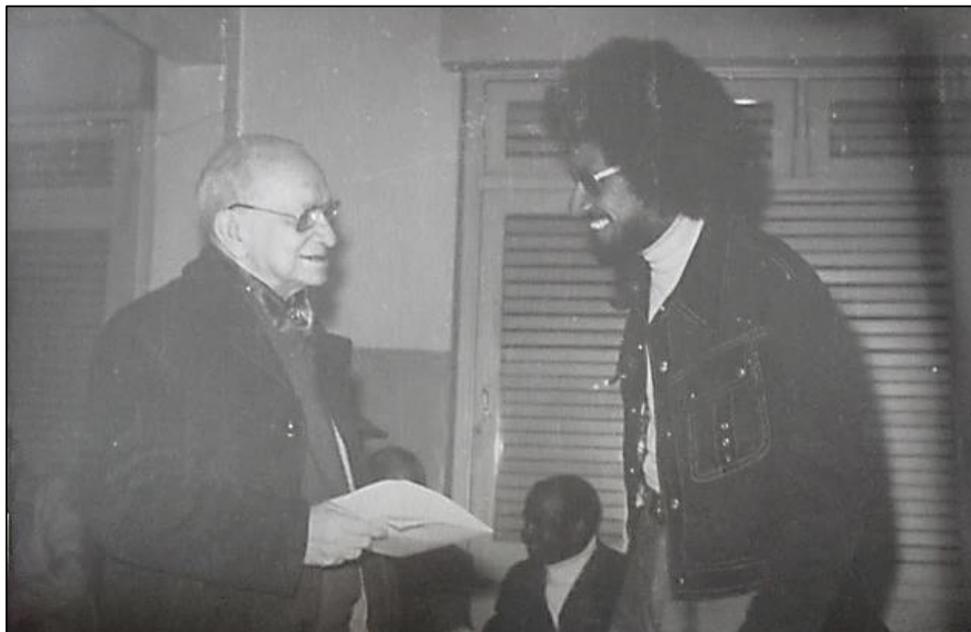


Figura 13 – Presença do jornalista, tradutor e poeta Mário Quintana no lançamento do Livro “Praça da Palavra” de autoria de Oliveira Silveira, na Casa de Cultura Mario Quintana, 1976. Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.



Figura 14 – Presença do jornalista, tradutor e poeta Mário Quintana no lançamento do Livro “Praça da Palavra” de autoria de Oliveira Silveira, na Casa de Cultura Mario Quintana, 1976.  
Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.



Figura 15 – Retrato de grupo e o cabelo “black power” em evidência no lançamento do Livro Praça da Palavra na Casa de Cultura Mario Quintana, 1976.  
Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.

A Figura 15, traz um retrato de grupo e aponta uma coletividade negra. Apresentam-se uma maioria de pessoas negras que, provavelmente, acompanhavam a carreira de escritor e poeta de O. S. na década de 1970. Essa imagem coloca em evidência os estilos diferentes da época: combinações ousadas, saias rodadas, botas diferentes, sapatos delicados, calças boca de sino, casaquinhos com detalhes quadriculares e botões grandes, casacos jeans com detalhes nas bordas, óculos com aros grandes, vestidos de veludo. No entanto, o destaque continuava sendo do cabelo *black power*.

Os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco, sinalavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o black, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e fora considerado uma celebração da condição de negro(a). Os penteados naturais eram associados à militância política. (Hooks, 2005, p. 3).

Na fotografia que segue, provavelmente posada, todos os artifícios que caracterizam a militância negra através do campo da arte e da *estética black* são utilizados. É provável também que O. S. tenha adotado esse *visual black power* motivado pelos conceitos de resistência cultural à opressão racista abordada por Bell Hooks (2005).

O. S. ocupa praticamente todo o quadro da foto e parece estar tocando o violão que apoia na perna direita, se perebe a elegancia do poeta no “Lançamento do seu Livro “Pelo Escuro” – Poemas Afro-Gaúchos em 1977” (Figura 15). De terno xadrez, calça boca de sino, sapato bem lustrado, com a cabeça ereta e olhando para frente, exterioriza uma expressão confiante. Ao lado esquerdo, desfocado, nota-se a presença de uma mulher negra, sentada com as pernas cruzadas e vestida com roupa clara, parece estar assistindo à apresentação artística do poeta.



Figura 16 - Apresentação artística de Oliveira Silveira no Lançamento do seu Livro “Pelo Escuro” – Poemas Afro-Gaúchos (1968-1977). Porto Alegre, 1977.  
Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira

Nas fotografias seguintes (Figuras 16, 17 e 18), ainda se percebe uma vontade não apenas de registro daquele acontecimento, mas de um registro esteticamente atraente daquele acontecimento. Talvez possa ter se pensado que essas imagens captadas poderiam ser apreciadas posteriormente. E a composição das imagens feitas pelo fotógrafo, destacou principalmente os “*estilos black power*”.

Além da sutilidade e alegria que transpassam, é possível observar variadas intenções nessas fotografias, mas o que se sobressai é a coletividade negra e o poder simbólico da intelectualidade negra no final da década de 1970. Além da ideia de militância e utilização do cabelo negro natural como enfrentamento ao racismo.



Figuras 17 – Lançamento do Livro “Pelo Escuro” de autoria de Oliveira Silveira – Poemas Afro-Gaúchos (1968-1977). Porto Alegre, 1977.  
Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.



Figuras 18 – Lançamento do Livro “Pelo Escuro” de autoria de Oliveira Silveira – Poemas Afro-Gaúchos (1968-1977). Porto Alegre, 1977.  
Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.

As duas últimas fotografias abordam o “IV Congresso do MNU em 1983”, nas quais O. S. aparece como figura central. Na primeira (Figura 19), o poeta está com o poder da fala, representando o Movimento Negro Unificado do Rio Grande do Sul no evento que reuniu líderes de todo o Brasil em Taboão da Serra - São Paulo.



Figura 19 – IV Congresso do MNU – Encerramento. Oliveira Silveira falando pelo MNU do Rio Grande do Sul. Taboão da Serra. São Paulo, 3 a 5 de junho de 1983.

Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.

Na imagem seguinte (Figura 20), ao final do mesmo evento, O. S. encontra-se ao lado de Luíza Bairros - atual ministra de estado e chefe da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial SEPPIR -, discutindo, provavelmente as ações a serem tomadas após o evento que se finalizava. Sabe-se que o Congresso chegava ao final nessa imagem, pois O. S. escreveu essa informação no verso da fotografia.



Figura 20 – IV Congresso do MNU – Encerramento. Oliveira Silveira falando pelo MNU do Rio Grande do Sul. Taboão da Serra. São Paulo, 3 a 5 de junho de 1983.  
Fonte: Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.

Na dissertação de mestrado intitulada: “A identidade e o patrimônio negro no Brasil”, Lília Abadia (2010) faz uma análise da utilização das fotografias dos Panteras Negras em páginas da *web* organizadas com textos sobre reivindicações do MNU. A autora menciona que para lutar por reparações históricas, a fotografia possui o papel importante de reforçar através da imagem a resistência negra. Isto é, “A representação do ‘negro guerreiro’ não está somente no discurso escrito, ela é reforçada pelas fotografias” (ABADIA, 2010, p. 79).

Nesse sentido, conforme as fotografias analisadas por Abadia, as fotografias descritas no presente trabalho também desmontam estereótipos do negro “que se conforma com a sua posição marginal na sociedade, em consequência do seu carácter indolente e preguiçoso” (Abadia, 2010, p. 79). Do exposto, não se vislumbra meramente demonstrar através das fotografias o “negro guerreiro”, mas se pensa na proposição de reinterpretações do papel que os negros e negras tiveram na história do Brasil com destaque para a “negritude positivada” através da fotografia.

### **3.2 Divulgação e preservação do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira através de Oficinas**

No AFOS, é possível observar uma capacidade peculiar de memória nos lugares de memória (NORA, 1993). Conforme Pierre Nora, só existe lugar de memória porque não existe a memória. São restos. Ao mesmo tempo, esses lugares são antítese, negação da memória, já que representam o que escapou da história (NORA, 1993, p. 27). As fotografias aqui apresentadas representam, na concepção de Nora, lugares materiais, uma vez que as imagens se estabelecem como evocadoras de lembranças, lugares funcionais, pois garantem, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão. Assim, lugares simbólicos, quando se pensa na fotografia como um fragmento do passado e por esse motivo, representam um dispositivo de vontades de memória (NORA, 1993, p. 22).

Essas vontades memoriais recaem sobre as imagens de militância negra no período da Ditadura Militar, consideradas aqui como um patrimônio material negro, além do significado que elas trazem para as comunidades negras, em especial. Mas acredita-se que não basta apenas refletir sobre a importância desse acervo, é preciso pensar em como torná-lo conhecido e posteriormente reconhecido por todo o histórico que cada imagem carrega.

De acordo com Singer (2011) “para conhecer, o indivíduo tem que se envolver com a informação, se mobilizar por ela, assumir uma atitude exploratória” (2011, p. 25-26). Seguindo esta linha de pensamento, a presente pesquisa propôs a elaboração de oficinas, que tivessem como base para a execução, a divulgação do AFOS.

Também se decidiu utilizar a literatura negra desenvolvida por O. S., as quais serviram para contextualizar as “falas” de militância negra do período das imagens. Conforme Conceição Evaristo (2011) esta literatura não só afirma como reivindica sua diferença, rompendo, assim, com o esquema ritualizado no qual o negro era tema”. (BERND, 1987, p. 134 apud SILVA; EVARISTO, 2011, p. 171). A partir da poesia-política negra é possível observar a visão do negro sobre si mesmo e sobre problemáticas específicas das suas comunidades negras.

Sendo assim, a proposta das oficinas teve, como idealização central, colocar em prática a inclusão da luta negra no contexto da fotografia e, conseqüentemente, da literatura negra, que tem, na sua essência, um cunho reivindicatório, valorizando e respeitando a pluralidade étnica e cultural da sociedade brasileira. Essa busca que evidencia a negritude positivada através da fotografia e da poesia, destaca a presença da população negra na luta pela emancipação literária, política e cultural, o que é incentivado pelo Ministério da Educação (MinC) no Estatuto da Igualdade Racial. Apresentaremos nessa etapa a execução de quatro oficinas.

A primeira foi em um evento Regional, o I Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul (RS, SC, PR) – I COPENESUL - Lei 10639/03: “Dez anos rompendo fronteiras territoriais, identitárias, culturais, sociais, acadêmicas e políticas no âmbito das relações étnico-raciais na região sul” – ABPN, realizado em julho de 2013, no Instituto Federal Sul- Rio-Grandense IFSul, Pelotas – RS. Nesse evento, foi ministrada a oficina: “Memória da Militância Negra e a Luta antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira” (Figura 21). Abaixo se confere alguns registros:



Figura 21 - Análise das fotografias do Movimento Negro (1970-1980) e das poesias com a temática da história e cultura negra.

Fonte: Acervo particular da autora.



Figura 22 - Conversa acerca do conceito de literatura negra, realização de leituras e interpretação de poesias negras.  
Fonte: Acervo particular da autora.



Figura 23 - Conversa acerca do conceito de literatura negra, realização de leituras e interpretação de poesias negras. Fonte: Acervo particular da autora.



Figura 24 - Encerramento da Oficina: *“Memória da Militância Negra e a Luta antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”*. I COPENE SUL – I Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul (RS, SC, PR) - Lei 10639/03: “Dez anos rompendo fronteiras territoriais, identitárias, culturais, sociais, acadêmicas e políticas no âmbito das relações étnico-raciais na região sul” – ABPN. Fonte: Acervo particular da autora.

A segunda experiência foi em um evento nacional, o VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU – agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA. Em tal encontro, foi apresentada a palestra: “Diálogos Museais: A experiência da Museologia Comunitária no Museu Treze de Maio<sup>43</sup>”. E durante esse encontro, foi ministrado o ofurcurso de dois dias: “Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira” (Figura 25).

<sup>43</sup> VI Enemu – Encontro Nacional dos Estudantes de Museologia – UFRB. Disponível em: <[http://www.ufrb.edu.br/vienemu/images/Programa%C3%A7%C3%A3o\\_Oficial\\_Definitiva\\_3\\_VI\\_Enemu-Cachoeira.pdf](http://www.ufrb.edu.br/vienemu/images/Programa%C3%A7%C3%A3o_Oficial_Definitiva_3_VI_Enemu-Cachoeira.pdf)>. Acessado em: 12.01.2014.



Figuras 25 – Apresentação do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira e momento de compartilhamento de poesias negras. Fonte: Acervo particular da autora.



Figuras 26 – Apresentação do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira e momento de compartilhamento de poesias negras. Fonte: Acervo particular da autora.



Figura 27 - Conversa sobre os conceitos de patrimônio material e imaterial e apresentação de vida e da obra de Oliveira Silveira.  
Fonte: Acervo particular da autora.



Figura 28 – Encerramento do 1º Dia do Ofcurso: “*Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira*”. VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU - agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA.  
Fonte: Acervo particular da autora.



Figuras 29 - Divisão dos grupos de trabalho para discussão sobre militância negra e fotografia. Fonte: Acervo particular da autora.



Figuras 30 - Leitura e reflexão sobre poesia negra. Fonte: Acervo particular da autora.



Figuras 31 - Roda de poesia negra.  
Fonte: Acervo particular da autora



Figuras 32 – Confecção de cartazes com a utilização das poesias trabalhadas anteriormente e com as fotografias do acervo.  
Fonte: Acervo particular da autora



Figura 33 - Encerramento do 2º Dia do Ofcurso: *“Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”*. VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU - agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA.  
Fonte: Acervo particular da autora.

No terceiro momento, a execução da oficina foi em um evento internacional, o 2º Seminário de Copesquisa em Arte: *“Desejo e Re-existência”* - outubro de 2013, na Universidade Federal de Santa Maria - RS. Realização da Sala Dobradiça, grupo de artistas e produtores culturais independentes de Santa Maria, e do Grupo de Pesquisa Arte e Design / CNPq (GAD/UFSM), vinculado ao Laboratório de Pesquisa Arte e Design (LAD/UFSM), sob coordenação da Profª. Drª. Reinilda Minuzzi. No seminário, ministrou-se a oficina intitulada *“Negritude Positivada: A Militância Negra através da Fotografia e Poesia de Oliveira Silveira”* (Figura 34).



Figura 34 - Análise das fotografias do Movimento Negro e roda de conversa sobre histórias de organizações negras brasileiras das décadas de 1970-1980.  
Fonte: Acervo particular da autora.



Figura 35 - Análise das fotografias do Movimento Negro e roda de conversa sobre histórias de organizações negras brasileiras das décadas de 1970-1980.  
Fonte: Acervo particular da autora.



Figura 36 - Roda de poesia negra.  
Fonte: Acervo particular da autora.



Figura 37 - Confecção de cartazes com a utilização das poesias trabalhadas anteriormente e com as fotografias do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira.  
Fonte: Acervo particular da autora.



Figura 38 - Encerramento da Oficina: "Negritude Positivada: A Militância Negra através da Fotografia e Poesia de Oliveira Silveira" no 2º Seminário de Copesquisa em Arte: "Desejo e Reesistência" - outubro de 2013, na Universidade Federal de Santa Maria - RS. Fonte: Acervo particular da autora

Já o quarto evento ocorreu na 25ª Semana Municipal da Consciência Negra de Santa Maria – RS: "Negra Sim, Negro Sim!" – novembro de 2013, caracterizando-se assim, como um evento local. Ministrou-se a oficina: "Negritude Positivada através da fotografia e da poesia: O Negro e o Poder" na Escola Municipal de Educação CAIC (Figuras 39 e 40).



Figuras 39 e 40 - Conversa sobre Negritude Positivada e Apresentação do trabalho executado no Acervo Fotográfico Oliveira Silveira. Fonte: Acervo particular da autora.



Figura 41 - Conversa sobre fotografia de militância negra e patrimônio cultural negro.  
Fonte: Acervo particular da autora.



Figuras 42 - Encerramento da Oficina: "Negritude Positivada através da fotografia e da poesia: O Negro e o Poder" na Escola Municipal de Educação CAIC.25ª Semana Municipal da Consciência Negra de Santa Maria – RS: "Negra Sim, Negro Sim!".  
Fonte: Acervo particular da autora.

### 3.3. A Fotografia e a Poesia Negra como Suporte para a Luta Antirracista

Até o momento, buscou-se estabelecer uma relação de equilíbrio entre a fotografia e a poesia negra como base para a divulgação do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira. Como se pode observar, as oficinas apresentaram dinâmicas diferentes, pois cada uma foi pensada individualmente, tendo em vista o número de participantes, a faixa etária, tempo de duração estabelecido pelo evento e sequência de dinâmicas escolhidas. O importante é que, embora tenham sido diversificados públicos, os objetivos principais da parte prática dessa pesquisa foram concretizados: divulgar o AFOS, trabalhar com o conceito de patrimônio cultural através da fotografia de militância negra e com memória social através da poesia negra.

Para a elaboração metodológica das oficinas, foram feitas reflexões em torno das possíveis formas de se apresentar com um acervo fotográfico de modo “itinerante”, mesmo sem tratar-se necessariamente de uma exposição museológica, mas sim de uma vontade de preservação da memória negra juntamente com o anseio de mobilização coletiva um pouco distante do âmbito totalmente acadêmico. Mas como apresentar o AFOS de forma dinâmica? Como fazer com que os participantes das oficinas se envolvessem, se identificassem e/ou se motivassem a ponto de passar adiante o conhecimento trocado na atividade? Abaixo reuniram-se alguns objetivos que fizeram parte desta experiência de contínua criação e pesquisa:

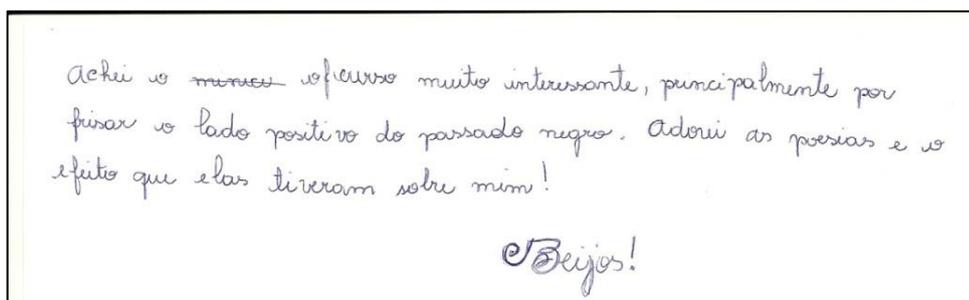
- Trabalhar o conceito de patrimônio cultural material por intermédio do Acervo Fotográfico Oliveira Silveira (AFOS);
- Abordar do conceito de patrimônio imaterial negro-brasileiro através da poesia negra;
- Promover a autoestima e autoimagem de negros e de negras;
- Sensibilizar o público não negro para o respeito às diferenças étnicas, em especial na história da fotografia;
- Despertar na sociedade a vontade de banir toda e qualquer forma de discriminação, racismo, preconceito e intolerância.

A metodologia empregada nas atividades sofreu alterações, pois buscou seguir a linha temática de cada lugar, de modo a focar no público alvo. Portanto, no início de cada oficina era feita uma conversa informal com os participantes, com o intuito de decidir coletivamente sobre qual seria a melhor sequência a ser escolhida. Deste modo, todos ajudavam e sentiam-se parte da construção da oficina. Entretanto, a base para sua aplicação perpassou pelos seguintes itens:

- Apresentação da proposta da oficina;
- Conversa sobre os conceitos de patrimônio material e imaterial;
- Apresentação de vida e da obra de Oliveira Silveira;
- Exibição do vídeo-documentário chamado “SOU”;
- Apresentação da pesquisa sobre o Acervo Fotográfico Oliveira Silveira;
- Conversa acerca do conceito de literatura negra, realização de leituras, rodas de poesia e interpretação de poesias negras;
- Trabalho de análise das fotografias do Movimento Negro e apresentação da história de organizações negras brasileiras das décadas de 1970-1980;
- Ligação entre fotografias com a poesia negra – atividades de debate e escrita;
- Divisão dos grupos de trabalho para a confecção de cartazes com a utilização de reproduções fotográficas do AFOS e das poesias trabalhadas anteriormente.

Notou-se que quando as imagens de militância negra eram interligadas com a literatura negra, com o vídeo-documentário “SOU” e com as intervenções de musicalidade negra, os participantes interessavam-se mais e ao mesmo tempo sentiam-se mais envolvidos com o tema da atividade. No decorrer das oficinas ocorreram inúmeras interpretações espontaneas das fotografias do AFOS. As interpretações era intimamente ligadas as reflexões sobre as histórias dos movimentos negros e as poesias negras.

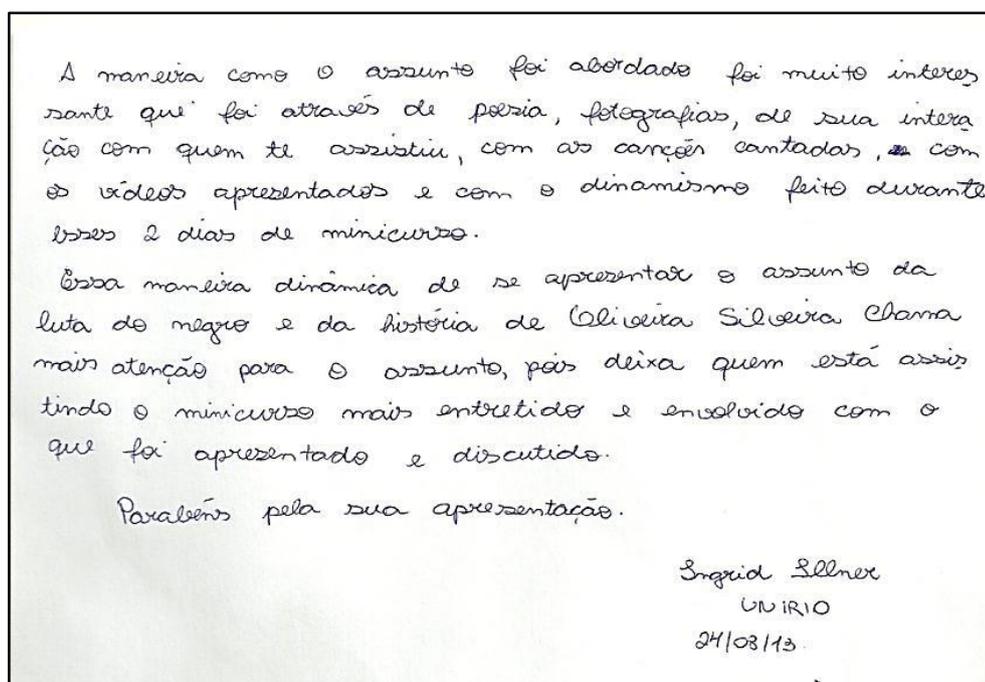
Nessa parte do trabalho, se objetivou promover a autoestima e autoimagem de negros e negras e sensibilizar o público não negro para o respeito às diferenças étnicas e acreditou-se que haveria identificação de algumas pessoas pelos assuntos abordados, mas não poderia se prever o quanto a atividade poderia influenciar de forma positiva na vida de determinados participantes, sobretudo os negros e as negras. Abaixo podem-se conferir dois depoimento sobre a atividade.



Achei os materiais oferecidos muito interessante, principalmente por fixar os lado positivo do passado negro. Adorei as poesias e os fatos que elas tiveram sobre mim!

Beijos!

Figuras 43 – Depoimento de participante do Ofcurso: “*Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira*”. VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU - agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA. Fonte: Acervo particular da autora.



A maneira como o assunto foi abordado foi muito interessante que foi através de poesia, fotografias, de sua interação com quem te assistiu, com as canções cantadas, com os vídeos apresentados e com o dinamismo feito durante esses 2 dias de minicursos.

Essa maneira dinâmica de se apresentar o assunto da luta do negro e da história de Oliveira Silveira chama mais atenção para o assunto, pois deixa quem está assistindo o minicursos mais entretido e envolvido com o que foi apresentado e discutido.

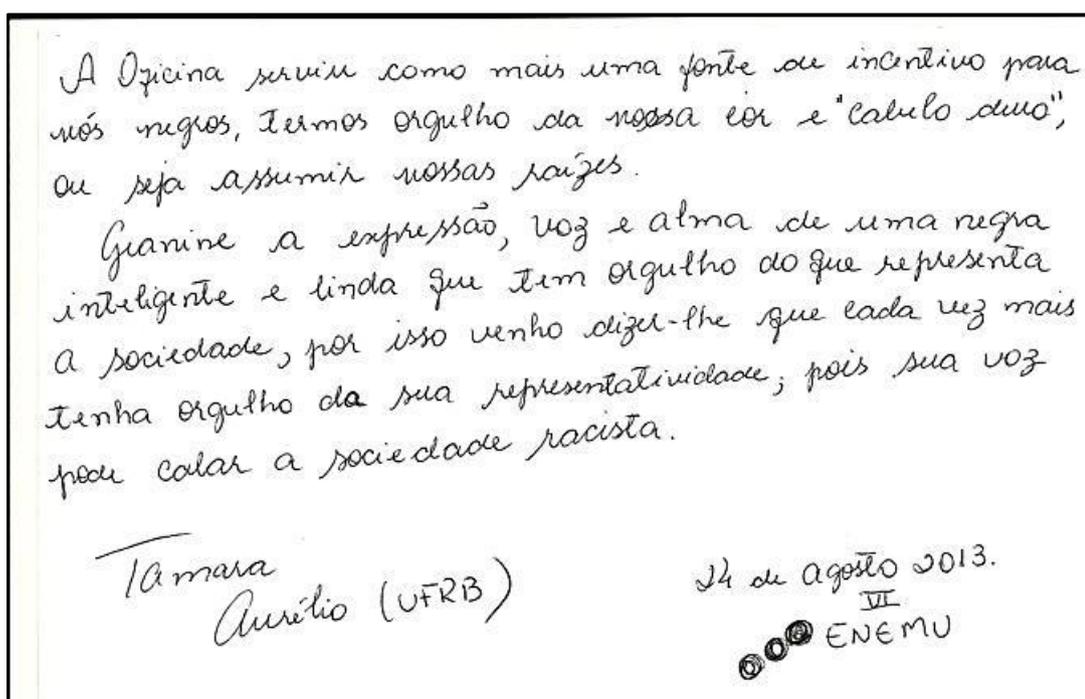
Parabéns pela sua apresentação.

Ingrid Illner  
UNIRIO  
24/03/13

Figuras 44 – Depoimento da estudante Ingrid Illner, estudante de museologia da UNIRIO sobre o Ofcurso: “*Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira*”. VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU - agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA. Fonte: Acervo particular da autora.

A autora Liv Sovik (2009) explica em seu livro “Aqui ninguém é branco” que “o valor da branquitude se realiza na desvalorização do ser negro e ela continua sendo uma medida silenciosa dos quase brancos, como dos negros”. (SOVIK, 2009, p. 55). Esse sistema racista<sup>44</sup>, que tenta destruir de variadas maneiras as manifestações negras, é questionado pelos movimentos negros.

Deste modo, a utilização de imagens positivadas desse período de auge das organizações negras, torna-se determinante na construção da identidade negra e pode vir a ser uma arma de desconstrução de estigmas, pré-conceitos e práticas racistas, induzidas cotidianamente pela branquitude.



Figuras 45 – Depoimento da estudante Tamara Aurélio, estudante de museologia da UFRB sobre o Ofcurso: “Memória da Militância Negra e a Luta Antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira”. VI Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – VI ENEMU - agosto de 2013, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira – BA.

Fonte: Acervo particular da autora.

<sup>44</sup> O racismo é um conjunto de crenças e valores que tem por base o entendimento de que os seres humanos são “naturalmente” desiguais em função da cor da pele, do cabelo, de outras características físicas e/ou culturais. O racismo nega a igualdade entre as pessoas e defende que determinados seres humanos são superiores a outros. A discriminação racial é o racismo em ação e se manifesta de diferentes formas no dia a dia das pessoas, seja na família, no local de trabalho, na comunidade e nos espaços educativos. CARREIRA, Denise. **Indicadores da qualidade na educação**: relações raciais na escola. -São Paulo : Ação Educativa, 2013.

E este é o papel do AFOS também: propor essa inversão simbólica, corroborando com idealizações políticas dos movimentos negros nacionais em busca da consciência negra. Abaixo se observa o depoimento de uma participante negra com sua visão sobre a oficina.

É possível notar o comprometimento empreendido pelos participantes em relação a proposta de análise das imagens de militância negra das décadas de 1970-1980 e a ligação entre fotografias com a poesia negra.

Nome: Davi

Poema: Encontrei minhas origens

- ~~Acervo~~

ACREDITO QUE ESTE POEMA SE RELACIONA DIRETAMENTE COM TODAS AS FOTOGRAFIAS, MAS PRINCIPALMENTE COM AS FOTOS 1, 3 e 4.

ACREDITO NISTO, EXPLICANDO AQUI, QUE TAIS FOTOS DIALOGAM DIRETAMENTE COM SUAS PALAVRAS.

1) A FOTO 1 MOSTRA UM OLIVEIRA JOVEM, COM UM LIVRO E AINDA MOSTRA UM REVENO BONDE EM UMA RUA SEM MOVIMENTO.

ISTO MOSTRA SEU PASSADO.

2) A FOTO 3 REVELA SUA ORIGEM GAÚCHA, E SUA INTERPRETAÇÃO DO NEGRO NO TRADICIONALISMO.

3) JA A FOTO 4 MOSTRA SUA PARTE DE DEBATE, JUNTAMENTE COM SEUS COLEGAS. VOZES QUE ECOMAM COMO TAMBORES.

Davi dos Santos

Figuras 46 – Análise de três fotografias do AFOS com a poema Encontrei minhas Origens de autoria de Oliveira Silveira. Davi dos Santos, participante da oficina: “Memória da Militância Negra e a Luta antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira” - I COPENE SUL – I Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul, 2013.

Fonte: Acervo particular da autora.

O prefácio do Livro “Racismo e Sociedade – Novas bases epistemológicas para entender o racismo”, de Carlos Moore, foi escrito pelo antropólogo Kabengele Munaga, o qual, logo no início, afirma: “O carrasco mata sempre duas vezes, a segunda pelo silêncio”. Essa frase, de autoria de Elie Wiesel, Prêmio Nobel da Paz, é utilizada para refletir sobre “mentiras, inverdades, coisas não ditas e silenciadas em torno da raça e do racismo na sociedade brasileira.” (MUNANGA, 2007, p.19).

Assim, percebe-se que essas iniciativas são necessárias para o fortalecimento da luta contra o racismo, mas é de suma importância destacar que a missão de abolir o racismo está longe de ser uma questão da população negra e de outros grupos discriminados. Ele é fruto das desigualdades existentes nas relações sociais entre pessoas brancas e grupos constituídos por pessoas negras, principalmente. Desse modo, superar essa estrutura desigual é um desafio e responsabilidade de toda a sociedade. (CARREIRA, 2013).

A presente pesquisa tentou desvelar parte do silenciamento que ainda permeia os patrimônios culturais negros materiais e imateriais. Davi dos Santos<sup>45</sup>, que participou de uma oficina e analisou três fotografias do AFOS, faz a ligação das imagens analisadas neste trabalho com o poema “Encontrei minhas origens”<sup>46</sup> de Oliveira Silveira e a ligação feita por ele descreve as fotografias e poesias como: “vozes que ecoam como tambores”.

Assim, compreende-se que as memórias podem também ser modificadas a partir da ampliação de registros (IZQUIERDO, 1989), por isso utilizou-se a poesia negra como mais um material de evocação, de forma que os participantes das oficinas não guardassem as imagens do AFOS isoladamente, mas lembrassem das fotografias entrelaçadas aos pensamentos da literatura negra, que difundem as visões da resistência negra através das palavras.

---

<sup>45</sup> Davi dos Santos participou da oficina: “Memória da Militância Negra e a Luta antirracista através do Acervo Fotográfico de Oliveira Silveira” - I COPENE SUL – I Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul, 2013.

<sup>46</sup> “Encontrei minhas origens/ em velhos arquivos/ livros ... / Encontrei/ em malditos objetos/ troncos e grilhetas.../ Encontrei em doces palavras/ canto/ em furiosos tambores/ ritos/ Encontrei minhas origens na cor da minha pele/ nos lanhos de minha alma/ em mim/ em minha gente escura/ em meus heróis altivos/ encontrei/ encontrei-as enfim/ me encontrei”. (SILVEIRA, 2009, p. 70-71).

#### 4. Considerações finais

A área de Memória Social e Patrimônio Cultural ainda é carente de pesquisas acadêmicas no Brasil, principalmente tratando-se de pesquisas que tenham como objetivo a salvaguarda de bens culturais materiais e imateriais da população negra no país. Por esse fato, esse trabalho faz parte de uma construção desafiadora, na qual propôs questionar silenciamentos em torno da história da população negra, em especial no período da Ditadura Militar e colocar em pauta a visibilidade do patrimônio negro brasileiro através da reflexão e ações concretas.

Na divisão que a Constituição Brasileira utiliza para os bens culturais, o Acervo Fotográfico Oliveira Silveira (AFOS) integra os bens de natureza material, sendo um bem móvel com conceito de acervo histórico e arquivístico. Portanto, o AFOS é um subsídio para sobrevivência do passado, para a preservação de uma memória e da história do negro no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul.

Desse modo, provocou-se o debate sobre a relevância dos acervos fotográficos com a temática negra como fontes interessantes para a identidade negra e a luta antirracista. Além de ter se estabelecido um comprometimento com a discussão sobre o papel da fotografia no registro de acontecimentos marcantes para as lutas sociais negras, trazendo à tona uma parte da história e da memória da população negra, até então, propositalmente silenciadas.

A pesquisa corrobora com as conquistas em prol de uma sociedade mais justa e conhecedora da sua própria história, visto que, até pouco tempo, muitas opiniões e pensamentos sociais eram “formados” com base na Educação Moral e Cívica (KONRAD, 2006, p. 100), imposta pelo sistema ditatorial. Esse mesmo sistema impediu o acesso a documentos e leituras voltadas para a sociologia, história, economia e ciência política, já que esses materiais ampliavam os conhecimentos sobre 1964. Sendo assim, “o esquecimento, mesmo que o erro histórico são fatores essenciais na criação de uma nação. Assim o progresso dos estudos históricos torna-se frequentemente um perigo para a nacionalidade” (E. Renan apud Reis Filho, 2004, p. 59).

Concordando com Daniel Araújo Reis Filho (2004), Carlos Moore (2007) afirma que “toda a tentativa de elucidação histórica que contrarie o *status quo* produz profundo receio naqueles segmentos da sociedade que, por motivos diversos, temem as consequências das iniciativas reparatórias” (2007, p. 28). Sendo assim, esse trabalho confronta o senso comum daqueles que, por ideologia ou falta de conhecimento, sustentam “o mito da democracia racial” e se apoia nas ações afirmativas para as comunidades negras, tendo em vista a busca do reconhecimento de acervos negros que exponham as lutas sociais negras - as histórias “dos que não vieram” (SILVEIRA, 2009, p. 81).

Assim, observou-se que os conceitos de identidade negra, fotografias de militância negra, conservação do patrimônio negro brasileiro, negritude e consciência negra aplicam-se às áreas do patrimônio cultural e da memória social. São pensamentos que operam na tentativa de compreensão e busca pela preservação da memória de riquezas culturais materiais e imateriais do mundo negro. Assim, é possível afirmar que o AFOS se liga diretamente a preservação das identidades, dos saberes e fazeres que contemplam a comunidade negra.

Constatou-se que é possível utilizar a fotografia que retrata a população negra, especialmente em movimentos negros organizados, retratados em imagens que confirmam a união e coletividade negra brasileira como “arma” contra o racismo, propondo mudanças estruturais, visando o desmantelamento dos estereótipos que voltam-se para a população negra, promovendo assim a diversidade em âmbito racial e político de forma contextualizada.

Conseguiu-se trabalhar com a divulgação e o debate sobre o AFOS como uma forma de preservação da memória dos acervos e pode-se disponibilizar através do registro descritivo das oficinas, uma metodologia de ação cultural que pode vir a auxiliar sobremaneira na aplicação da Lei 10.639.

Acredita-se no que dizia o escritor Oliveira Silveira no poema “Quero o passado bom”, de 1981, que faz parte da obra “Roteiro dos Tantãs, para afirmar que não existe somente um passado triste relegado a uma memória de dor às comunidades negras, então, o autor expressa: “Sem essa de mãe-preta e pai-jão / - eu quero é o passado bom! / Do quilombo dos negros / Livres no mato e de lança na mão. / Dos Palmares reais, / Dos quilombos gerais, / Troço bom demais. / Só quero

o passado bom!”. (SILVEIRA, 2012. p. 162). Quando o autor escreve querer o passado “dos Palmares reais”, ele atenta para uma realidade de narração da “negritude positivada”, que é essencialmente o intuito desse trabalho.

Ao final dessa dissertação, inseriram-se nos apêndices registros fotográficos referentes a algumas dinâmicas utilizadas nas oficinas, como: envelopes surpresa com reproduções fotográficas do Acervo Oliveira Silveira (AFOS); Pode-se conferir fotos da autora com poeta Oliveira Silveira no Espetáculo Assuma Sua Negritude em Santa Maria – RS no ano de 2007; Fotos com a Equipe de pesquisadores responsáveis pelo trabalho no Acervo Oliveira Silveira, 2013; Fotos de Reuniões da ANdC – Associação Negra de Cultura – Porto Alegre, 2013; e registros de homenagens feitas a Oliveira Silveira no ano de 2012 e 2013 nas quais a autora teve participação. Nos anexos, também se pode conferir alguns poemas utilizados nas oficinas e depoimentos escritos pelos participantes das atividades.

## REFERÊNCIAS

ABADIA, Lília. **A Identidade e o Patrimônio Negro no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Cultura - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientação de Prof. Doutor Eduardo Brito Henriques. Lisboa, 2010.

ALBERT, Verena; PEREIRA, Amílcar Araujo. Org. **Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. Pesquisando o movimento negro no Brasil. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 36, set. 2008.

Exemplo de Referência de Revista: COUTINHO, Carlos Nelson. Notas sobre Cidadania e Modernidade. In: **Estudos de Política e Teoria Social: Praia Vermelha**. Vol. 1. nº 1. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 145/166

\_\_\_\_\_. **Movimento negro e "democracia racial" no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

ARAUJO, Emanuel. **Um conceito em Perspectiva**. MUSEU AFRO- BRASIL, 2006. (Não entendi se é um livro ou se é uma revista, se for um livro, deve ficar em negrito "um conceito em perspectiva", se for uma revista, faltam elementos).

BARBOSA, Márcio; (Org.). **Frente Negra Brasileira: depoimentos\entrevistas e textos**. Edição: Quilombhoje. São Paulo: 1998.

BARBOSA, Vânia M; LOPEZ, Vanessa Albuquerque; FERNANDES, Ananda Simões (Org.). **A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): História e Memória**. Vol. 4. O Fim da Ditadura e o Processo de Redemocratização-

BASILIO, Ildeu. **Os Negros no Brasil (1888-1988): Cem anos de luta e libertação**. Trabalho referente à disciplina Introdução ao Estudo de Políticas Públicas I, do 2º semestre do curso de Gestão de Políticas Públicas da EACH/USP, para avaliação pela Profª.Drª. Marta Maria Assumpção Rodrigues. SÃO PAULO 2008. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAXSEAJ/os-negros-no-brasil-1888-1988-cem-anos-luta-libertacao>>. Acessado em 10.03.13.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade - lembrança de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p. 60-91.

BIKO, Steve. **Steve Biko e a concepção da consciência negra**. Curso de treinamento para lideranças da SASO. Dezembro de 1971. Disponível em: <http://conscienciarevolucionaria-kassan.blogspot.com.br/2009/07/steve-biko-e-concepcao-da-consciencia.html>. Acesso em: 20/01/2014.

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: Memória, tradição e identidade. In: **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v. 1, dez 2009\mar 2010, p. 43-56.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. – São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 1ª Edição: Setembro de 2009. p. 207-226.

CAMACHO, Clara (Coordenação). “**Colecção Temas de Museologia – Plano de Conservação Preventiva, Bases Orientadas Normas e Procedimentos**”. Instituto dos Museus e da Conservação. 1ª Edição, novembro de 2007.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O Grupo Palmares (1971-1978): Um Movimento de Subversão e Resistência pela Construção de Um Novo Espaço Social e Simbólico**. 2006. 196f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. **A ressignificação de Palmares: uma história de resistência**. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos, CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha – (Org.). **RS NEGRO - Cartografias sobre a produção do conhecimento**. 2ª Edição. Porto Alegre, 2010.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARREIRA, Denise. **Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola**; - São Paulo: Ação Educativa, 2013

CÉSAIRE, Aimé; MOORE, Carlos (Org.). **Discurso sobre a Negritude**. Coleção Vozes da Diáspora Negra, Volume 3. – Belo Horizonte - MG: Nandyala, 2010.

CUTI, Luiz Silva. Quem tem medo da palavra negro. **Revista Matriz: Grupo Caixa Preta**, de Porto Alegre, RS. 2010. Disponível em: <[http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/quemtemmedodapalavrane gro\\_cutti.pdf](http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/quemtemmedodapalavrane gro_cutti.pdf)>. Acessado em 04.02.2012.

CHAGAS, Mario; ABREU, Regina. **Memória e Patrimônio. Ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2ª. Ed., 2009.

CIARCIA, Gaetano. A suspensão do passado da escravidão no Benin meridional. In: **Memória, patrimônio e tradição** / Organizadoras: Maria Leticia Mazzucchi Ferreira e Francisca Ferreira Michelon; PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural, CAPES. – Pelotas : Editora e Gráfica Universitária – UFPel, 2010. 205p.

COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da. **Museologia e patrimônio nas cidades contemporâneas**: uma tese sobre gestão de cidades sob a ótica da preservação da cultura e da memória. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 87-101, jan.-abr. 2012.

DE LIMA, Michael Robert Alves. **Manual básico de processamento fotográfico em branco e preto visando a longa permanência**. In: Revista da Biblioteca Mario de Andrade Nº 52. São Paulo:Secretaria Municipal de Cultura, 1994. p.113-122.

DYER, Geoff. **O instante contínuo**: uma historia particular da fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Tempo* [online]. vol.12, n.23, 2007.

\_\_\_\_\_, Petrônio. Imprensa de cor: Jornais dirigidos por negros denunciam o preconceito e apostam na formação de uma consciência racial. In: **A Era da Escravidão**. FIGUEIREDO, Luciano. (org.). Rio de Janeiro : Editor SABIN, 2009. p. 94-101.

ESCOBAR, G. V. **O Projeto Assuma Sua Negritude e o Poeta da Consciência Negra Oliveira Silveira**. In: BAPTISTA, Jean SILVA; Cláudia Feijó. (Organizadores). (Org.). Práticas Comunitárias e Educativas em Memória e Museologia Social. 1ed. Rio Grande - RS: Universidade Federal do Rio Grande, 2013, v. 1, p. 69-83. Disponível em: <[http://www.academia.edu/7651313/PR%C3%81TICAS\\_COMUNIT%C3%81RIAS\\_E\\_EDUCATIVAS\\_EM\\_MEM%C3%93RIA\\_E\\_MUSEOLOGIA\\_SOCIAL](http://www.academia.edu/7651313/PR%C3%81TICAS_COMUNIT%C3%81RIAS_E_EDUCATIVAS_EM_MEM%C3%93RIA_E_MUSEOLOGIA_SOCIAL)>. Acessado em 20.06.2013.

FERREIRA, Francisca Michelon; SILVEIRA, Francine Tavares. (orgs). **Fotografia e Memória - Ensaios**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2008. 238 p.

FERREIRA, Maria L. Mazzucchi. **Políticas de Memória e Políticas do Esquecimento**. Revista Aurora, São Paulo, n.10, 2011, p. 102-118.

FREITAS, Décio. **Palmares a Guerra dos Escravos**. 2ª Ed. RJ: Edições Graal – Biblioteca de História, 1978. 199 p.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 3.ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997, p. 81 a 140.

GOMES, Flávio dos Santos. **Negros e Política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 93 p.

GONÇALVES, Adilson José. A Ditadura das Imagens. In: **Revista Histórica** - edição nº 14. Arquivo Público do Estado de São Paulo, setembro de 2006. Disponível: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao1>>

[4/materia02/](#)>. Acessado em 25.05.2013.

KONRAD, Diorge Alceno. Sequelas de Santa Maria Memórias do Apoio e da Resistência ao Golpe de 1964. In PADRÓS, Enrique Serra (org.). **As Ditaduras de Segurança Nacional: Brasil e Cone Sul** Porto Alegre: Comissão do Acervo da Luta contra a Ditadura\CORAG, 2006, p. 100 a 108.

KOSSILING, Karin Sant' Anna. **As Lutas Anti-racistas de Afro-descendentes sob vigilância do DEOPS \ SP (1964-1983)**. 2007. 314p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, SP, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

\_\_\_\_\_. Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.  
HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo Silveira Lacerda: Vértice, 1990.

HASSE, Geraldo; KOLLING, Guilherme. **Lanceiros Negros**. 2ª Ed. – Porto Alegre: JÁ Editores, 2006. p. 71-86.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence O. **A invenção das tradições**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOOKS, Bell. **Alisando o Nosso Cabelo**. In: Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Janeiro - fevereiro de 2005.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-0141989000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-0141989000200006&script=sci_arttext)> Acesso em 23/06/2012.

KOUTSOUKOS, Sandra M. S. O valor da aparência. Nos estúdios fotográficos, negros livres e alforriados criavam uma nova imagem para si. In: **A Era da Escravidão**. FIGUEIREDO, Luciano. (org.). Rio de Janeiro : Editor SABIN, 2009. p. 79-82.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura Negra e Ideologia do Recalque**. 3ª Ed. Salvador: EDUFBA. Rio de Janeiro: PALLAS, 2011.

LIV, Sovik. **Aqui ninguém é Branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009, p. 55-85.

MACHADO, Sátira. Mídia e Identidade Negra: em busca de reconhecimento. In: **Revista Identidade Negra: Revisitando a história da população negra no Rio Grande do Sul**. Crafica Ucha. ACMUN – Associação Cultural de Mulheres Negras. Porto Alegre – RS. 2012.

MICHEL, Johan. **Podemos falar de uma política de esquecimento?** Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.3, p. 14-26, agos.-nov. 2010.

MENEGUELLO, Cristina. **Parecer alusivo ao Processo n. 01037/2010**, referente solicitação de abertura de estudo de tombamento do edifício onde funcionou o DOI-CODI, II Exército, hoje 36ª Delegacia de Polícia, Rua Tutóia 921, São Paulo. Emitido 20 de março de 2012, Campinas, São Paulo. Disponível em: <<http://www.nucleomemoria.org.br/noticias/internas/id/306>>.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas pra entender o racismo.** Belo Horizonte : Mazza Edições, 2007. 15-53 e 279-293.

NASCIMENTO, Elisa L. (org.) **Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora.** (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4). São Paulo : Selo Negro Edições, 2009. 398p.

NERI, Vanderlei Elias. Diretas Já: a busca pela democracia e seus limites. In: **Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina, Imperialismo, nacionalismo e militarismo no Século XXI.** Londrina, UEL, 2010.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares.** Projeto História. PUC-SP. São Paulo, nº 10, p. 7-28. 5ª Edição. Dez. 1993.

PANOFISKY, Erwin. **Significado nas Arte Visuais.** Tradução: Maria Clara F. Knesse e J. Guinsburg. Editora Perspectiva S. A. 2ª Ed. São Paulo, 1979.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”.** Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 17, 2º sem. 2011.

\_\_\_\_\_, Amilcar Araujo. **“O Mundo Negro”:** a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 268p.

PINHO, Osmundo. **O Mundo Negro: Hermenêutica crítica da Africanização em Salvador.** Editora – Progressiva, Curitiba, 2010.

\_\_\_\_\_, Osmundo; SANSONE, Livio. (org.). **Raça - novas perspectivas antropológicas.** 2ª Ed revista. ABA : EDUFBA. Salvador, 2008. p. 148- 185 e 371-433.

Projeto de Extensão Pedagógica – Caderno de Educação do ilê Aiyê. **O Negro e o Poder.** Volume XIV. Salvador, 2006.

PADRÓS, Enrique Serra; GASPAROTO, Alessandra. **Gente de Menos – Nos Caminhos da Abertura no Brasil (1974-1985).** In: PADRÓS, Enrique Serra;

REIS FILHO, Daniel Aarão. "Ditadura e Sociedade: As Reconstruções da Memória". In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). **O Golpe e a Ditadura Militar - 40 anos depois (1964-2004)**. P. 29-59.

**REVISTA IDENTIDADE NEGRA: Revistando a história da população negra no RS.** Associação Cultural de Mulheres Negras. Gráfica Ucha. Porto Alegre RS, 2012. p. 4-13.

ROLLEMBERG, Denise. **Esquerdas Revolucionárias e Luta Armada.** In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs). **O Brasil Republicano.** Livro 4. O Tempo da Ditadura. Regime Militar e os Movimentos Sociais em Fins do Século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 43-91.

SANTOS, Irene. Irene Santos (org). **Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre.** Porto Alegre: Do Autor, 2005.

SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição. (org.) **Literatura, História Etnicidade e Educação:** Estudos nos contextos afro-brasileiros, africanos e da diáspora africana. Frederico Wesphalen: URI, 2011. 334 p.

SHUMAHAR, Shuma; BRAZIL, Vital. **Mulheres Negras do Brasil.** Érico. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SILVA, Jonatas Conceição da. **Vozes Quilombolas – Uma poética brasileira.** Salvador : EDUFBA : ILÊ AIYÊ, 2004.

SILVEIRA, Oliveira. **Bandone do Caverá.** Porto Alegre, edição do autor, 2008.

SILVEIRA, Oliveira. **Oliveira Silveira: Obra Reunida.** Organizado por Ronald Augusto. Porto Alegre. Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2012.

SILVEIRA, Oliveira. **Poemas: Antologia. Oliveira Ferreira da Silveira 1941 – 2009.** Seleção e Prefácio de Oswaldo de Camargo. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.

SILVEIRA, Oliveira. Palavra de Negro. In: SANTOS, Irene. . Irene Santos (org). **Negro em Preto e Branco:** história fotográfica da população negra de Porto Alegre. Porto Alegre: Do Autor, 2005. p.114-118.

SILVA, Elza E. Maran Queiroz da; CUNHA, Ivanir. **O mito da escravidão cordial sul-rio-grandense: uma discussão historiográfica.** Educ, V.1, n.9, p. 6-13, outubro 2007. Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.br/textual/out07/Revista%20Textua%20Escravidao.pdf>. Acesso em: 03 dez 2008.

SINGER, Helena. (Org.) Coleção Tecnologias do Bairro Escola - **Pesquisa-ação Comunitária** - Volume 1 - Cidade Escola Aprendiz. Edição: Associação Cidade Escola Aprendiz/Fundação Itaú Social. São Paulo – 2011.

SOUZA, Forentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 13 a 26.

TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: O Golpe Contra as Reformas e a Democracia. In: REIS FILHO, Araújo; RIDENT, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). **O Golpe e a Ditadura Militar.** 40 Anos Depois (1964-2004), p. 67-77.

#### **Documentos:**

##### **LEI 20 DE NOVEMBRO**

SANTOS, Deputado Wilson; MACHADO, Deputado Gilmar. Comissão de Educação e Cultura. (Apenso o PL 1442, de 2003). **Projeto Lei nº 6.097, de 2002. Declaração do Feriado Nacional; dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra.** Sala das Sessões, MG, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acessado em 23.06.2012.

#### **Entrevistas:**

Entrevista com Naiara Silveira concedida à Geanine Vargas Escobar. Porto Alegre, agosto de 2012.

Entrevista com Deivison Campos concedida à Geanine Vargas Escobar. Porto Alegre, setembro de 2013.

Entrevista com Juarez Ribeiro concedida à Geanine Vargas Escobar. Porto Alegre, setembro de 2013.

#### **Homepages consultadas:**

**ESTATUTO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO.** Aprovado no II Congresso Nacional Extraordinário. Rio de Janeiro, 29 a 31/03/91. Disponível em: <[http://www.4shared.com/office/vtWmk3kC/ESTATUTO\\_DO\\_MOVIMENTO\\_NEGRO\\_UN.html?cau2=403tNull&ua=WINDOWS](http://www.4shared.com/office/vtWmk3kC/ESTATUTO_DO_MOVIMENTO_NEGRO_UN.html?cau2=403tNull&ua=WINDOWS)>. Acessado em 10.06.2012.

BRASIL. **FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES** Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/a-funarte/>> Acessado em 16.07,2012.

\_\_\_\_\_. **MINISTÉRIO DA CULTURA.** Blog do Conselho Nacional de Políticas Culturais. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/cnpc/sobre-o-cnpc/>> Acessado em 10.06.2012.

**SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL** Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/novembro-mes-da-consciencia-negra>>.

Acessado em 15.06.2012.

\_\_\_\_\_. **MINISTÉRIO DA CULTURA**. Colegiado Setorial do Circo. Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/site/2009/05/06/colégiado-setorial-do-circo/> > Acessado em 10.06. 2012.

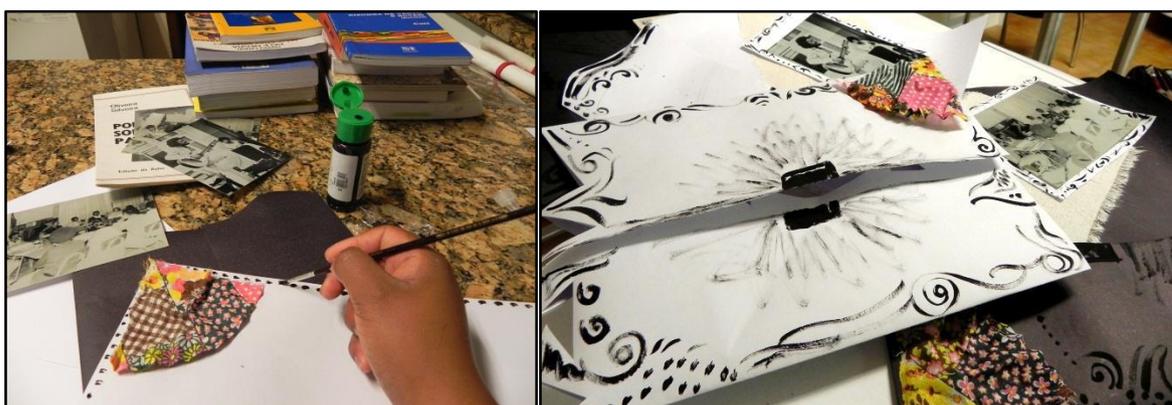
\_\_\_\_\_. **INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS**. Proposta de Museu dedicado ao circo marcou visita de Tiririca ao Ibram. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/noticias/proposta-de-museu-dedicado-ao-circo-marcou-visita-de-tiririca-ao-ibram/>> Acessado em 09.06.2012.

**PLANO NACIONAL SETORIAL DE MUSEUS – 2010 - 2020**. Brasília – DF: MinC\Ibram, 2010. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>>. Acessado em 12.10.2013.

**Apêndice A**  
**Envelopes surpresa com reproduções fotográficas do Acervo Oliveira Silveira (AFOS) juntamente com uma poesia negra de autoria de Oliveira Silveira.**



Confecção de envelopes surpresa com reproduções fotográficas do AFOS.  
Fonte: Acervo particular da autora



Detalhe da mão da autora pintando envelopes surpresa para proposta de interação na oficina;  
envelope pronto.  
Fonte: Acervo particular da autora



Envelopes surpresa com reproduções fotográficas do AFOS prontos; Participantes da Oficina:  
“Negritude Positivada: A Militância Negra através da Fotografia e Poesia de Oliveira Silveira” no 2º  
Seminário de Copesquisa em Arte: “Desejo e Reesistência” - outubro de 2013, na Universidade  
Federal de Santa Maria - RS. Fonte: Acervo particular da autora

### **Apêndice B**

**Fotos com poeta Oliveira Silveira no Espetáculo Assuma Sua Negritude em Santa Maria – RS, 2007.**

**Fotos com a Equipe de pesquisadores responsáveis pelo trabalho no Acervo Oliveira Silveira, 2013**

**Foto da Reunião da ANdC – Associação Negra de Cultura – Porto Alegre, 2013.**

**Fotos de homenagens feitas a Oliveira Silveira no ano de 2012 e 2013.**



Theatro Treze de Maio - Santa Maria. Da E para D - Oliveira Silveira, Daniel Simões dos Santos, Geanine Escobar, Gustavo Diniz e Dirlei Freitas. Santa Maria, 2007.



Theatro Treze de Maio - Santa Maria. Da E para D. Oliveira Silveira, Aline Lith e Geanine Escobar. Santa Maria, 2007.



Residência do Poeta da Consciência Negra. Coleta de dados sobre o acervo Oliveira Silveira com Naiara Silveira Lacerda. Porto Alegre, 16 de agosto de 2012. Foto: Acervo da autora.



Residência do Poeta da Consciência Negra. Parte da equipe que trabalha no Acervo Oliveira Silveira em Porto Alegre. Da E para D - Vladimir Rodrigues, Geanine Escobar, Naiara Silveira Lacerda e Thales Santos, neto de Oliveira Silveira. Porto Alegre, 30 de agosto de 2012. Foto: Eduíno de Mattos.



Reunião anual de planejamento 2013 – 2014 da ANdC – Associação Negra de Cultura, criada por Oliveira Silveira na década de 1970 e que hoje tem a frente sua filha Naiara Rodrigues Silveira Lacerda. (Parte da Equipe voluntária que trabalha no Acervo Oliveira Silveira - AOS). Da E para D – Evandoir Santos, Eliane Gonçalves, Kyzzy Barcellos Rodrigues, Naiara Rodrigues Silveira Lacerda, Vladimir Rodrigues, Maria Cristina Santos, Mamau Castro e Geanine. Porto Alegre, 2013. Foto: Acervo particular da autora.



Projeto Sopapo Poético – Ponto Negro da Poesia – 6ª Edição – No mês de agosto, amigos, familiares, poetas negros gaúchos, músicos, compositores e admiradores, prestaram uma homenagem a Oliveira Silveira. Da E-D, organizadores: Pamela Amaro, Vera Almeida, Vladimir Rodrigues, Kyzzy Rodrigues, Evandoir Santos, Cristina Santos, Mamau de Castro, Sidnei, Renato Borba, Jorge Onifade, John Silva e Sirmar Antunes. Educadoras do Sopapinho: Carmen Bycasé, Elisângela Fofonka e Isabel Nepomuceno. Colaboradoras: Naiara Silveira Lacerda (filha de Oliveira Silveira), Eliane Gonçalves e Geanine Escobar. Porto Alegre, 28 de agosto de 2012. Foto: Acervo particular da autora



“Resistência escrava, movimento negro e cotas O que tenho a ver com isso?” – evento organizado pelo Coletivo Negração – Coletivo de estudantes negros da UFRGS. Palestra: Arilson dos Santos Gomes e Atividade Cultural com Geanine Escobar. Nesta noite foi feita uma homenagem ao poeta Oliveira Silveira. Foto: Acervo particular da autora.

### Associação Negra de Cultura homenageia Oliveira Silveira 17.08.13

A Associação Negra de Cultura executou no dia 17 de agosto de 2013 uma caminhada pelos pontos significativos para a história do negro no centro de Porto Alegre. Essa caminhada foi uma homenagem ao aniversário do poeta Oliveira Silveira que ocorreu dia 16/08. Se estivesse vivo, Oliveira estaria completando 72 anos. Por várias vezes Oliveira Silveira promoveu essa caminhada com amigos e membros de diferentes entidades do movimento negro. Geanine Escobar fez os registros fotográficos da caminhada.<sup>47</sup>



Associação Negra de Cultura homenageia Oliveira Silveira 17.08.13.  
Fotos: Acervo particular da autora

---

47

Disponível

em:

<[https://www.facebook.com/geaninee/media\\_set?set=a.414866765289784.1073741852.100002993922521&type=3](https://www.facebook.com/geaninee/media_set?set=a.414866765289784.1073741852.100002993922521&type=3)>.



Naiara Silveira Lacerda e Geanine Escobar ao final da caminhada em homenagem a Oliveira Silveira. Foto: Acervo particular da autora.

**Anexo A:**  
**Poemas utilizados nas Oficinas**

## **NO MAPA**

Pelo litoral  
ficou de norte a sul  
nagô.  
Ficou no recife:  
Xangô.  
Na Bahia ficou:  
candomblé.  
No Rio Grande é o quê?  
- Batuque, tchê.  
Filho de santo  
de bombacha,  
Ogum  
comendo churrasco:  
jeito  
gaúcho  
do negro  
batuque.

Oliveira Silveira

## **SOU**

Sou a palavra cacimba  
prá sede de todo mundo  
e tenho assim minha alma  
água limpa e céu no fundo.

Meu canto é faca de charque  
voltada contra o feitor  
dizendo que minha carne  
não é de nenhum senhor.

Sou quicumbi e moçambique  
no compasso do tambor.  
Sou um toque de batuque  
em casa de jeje-nagô.

Sou a bombacha de santo,  
sou o churrasco de Ogum.  
Entre os filhos desta terra  
naturalmente sou um.

Oliveira Silveira

## **ENCONTREI MINHAS ORIGENS**

Encontrei minhas origens  
em velhos arquivos  
..... livros  
encontrei  
em malditos objetos  
troncos e grilhetas  
encontrei minhas origens  
no leste  
no mar em imundos tumbeiros  
encontrei  
em doces palavras  
..... cantos  
em furiosos tambores  
..... ritos  
encontrei minhas origens  
na cor de minha pele  
nos lanhos de minha alma  
em mim  
em minha gente escura  
em meus heróis ativos  
encontrei  
encontrei-as  
Enfim me encontrei.

Oliveira Silveira

## **CONCEITO**

Negritude  
Uma negra  
Atitude  
Uma forte  
Atitude  
Decidida  
Atitude  
De ser negro  
Negritude  
... realidade (sendo)  
Uma escolha  
Não-neutra  
De vida  
Do ser... (Bete)  
Negritude  
Uma... poesia  
Uma sensibi-(li)  
Dade  
De se sentir.

Oliveira Silveira

## TREZE DE MAIO

Treze de maio traição, liberdade sem asas e fome sem pão  
Liberdade de asas quebradas como... este verso.  
Liberdade asa sem corpo: sufoca no ar, se afoga no mar.  
Treze de maio – já dia 14  
o Y da encruzilhada:  
seguir, banzar, voltar?  
Treze de maio – já dia 14  
a resposta gritante:  
pedir, servir, calar.  
Os brancos não fizeram mais  
que meia obrigação  
O que fomos de adubo  
o que fomos de sola  
o que fomos de burros cargueiros  
o que fomos de resto  
o que fomos de pasto  
senzala porão e chiqueiro  
nem com pergaminho  
nem pena de ninho  
nem cofre de couro  
nem com lei de ouro.  
O que fomos de seiva, de base, de Atlas  
o que fomos de vida e luz, chama negra em treva branca  
... quem sabe só com isto: que o que temos nós lutamos  
para sobreviver e também somos esta pátria em nós ela está plantada  
nela crispamos raízes de enxerto mas sentimos e mutuamente arraigamos  
....quem sabe só com isto: que ela é nossa também, sem favor, e sem pedir respiramos seu ar  
....a largos narizes livres  
bebemos à vontade de suas fontes  
... a grossas beiçadas fartas  
tapamos-destapamos horizontes  
....com a persiana graúda das pálpebras  
escutamos seu baita coração  
....com nosso ouvido musical  
e com nossa mão gigante, batucamos no seu mapa  
....quem sabe nem com isso  
e então vamos rasgar  
a máscara do treze  
para arrancar a dívida real  
com nossas próprias mãos.

Oliveira Silveira

## **CABELOS QUE NEGROS**

Cabelo carapinha,  
engruvinhado, de molinha,  
que sem monotonia de lisura  
mostra-esconde a surpresa de mil  
espertas espirais,  
cabelo puro que dizem que é duro,  
cabelo belo que eu não corto à zero,  
não nego, não anulo, assumo,  
assino pixaim, cabelo bom que dizem que é ruim  
e que normal ao natural  
fica bem em mim, fica até o fim  
porque eu quero,  
porque eu gosto, porque sim,  
porque eu sou  
pessoa negra e vou  
ser mais eu, mais neguim  
e ser mais ser  
assim.

Oliveira Silveira

## **NEGRO NO SUL**

No sul o negro charqueou  
Lavrou  
Carreteou  
No sul o negro congou  
Bumbou  
Batucou  
A negra no sul cozinhou  
Lavrou  
Diabo a quatro  
No sul o negro brigou  
Guerreou  
Se libertou  
Quer dizer: ainda se liberta  
De mil disfarçadas senzalas  
Prisões  
Diabo a quatro  
Onde tentaram mantê-lo agrilhado  
Oliveira Silveira

## **OBRIGADO, MINHA TERRA**

Obrigado rios de São Pedro  
pelo peso da água em meu remo.  
Feitorias do linho-cânhamo  
obrigado pelos lanhos. Obrigado loiro trigo pelo contraste comigo.  
Obrigado lavoura  
pelas vergas o meu couro.  
Obrigado charqueadas  
por minhas feridas salgadas.  
Te agradeço Rio Grande  
o doce e o amargo  
pelos quais te fiz meu pago  
e as fronteiras fraternas  
por onde busquei outras terras.  
Agradeço teu peso em meus ombros  
músculos braços e lombos.  
Por ser linha de frente no perigo  
laceando teus inimigos.  
Muito obrigado  
pelo ditado  
“negro em posição  
é encrenca no galpão”  
Obrigado pelo preconceito  
com que até hoje me aceitas.  
Muito obrigado pela cor do emprego  
que não dás porque sou negro.  
E pelo torto direito  
De me nomear pelos defeitos.  
Tens o lado bom também -terra natal sempre tem.  
Agradeço de todo coração  
E sem nenhum perdão.

Oliveira Silveira

## **Anexo B**

### **Depoimentos de participantes das Oficinas**

A poesia Negro no Sul de Oliveira Silveira destaca o protagonismo dos negros e negras na formação do Rio Grande do Sul, juntamente com a fotografia 3, um "novo gaúcho" vem a tona, já que o mito do gaúcho foi criado ressaltando a figura do homem branco guerreiro.

O homem negro pilchado ~~de~~ bebendo ~~café~~ chimarrão na foto e a poesia Negro no Sul deveriam estar nos livros didáticos da história do Rio Grande do Sul para mudar o estereótipo do gaúcho. Agora Oliveira Silveira é a própria representação do herói gaúcho!

Priscila Pereira - UFRGS

→ A relação da imagem 5 com o poema Sou

Eu fiz esta relação porque o poema Sou faz referência a agência do negro de que o negro foi sim escravizado e até coisificado, mas que resistiu negociou e se libertou e principalmente quer ver a sua história reconhecida, dita "O 20 de novembro representa esta História de luta resistência"

"Se você não tem o valor que o preto tem, branco tu tomava um boné de 'Piche' e ficava Preto Também."

Danusa - 26/07/2013

A princípio fiquei apreensiva para ~~participar~~ participar da oficina, pois apesar de ser negra discordo de algumas colocações ~~de~~ alguns grupos negros, no que concerne ao "aprimoramento" do negro a uma figura que emana sofrimento. Na minha concepção o ser sofrível não tem voz, apenas lamento e por isso que muitas vezes ~~eu~~ não me engajo em alguns grupos ~~ligados~~ ligados a questões negro.

Nessa oficina me encantei com outra abordagem sobre a questão negra, fiquei motivada em ler mais sobre essa questão, e é claro que vou aprofundar a leitura das poesias de Oliveira Silveira.

É vale ressaltar que sou estudante de Cinema e Audiovisual e já ouvir, li e discuti muito sobre a representação do negro no cinema brasileiro, então acredito que ~~o~~ esse viés de discussões até hoje era o meu foco de ~~(discussão)~~ discussão sobre o negro. A partir dessa oficina vou buscar na poesia mais questões para a branger a minha ~~for~~ perspectiva.

Danielle Rodrigues

Na poesia "Urtigoda, minha terra" o autor  
 usa a Foto 1 Com o seguinte verso  
 "Falei tanto e direito de me lembrar  
 Pelos defeitos" ou seja nesta foto  
 traz a quarta dos estratipos  
 do negro, trazendo uma  
 imagem de próprio Ulineira  
 Silveira com um livro, mostrando  
~~na questão~~ o contrário que  
 a mídia ou livros didáticos fazem  
 com a imagem do negro  
 em uma questão inferior.

Anelise Cardoso

Geanine,  
 Continue a usar o canto e a  
 poesia como arma contra o racismo,  
 pois é a mais bela maneira de combater  
 a maldade e o preconceito. Cachoeira  
 24/08/13 UFRB  
 Ivan Domingos Amaral

Quando paucino sabia de mim através do outro  
 mais me reconheço como parte da herança de  
~~o~~ rosto dos meus ancestrais...

~~Ho~~ ~~os~~ registros

Ho um caminho, pegadas, rastros em que  
 o "poeta" se reconhece e se constrói... Entre  
 os registros genéticos e culturais sua pele vai  
 se tecendo, elaborando linhas coletivas que  
 quando ele se encontra e vê sua identidade  
 por consequência ilumina sua gente...  
 Como se sobre as pegadas surgissem o peso  
 dos passos de muitos que caminham a mais  
 e ~~o~~ cantam na esperança...

Resistência / encontro / canto de liberdade!

O curso ministrado por Geomine  
 a ele de modo satisfatório, pude conhecer  
 os movimentos de resistência pela igualdade  
 em outros estados, no caso o do Rio Grande  
 do Sul assim como o poeta e fotógrafo  
 Oliveira Silveira.

O mais interessante foi conhecer as possibilidades  
 de se trabalhar e conhecer outras fontes como  
 as que a Geomine nos apresentou.

Aderi a dinâmica dialética aplicada no  
 desenvolvimento do curso.

O curso foi excelente  
 graças a oportunidade.

Somália Silva Belém (PA)  
 graduanda em Arts visuais

O curso teve uma excelente esboço a respeito da origem da raça negra, teve bastante conteúdo, e despertou interesse ao público.

Particularmente devido a maneira de falar se expressar, com sua linda voz e olho no olho de cada um, mantém a atenção de quem está lhe escutando, e isto possibilita a atenção das pessoas.

Antônia Fernanda dos Anjos dos Santos

## O muro - Oliveira Silveira

"Bater contra o muro duro", interpreto como se fosse uma dificuldade, um grande obstáculo a enfrentar.

"Esfelar minhas mãos no muro" é a reação do corpo e/ou da mente ao enfrentar a dificuldade.

"tento longe o salto e pulo", há uma conquista, um avanço positivo nessa luta.

"deu nas paredes do muro duro" ainda há grande resistência e força pra continuar.

"não desisto de força-lo  
hei de encontrar um furo  
por onde ultrapassá-lo."

Ainda há esperança e forças  
para atingir a liberdade e vitória.

Foto nº 5.

Comentários e análise  
Camila Höher

## NEGRO NO SUL

No poema o autor traz a história do negro na época da escravidão no sul.

- escravidão → como era a vida do negro
- cultura
- cozinheira / cuidar da casa / cuidar dos filhos dos senhores
- Rendição Foucaupilha → lanças negras
- filh / presente
- "diabo e quatro" → expensas / goiêcho.

↳ FOTO: "ainda se liberta"  
↳ discussões de assunto  
↳ movimento / criação

Totoni Rebelatto

## ↳ WLAS PEREIRA

No poema SOU O AUTOR DESCREVE-SE ETE COMO SE TIVESSE SIDO ALGUNS ELEMENTOS, COMO: REMO, ENXADA, PEDRA DE CONSTRUÇÃO. ALÉM DE, SE AUTO DECLARAR CONCEITO SUBJETIVOS, COMO: "SOU HOJE A PALAVRA BASTA"; JÁ FUI PALAVRA CANÇA.

TANTO OS ELEMENTOS QUANTO OS CONCEITOS SUBJETIVOS TRATAM DE SÍMBOLOS LIGADOS A HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL. O POEMA PARECE PRETENDER RELATAR, DE UMA FORMA LEVE, O ELEMENTOS SÍMBOLICOS QUE REPRESENTAM UMA PARTE DA HISTÓRIA DO BRASIL, DESCONHECIDA POR A TOTALIDADE DE BRASILEIROS.

DESTACAMOS A FRASE "NEO CANTO É PICA DE CHARQUE" POR

VI ENEMU

É O PRIMEIRO ENCONTRO NACIONAL EM QUE PARTICIPO,  
 É DE GRANDE APROVEITAMENTO ESSES ENCONTROS, FICOU  
 MUITO FELIZ COM A OFICINA, E QUE OS PRÓXIMOS ENCON-  
 TROS SEJAM AQUI NA BAHIA OU EM OUTRO ESTADO, POSSAM  
 SER BENEFICANTES E SEM APROVEITADOS.

É VOTÊ GERARINE, O CURSO DE MUSEOLOGIA, NÃO  
 PODERIA TER ALGUÉM MELHOR DO QUE VOCÊ, PARA  
 FAZER PARTE DESSE SEMINÁRIO.

OBRIGADO!!

SEJA MUITO FELIZ!!!

Luís Coimbra  
 21.06.87

Fazer poesia não é apenas escrever e assinar. Mas interpretar as batidas de um coração digno e justo quando em prol de uma grande família recortada pela ignorância de saber entender.

Bom dia forma de passar informações, conscientizar, tentar...

Parabéns!

Ana Cláudia Araújo